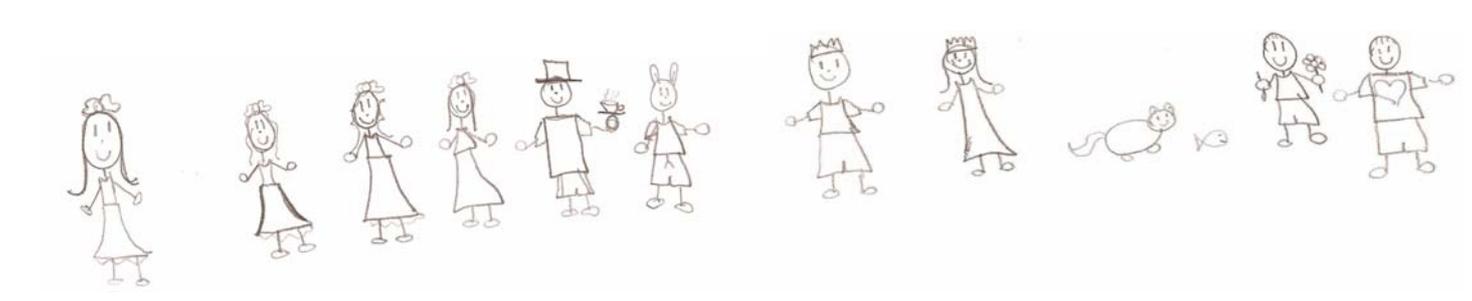


**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

MÁRCIA LAGUA DE OLIVEIRA

**“AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS
MARAVILHAS” E NA EMIA: WINNICOTT E A
EDUCAÇÃO**



**São Paulo
2009**



Imagem de Alice in CARROLL, L. *Alice: edição comentada*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica

**“AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS
MARAVILHAS” E NA EMIA: WINNICOTT E A
EDUCAÇÃO**

MÁRCIA LAGUA DE OLIVEIRA

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como parte dos requisitos
para obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

Curso: Doutorado em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Clínica

Aluna: Márcia Lagua de Oliveira

Orientadora: Profa. Dra. Ivonise Fernandes da Motta

São Paulo
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Oliveira, Márcia Lagua de.

“As aventuras de Alice no país das maravilhas” e na EMIA:
Winnicott e a educação / Márcia Lagua de Oliveira;
orientadora Ivonise Fernandes da Motta. -- São Paulo, 2009.
170 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) –
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise e educação 2. Espaço potencial 3. Criatividade 4. Literatura infantil (Psicologia) 5. Winnicott, Donald Woods, 1876-1971 I. Título.

LB1092

**“AS AVENTURAS DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS” E NA EMIA:
WINNICOTT E A EDUCAÇÃO**

MÁRCIA LAGUA DE OLIVEIRA

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ivonise Fernandes da Motta

Tese defendida e aprovada
em: __/ __/ 2009.

Às minhas queridas filhas

Fabiana e Fernanda

Ao meu querido Pai Felício (inmemorian)

*“Um dom as fadas me deram (três
em geral concediam outrora):
O amor aos livros, a chave de ouro
que abre a porta encantada.”*

Andrew Lang

*“Nós queremos aprender tudo que
nos ensinam na escola, mas, por favor,
deixem-nos os sonhos.”*

Paul Hazard

Os livros, as crianças, os homens...

Juntos naquela tarde dourada
Deslizávamos em doce vagar,
Pois eram braços pequenos, ineptos,
Que iam os remos a manobrar,
Enquanto mãozinhas fingiam apenas
O percurso do barco determinar.

Ah, cruéis Três! Naquele preguiçar,
Sob um tempo ameno, estival,
Implorar uma história, e de tão leve alento
Que sequer uma pluma pudesse soprar!
Mas que pode uma pobre voz
Contra três línguas a trabalhar?

Imperiosa, Prima estabelece:
“Começar já”; enquanto Secunda,
Mais brandamente, encarece:
“Que não tenha pé nem cabeça!”
E Tertia um ror de palpites oferece,
Mas só um a cada minuto.

Depois por súbito silêncio tomadas,
Vão em fantasia perseguindo
A criança – sonho em sua jornada
Por uma terra nova e encantada,
A tagarelar com bichos pela estrada
- Ouvem crédulas, extasiadas.

E sempre que a história esgotava
Os poços da fantasia,
E debilmente eu ousava insinuar,
Na busca de o encanto quebrar:
“O resto, para depois... “Mas já é depois!”
Ouvia as três vozes alegres a gritar.

Foi assim que, bem devagar,
O País das Maravilhas foi urdido,
Um episódio vindo a outro se ligar –
E agora a história está pronta,
Desvie o barco, comandante!
Para casa!
O sol declina, já vai se retirar.

Alice! Recebe este conto de fadas
E guarda-o, com mão delicada,
Como a um sonho de primavera
Que à teia da memória se entretece,
Como a guirlanda de flores murchas que
A cabeça dos peregrinos guarnece.

Lewis Carroll
(Trad. Maria Luiza X. de A. Borges)

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Ivonise Fernandes da Motta, pela orientação e dedicação ao me acompanhar nas aventuras pessoais e profissionais que resultaram neste trabalho e por dar continência aos meus limites e dificuldades durante a realização do mesmo.

Ao Prof. Dr. Lino de Macedo, meu querido guia e sempre mestre orientador por todo acolhimento e ensinamentos nestes anos de convivência.

Ao Prof. Dr. Kleber Duarte Barreto, pela bem humorada disponibilidade e pelas contribuições e sábios avisos por ocasião do Exame de Qualificação.

À Profa. Dra. Sueli Hisada, pelo amor pelas histórias e pela competência e delicadeza de seu olhar clínico.

À Profa. Dra. Marina Célia Moraes Dias, pela sensibilidade diante do conhecimento, da Arte e das amizades.

À Profa. Dra. Marina Marcondes Machado, por seu cuidado com a *flor da vida* e por me ajudar na preparação, em mim, de uma *sementeira para a fenomenologia*.

Às minhas preciosas companheiras nesta jornada: Cristina Sueko Obara, Ana Lúcia H. Gomes e Denise S. Careta, por nossa união na alegria e na tristeza, na saúde e na doença.

À EMIA e todos que dela fazem parte pela vivência e convivência artístico-pedagógica.

Aos meus alunos, com quem tanto aprendi e aprendo e às suas famílias pela confiança em mim depositada.

Aos meus colegas Daniela Rizzi Bozzo e Francisco Luiz da Costa Carvalho, por terem compartilhado comigo das muitas aventuras aqui relatadas.

À Profa. Dra. Ecléa Bosi, por me oferecer, com suas aulas, uma poltrona especial *para eu descansar e ler histórias*.

A todos que com sua amizade e contribuições me acompanharam nesta desafiadora trajetória: Zakie Rizkallah Yazigi, Profa. Dra. Vitória Helena Cunha Espósito, Sonia Maria Caetano de Souza, Christiane Camps, Clarissa Medeiros, Clélia Lagazzi Russo Pastorello, Teresa Cristina Rego, Nidia Leão, Marcelo Rodrigues Santini, Fabio Marques, José Paulo da Rosa, Márcia Soares Andrade, Evandro Brito da Silveira, Celeste Aida Magnocavallo, Thelma Antas Penteado, Maristela Alberini Loureiro e Maria Berenice Almeida.

Aos meus queridos e fiéis parceiros de todas as horas Janinha e Amílcar Yazbek.

À minha mãe, pelo valor que sempre deu aos estudos e ao brincar e por me ensinar que podemos *pensar com nossos botões*.

Às minhas *hermanas fremosas* - Sandra, Lídia e Rosana pelos afetos, sentimentos, cantares, saberes e fazeres que nos unem.

Aos meus cunhados Eugênio, David e Ricardo e ao meu sobrinho Felipe, por serem fiéis escudeiros diante de meus pedidos de ajuda em uma família com tantas mulheres.

Às minhas sobrinhas Vivian, Maria Eugênia e Olívia - queridas *Alices* companheiras de livros, poesias e sonhos.

À Maria de Fátima por assumir com carinho e dedicação a operacionalização das tarefas diárias de nossa casa.

Às minhas amadas filhas Fabiana e Fernanda companheiras co-autoras de muitas histórias de minha vida.

Ao meu querido marido Cláudio que gosta de ser um *velho lobo do mar* e que me aprisionou com seu *Bolero* pelo mundo dos mares sem fim.

Lista de Fotos, Desenhos e Figuras

Alice	01
Alice	49
Foto do teatrinho (Márcia e as crianças)	53
Desenho do Rói Rói	54
Desenho do Rói Rói	55
Foto das crianças teatrinho de fantoches	56
Capa do Livro – Ruy Castro e Laura Beatriz	85
Foto <i>Vou fazer a Alice e Olha a chave laranja!</i>	88
Foto <i>Vou fazer a Alice grande!</i>	89
Foto das crianças com as casinhas	109
Foto das crianças com as casinhas	110
Exposição – As casinhas de Alice	116
Capa do Livro L. Carroll (trad Monteiro Lobato)	120
Letra da Música <i>Como Uma Onda</i> – Lulu Santos	133
Partitura – <i>Alice in wonderland</i>	134
Roteiro das crianças	135
Folder da Programação de 28/11/2004 - Teatro João Caetano	139

ANEXOS

Anexo 1 – Música e letra de Paulinho Rosa.....	171
Anexo 2 Termo de consentimento.....	172
Anexo 3 Carta de uma mãe.....	173

Sumário

LISTA DE FOTOS, DESENHO E FIGURAS.....	x
RESUMO.....	xiii
ABSTRACT.....	xiv
RÉSUMÉ.....	xv
INTRODUÇÃO.....	01
Trajetória pessoal e percurso profissional.....	01
Winnicott – Espaço potencial	10
Wnnicott e a educação.....	17
O valor das histórias e “Alice no país das maravilhas”	21
Pesquisas com história na escola e na clínica em uma perspectiva de Winnicott	26
A EMIA – Escola Municipal de Iniciação Artística.....	35
Objetivos da pesquisa.....	37
A PESQUISA.....	38
O primeiro semestre e sua preparação para os dois estudos do segundo semestre	43
Descrição das atividades e procedimentos nos dois grupos.....	46
O Projeto Alice no País das Maravilhas – Prólogo.....	76
Os saberes prévios das crianças sobre Alice.....	78
Estudo 1 – “As casinhas de Alice”	82
Estudo 2 – “Alice, Alice, Alice”	117
Os comentários do professor Chico Lu.....	140
O ponto de vista das crianças.....	141
DISCUSSÃO.....	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
REFERÊNCIAS.....	165
ANEXOS.....	171

RESUMO

OLIVEIRA, M. L. de. “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas” e na EMIA: Winnicott e a educação. São Paulo. 2009. 170p. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

O objetivo deste trabalho é discutir as histórias como experiência cultural facilitadora do desenvolvimento infantil e suas ressonâncias através do próprio processo em sala de aula: relação com o professor, interação no grupo, produções, histórias trazidas pelas crianças. Para tanto vamos considerar transicionalidade e espaço potencial no espaço institucional.

A pesquisa parte de uma investigação psicanalítica que está para além dos muros do consultório e da escola regular e que considera como referência o conceito de espaço transicional, trazido por D. W. Winnicott, pediatra e psicanalista inglês (1896-1971).

As indagações e as reflexões aqui levantadas visam contribuir para a prática de todos aqueles que trabalham com crianças, buscando novos olhares que contemplem o interrelacionamento e a posição estruturante do outro no desenvolvimento humano e na constituição da experiência cultural. As aventuras de *Alice no País das Maravilhas* são utilizadas como fio condutor.

O tripé psicanálise, educação e cultura implica o encontro com outros autores/pensadores/interlocutores nesta caminhada.

O material foi coletado em dois semestres, em dois grupos de 12 crianças da Escola Municipal de Iniciação Artística – EMIA, sendo o primeiro uma classe de crianças de seis anos e o segundo uma classe de crianças de 9/10 anos.

Observações *in loco*, anotações, registros em vídeo, fotos, gravações em fita cassete, registros escritos; coleta de desenhos, de histórias e outros materiais produzidos pelas crianças; encontros com os pais, além da experiência vivida são os instrumentos fundamentais deste processo de pesquisa.

Palavras-chave: 1. Psicanálise e educação 2. Espaço Potencial 3. Criatividade 4. Literatura infantil (Psicologia) 5. Winnicott, Donald Woods, 1876-1971 I. Título

Oliveira, Márcia Laguna de. The adventures of Alice in Wonderland and at EMIA: Education and Winnicott. São Paulo, 2009, 170p – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

The aim of this study is to discuss stories as cultural experience, facilitating children's development and their effect in the process itself in the classroom - relationship with the teacher, interaction in the group, productions, stories brought by the children. Therefore let us consider transitionality and potential space in the institutional space.

The research starts from a psychoanalytic investigation which is beyond the consulting office walls and the regular school. According to D. W. Winnicott, the English pediatrician and psychoanalyst (1896-1971), the concept of transitional space should be considered.

The doubts and reflections brought up here aim to contribute to the practice of those who work with children, seeking new eyes that contemplate the interrelation and the structural position of others in human development and in constitution of cultural experience. The adventures of Alice in Wonderland are used as a consulting wire.

The tripod psychoanalysis, education and culture, need to have other authors, thinkers, interlocutors in this process.

The material was collected in two semesters from two groups of 12 children each, studying at "Escola Municipal de Iniciação Artística – EMIA". One class had 6-year-old children and the other had 10-year-old children.

In loco observations, notes, records on video, photos, recordings on tape, written registers, drawing collections, stories and other materials (produced by the children), parents' meetings, besides the experience are the fundamental tools of this research process.

Key words: 1. Psychoanalysis and education 2. Potential space 3. Creativity 4. Infant Literature (Psychologie) 5. Winnicott, Donald Woods, 1876-1971 | Title

OLIVEIRA, M. L. de. “Les aventures d’Alice au pays des merveilles” et a EMIA: Winnicott e éducation. São Paulo. 2009. 170 p. Thèse de doctorat présentée a l’Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Ce travail a pour but de réfléchir sur les *histoires* comme expérience culturelle facilitante du développement de l’enfant et sur leurs répercussions en salle de classe où ce processus même est mis en oeuvre: relation avec le professeur, interaction dans le groupe, productions, histoires apportées par les enfants. À cette fin nous allons prêter attention au transitionnel et à l’espace potentiel dans l’espace institutionnel.

Cette recherche a comme support méthodologique une investigation psychanalytique, qui se situe par delà les murs du cabinet de consultation et ceux de l’école que l’enfant fréquente régulièrement, et dont la référence est le concept d’espace transitionnel qui nous a été apporté par le pédiatre et psychanalyste anglais D.W. Winnicott (1896-1971).

Les questions soulevées et les réflexions qu’elles suscitent visent à apporter une contribution à la pratique de tous ceux qui travaillent auprès des enfants et invitent à se mettre en quête de nouveaux regards susceptibles de donner toute leur place aux relations mutuelles et à la position structurante de l’autre dans le développement humain et la constitution de l’expérience culturelle. Les aventures d’*Alice au pays des merveilles* sont utilisées comme fil conducteur.

La trilogie psychanalyse, éducation et culture implique la rencontre d’autres auteurs/penseurs/ interlocuteurs au long de ce parcours.

Le matériel a été collecté durant deux semestres dans deux groupes de 12 enfants de l’École Municipale d’Initiation Artistique de São Paulo (Brésil). Il s’agit pour le premier groupe d’une classe d’enfants de six ans et pour le second d’une classe d’enfants de dix ans.

Observations *in loco*, annotations, enregistrements sur cassette vidéo, photos, enregistrements sur cassette audio, écrits divers, collecte de dessins, d’histoires et autres matériels produits par les enfants, rencontres avec les parents, à quoi s’ajoute

l'expérience vécue, tels ont été les éléments fondamentaux de ce processus de recherche.

Mots-clés

1. Psychanalyse et éducation
2. Espace potentiel
3. Créativité
4. Littérature pour enfants (psychologie)
5. Winnicott, Donald Woods, 1876-1971 I. Titre.

INTRODUÇÃO

- Trajetória pessoal e percurso profissional

A lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada.

W. Stern

Ao iniciar esta introdução retomo como referência as questões que deram origem e acompanharam meu Mestrado, quanto à relação arte e construção do conhecimento como uma possível contribuição para o cotidiano em sala de aula.

Após o Mestrado, a experiência docente em cursos de especialização e em cursos de formação para diretores, equipes técnicas, equipes clínicas (fonoaudiólogos, psicólogos), professores de educação infantil e ensino fundamental, monitores de alfabetização para jovens e adultos e o trabalho com pais, tem me mobilizado com novas perguntas.

Quais as marcas deixadas pelo que foi vivenciado na infância? Músicas, brinquedos, brincadeiras, jogos, histórias? Que significado essas experiências tiveram individual e coletivamente e como elas se manifestam?

Estas indagações me desafiaram e me desafiam, na presente pesquisa, a refletir criticamente sobre teoria e prática, buscando a constituição de novos espaços em que o simbólico possa ter a função de criar interfaces entre as histórias de cada um, as histórias ouvidas, lidas, contadas ou criadas coletivamente, ou seja, que a construção da história de cada um se articule com o que pertence à realidade compartilhada, num encontro e numa troca constante com o outro e com o mundo.

Ainda hoje, onde encontrar o lugar do sonhar, do brincar nas instituições educacionais? Como contribuir tanto para a reflexão quanto para a ação tendo como ponto de partida as questões teórico-práticas decorrentes das experiências aqui relatadas?

*

*tempo presente e o tempo passado
Estão ambos talvez presentes no tempo futuro
E o tempo futuro contido no tempo passado...*

T. S. Eliot

Desde criança o fascínio por histórias me acompanha. Em minha infância, em casa, havia espaço para soltar a imaginação, viver personagens em mundos distantes, enfrentar obstáculos em mil aventuras através de histórias inventadas, contadas, imaginadas, lidas, sonhadas.

O quintal era o lugar que permitia construir casinhas, ser princesa, fazer comidinha, subir em árvores.

Na rua as crianças podiam brincar de barra-manteiga, *uni-duni-tê*, cabra-cega, corre-cutia, pega-pega, batata-quente. Podiam também andar de bicicleta, sentir o vento no rosto, levar alguns tombos.

Dentro de casa, nos dias de chuva, no inverno ou ao escurecer, era a hora de cantar, ouvir músicas e histórias, usar lousa, giz, tinta, massinha, lápis e papel.

As histórias das avós e bisavós me parecem hoje as mais remotas e marcantes em minha memória.

São Paulo, a Praça da Sé onde nasceu minha avó paterna, os brinquedos e brincadeiras cantadas.

*No comércio, larango
Lá na praça, larengo
Tem um laço, laraço
De algodão.
Tudo passa, larango
Tudo prende, larengo
Só eu fico, larico
Na prisão.*

As lapinhas como Borboleta Pequenina, as orações, as ladainhas, os objetos religiosos – livros de missa, terços, velas, fitas das Congregações religiosas, tesouros guardados e apresentados juntamente com suas histórias, como a marca de sangue deixada no pequeno livro de missa, com capa de couro branca, em consequência de um corte no dedo de meu pai no dia de sua de Primeira Comunhão.

Os encontros e desencontros amorosos, as venturas e desventuras românticas, a coleção de cartões postais.

A tuberculose, a sífilis, a hanseníase, a pneumonia, a morte por falta da ainda não inventada penicilina. A Santa Casa de Misericórdia, o fogo fátuo dos cemitérios.

Os livros, a importância do francês para uma boa educação. Os passeios na praça e os bailes.

Da Espanha, histórias de lobos, de castanheiros, da casa de ardósia, do cuidado para que não pegasse fogo no rabo do gato que assustado corria e

poderia incendiar a casa durante o forte inverno; de morte e de doença nas guerras. A imigração. Músicas, danças – castanholas e *mantón*¹.

Os retalhos de tecido e em cada casa uma caixa de botões!

—“Estou pensando com os meus botões!” Dizia minha mãe. E eu acreditava que eram aqueles botões da caixinha Singer, verde escura, da máquina de costura.

Encantos e desencantos, medos, castigos, punições, sonhos e decepções.

Histórias povoadas de saberes, ensinamentos, sentimentos, conflitos, tensões e encantamento, que eram contadas para as próprias crianças ou nas rodas de conversa das reuniões familiares e das quais também participavam. Não existia um filtro preocupado com a “faixa etária”.

A estas experiências narrativas somaram-se o universo dos contos infantis, lidos primeiramente por meu pai e, a partir dos sete ou oito anos, devorados por mim. Bosi (1994) lembra que

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização.
(p. 73).

As memórias socializadas pela linguagem aproximam, num mesmo espaço histórico e cultural, os sonhos, as lembranças e as imagens do presente. Será este tesouro pessoal constituído de nossas vivências e convivências cotidianas o

¹ Chalé grande (em espanhol)

que nos permite dar sentido para todas as demais experiências posteriores? Para as histórias dos heróis, mitos e homens importantes?

Quando iniciei minha, vida escolar o então chamado Externato, para cursar o 1º ano do primário, não encontrei lugar para os personagens, sons, imagens, devaneios e saberes aos quais estava familiarizada. As palavras pareciam despidas de significado embora a cartilha sustentasse em seu título a garantia de um “Caminho Suave” para *aprender a ler e a escrever*.

Não tão árduo, mas também não tão suave, o caminho da leitura e escrita da escola de alguma forma pôde se articular ao meu universo simbólico.

Os contos infantis despertaram minha curiosidade diante dos demais livros na estante com portas de correr, em vidro, de cujo som ainda me recordo. Livros grandes, pequenos, com capa de couro ou os volumes em capa simples do Clube do Livro, ilustrados ou não.

Folhear a Divina Comédia de Dante com suas ilustrações em bico-de-pena, tentar reproduzi-las. O Inferno e a figura de Beatriz. Que impacto!

Estas memórias são permeadas pela música presente no dia-a-dia da família. O canto e o estudo do piano fazem parte destas caras lembranças e da minha formação.

Como leitora viajava por mundos distantes, onde tudo era possível. Monteiro Lobato, Machado de Assis, Eça de Queiroz, Aloísio de Azevedo e tantos outros autores que povoaram meus sonhos, alimentaram minha imaginação e meu conhecimento, minha visão de mundo, minha experiência cotidiana de escutas, saberes, sabores e encontros.

Mas só mais tarde pude perceber que o interesse pelas narrativas continha a minha paixão maior - o mistério do humano, que se revelava pela atenção com que eu observava as pessoas: sotaques, maneiras de se movimentarem, os gestos, opiniões que expressavam, coisas que contavam, a maneira de ser de cada um, as singularidades. Depois, imaginar ou mesmo saber, conversando, a que grupo a pessoa pertencia, sua origem quanto ao local de nascimento, histórias de vida que na literatura apareciam de forma tão fascinante.

A presença dialógica do homem em cada época e cultura, transformando e sendo transformado, numa dinâmica que contém a riqueza das singularidades, da tradição, da ação humana em comunidade e a possibilidade de surpreender-se diante do insólito, do inesperado, ainda me mobilizam na prática profissional artístico-pedagógica e na pesquisa.

O desconforto que senti em minha vida escolar, por pensar respostas diferentes daquelas que eram colocadas como corretas pelos professores, faziam com que eu buscasse a diversidade por mim mesma. A literatura, a música, a arte e minhas observações diante da própria vida me permitiam ampliar meus conhecimentos, tornando possível aprender aquilo que a escola não ensinava.

As experiências vividas na escola onde fui matriculada durante o colegial, provocavam menos desconforto do que o que era sentido nas séries antecedentes. Em alguns momentos éramos instigadas a questionar, discutir e argumentar. Via-me mais próxima da possibilidade de ver desvelado parte do mistério humano com o auxílio do conhecimento adquirido na escola, um ensaio de mediação entre os alunos e o objeto do conhecimento.

Em função disso, o impacto da realidade política dos anos 60 e 70 não imobilizou meu desejo de conhecer, ao contrário, sentia-me fortificada em avançar em minhas buscas em relação à origem sócio-histórico-cultural dos fatos e acontecimentos mantendo em mim a crença na possibilidade de mudanças.

Nos anos 70 me vi diante da tarefa de escolher uma escola para minhas filhas. A opção foi por uma proposta que tivesse a criança como referência, a aprendizagem como descoberta e entendesse o conhecimento como uma construção pessoal. Aprender brincando, cantando, pintando, ouvindo e contando histórias.

Minha irmã Lídia cursava Pedagogia e me apresentou Piaget, que estudamos no final dos anos 70, o que me ajudava a situar minhas indagações durante a graduação em Música.

Ao entrar na Faculdade, em princípio optei pelo Bacharelado em Piano e logo percebi que o curso de Licenciatura respondia mais aos meus interesses por abranger, além da Música, Artes Plásticas e Teatro.

Passei a estudar piano com a Professora Maria Elisa Figueiredo Bologna que em 1980 me convidou para participar do curso para Formação de Professores da Escola Municipal de Iniciação Artística – EMIA, recém-inaugurada. Em 1982, já formada, fui nomeada Professora de Música da EMIA.

Meu interesse pela produção das crianças, os depoimentos dos pais, a troca com meus colegas de trabalho me instigaram a um aprofundamento na observação e compreensão do trabalho desenvolvido. Cursei então a Faculdade de Pedagogia e, ao mesmo tempo, o Curso de Formação de Atores do Teatro Vento Forte sob a direção de Illo Krugli.

Entre o artístico e o pedagógico, e sempre com minhas indagações sobre a natureza humana e suas histórias, encontrei elos teóricos na Psicanálise e mais especificamente em D. W. Winnicott, que me foi apresentado por minha filha Fabiana em 1995 com o livro “O brincar & a realidade” cuja primeira edição inglesa foi publicada em 1971.

Minha prática profissional encontrou ressonâncias nas preocupações de Winnicott quanto aos primórdios da vida imaginativa e da experiência cultural, quanto ao que determina o viver criativo e a capacidade individual de viver criativamente, o que permitia um campo de novas possibilidades de leitura do cotidiano ao valorizar a brincadeira, a criatividade, a importância do ambiente, a esperança, a possibilidade de reparação e de encontrar vitalidade na própria vida, e um lugar para a arte.

A partir deste primeiro contato com Winnicott procurei aprofundar os meus conhecimentos e de 1993 a 1996 realizei minha Formação em Psicanálise pelo Centro de Estudos Psicanalíticos – CEP. Procurei também desenvolver um estudo reflexivo e conhecer diferentes winnicottianos: de 1997 a 1998 participei do Grupo de Estudos Winnicottianos coordenado pela Profa. Dra. Ivonise Fernandes da Motta; em 1997 passei a frequentar os encontros mensais, aos sábados, do Laboratório de Estudos da Transicionalidade – LET coordenado pelo Prof. Dr. Gilberto Safra; os seminários mensais, aos sábados à tarde com o Dr. José Ottoni Outeiral, são também base sólida deste percurso.

D. W. Winnicott, pediatra e psicanalista inglês (1896-1971) para quem *a psicanálise é uma extensa, muito extensa coleta de histórias (1987:238)*, é nossa

referência a partir do conceito de espaço potencial, uma abordagem de cunho psicanalítico que está para além dos muros do consultório e da escola regular.

Para ele, espaço de transição significa que para uma criança crescer de ‘maneira sadia’ é preciso que seus pais sejam capazes de ajudá-la a criar um espaço onde ela possa brincar livremente e jogar. Assinala que esta área de experiência era, até então, negligenciada pelo pensamento psicanalítico, mas constante na preocupação de filósofos e poetas desde vários séculos.

Winnicott utiliza o contraste entre os dois termos: *game*, em inglês, que quer dizer jogo com regras, e *to play*. O espaço transicional é, pois, o lugar onde a criança vai *jogar* livremente, identificar pouco a pouco as regras do jogo social e aprender como se apropriar de tais regras.

Em seus estudos, Winnicott procurou refletir sobre as influências do ambiente no desenvolvimento humano, investigando as funções que possibilitam a constituição e o desenvolvimento do psiquismo. Suas investigações incluem a análise das relações intersubjetivas na família e na escola, além de contribuírem para ampliar a discussão sobre a cultura e o conhecimento.

Ao repensar os métodos da escola em que estudei, desejo ressignificar as experiências vividas e transformá-las na busca de um caminho alternativo que considere a importância da brincadeira, do brinquedo, do faz-de-conta, do jogo e mais especificamente das histórias para o desenvolvimento infantil.

Numa continuidade da pesquisa do Mestrado, pretendo com o Doutorado um aprofundamento de referência winnicottiana levando em consideração as histórias através da análise do projeto Alice no País das Maravilhas.

Desde 1982, desenvolvo um trabalho artístico-pedagógico com crianças de 5 a 12 anos numa instituição pública de iniciação artística; desde 1985, participo

de apresentações teatrais e musicais como atriz e cantora; desde 1992, desenvolvo um trabalho clínico de enfoque psicopedagógico em consultório particular; desde 1999, ministro na EMIA a Oficina Hora da História e como uma continuidade e aprofundamento do estudo realizado durante o Mestrado no qual as narrativas e a cultura estavam lá à espera de serem mais especificamente desveladas.

Visando discutir o lugar da experiência cultural através de histórias e as mudanças que por ventura ocorram no próprio processo em sala de aula, a presente pesquisa interventiva foi desenvolvida na Escola Municipal de Iniciação Artística –EMIA.

Penso então que posso considerar o caminho biográfico das histórias e o relato de experiências como dois alicerces importantes do presente trabalho, enriquecido ainda pela experiência com pais e professores ao longo destes anos.

* * *

- Winnicott – Espaço Potencial

A única companhia que tenho ao explorar o território desconhecido de um novo caso é a teoria que levo comigo e que se tem tornado parte de mim e em relação à qual sequer tenho que pensar de maneira deliberada. Esta é a teoria do desenvolvimento emocional do indivíduo, que inclui, para mim, a história total do relacionamento individual da criança com seu meio ambiente específico. (Winnicott, 1984; p.14).

Mello Filho (2001), ao buscar reunir as contribuições de Winnicott para o conhecimento psicanalítico, dividiu-as da seguinte maneira: Teoria do

Desenvolvimento, Teoria dos Impulsos, Teoria do Objeto, Teoria do Espaço, Teoria do *Self*, Teoria da Comunicação, Teoria da Regressão, Teoria do *Setting*, Teoria da Contratransferência, Teoria Psicossomática, Teoria da Tendência Anti-Social.

Diante das aventuras do desenvolvimento e considerando a sistematização acima, alguns conceitos fundamentais da teoria winnicottiana são aqui considerados por sua importância na busca de um viver saudável e criativo: da Teoria do Desenvolvimento destacamos a interação de processos inatos de maturação com um ambiente facilitador, seja ele a família ou a escola, no caminhar humano da dependência para a aquisição gradativa da independência; da Teoria do Objeto temos os conceitos de objetos e fenômenos transicionais; e, da Teoria do Espaço, faremos uso do conceito de espaço potencial, onde se localiza a experiência cultural.

Winnicott foi um dos pioneiros a considerar o papel fundamental do ambiente na origem do psiquismo. Para ele o que torna possível o contato com o psiquismo e o meio ambiente é a ilusão; ela tem um papel importante tanto na gênese do psiquismo como no processo de simbolização, levando à criatividade e ao viver criativo num mundo compartilhado.

Reivindico aqui um estado intermediário entre a inabilidade de um bebê e sua crescente habilidade em reconhecer e aceitar a realidade. Estou, portanto, estudando a substância da ilusão, aquilo que é permitido ao bebê e que, na vida adulta, é inerente à arte e à religião,... (Winnicott, 1975; p.15).

Viver a ilusão de estar criando sua mãe é que garantirá a experiência onipotente da ilusão de criar o mundo e assim, no futuro, viver criativamente.

Para este autor, a mãe inicialmente é mãe-ambiente, há uma indiscriminação de corpos, uma indiferenciação mãe-bebê, ou seja, entre eu e não-eu. Para que a mãe possa vir a ser a primeira criação do bebê é preciso que a relação se desenvolva satisfatoriamente, o que acontecerá se a mãe for capaz de compreender as necessidades de seu bebê e as satisfizer sem expô-lo a um período excessivo de privação.

O bebê depende dos cuidados e da “devoção”² da mãe, ele não existe sem ela, ou sem alguém que exerça essa função. Porém, o bebê para Winnicott é ativo porque cria a mãe. Neste movimento o que acontece é mais uma empatia³ e a relação de identificação facilita o cuidado.

A separação entre o eu e o não-eu se efetua gradativamente através da desilusão e, se tudo correr bem, ele, bebê, será capaz de aceitar a apresentação de um objeto sem se sentir invadido em sua onipotência, será capaz de sentir o objeto e usá-lo como se fosse um objeto subjetivo criado por ele.

Refere ainda que não é suficiente que o indivíduo chegue a ser uma unidade “com uma membrana limitadora e um exterior e um interior” (idem). É necessário que haja uma área de experimentação, intermediária, e para a qual contribuem tanto a realidade externa quanto a realidade interna. Para o adulto, este espaço se constituirá como um espaço de descanso necessário, no sentido de propiciar a discriminação entre os fatos e a realidade.

A este mundo ilusório que está entre a realidade interna e os fatos externos e que se constitui como uma terceira área, uma área intermediária, Winnicott

² A “devoção” é um processo identificatório e regressivo da mãe e que a coloca à disposição das necessidades de seu bebê. É saudável e temporário segundo Winnicott.

³ Empatia – a compreensão que a mãe tem das necessidades do bebê.

chamou de espaço transicional, espaço que inclui experiências, objetos e fenômenos transicionais. Esses fenômenos facilitarão a trajetória que vai da subjetividade à objetividade.

Jan Abram (2000: 253) considera fenômenos transicionais um conceito que diz respeito a uma dimensão do viver que independe da realidade interna e da realidade externa, sendo o espaço onde paradoxalmente estas duas realidades se encontram. Observa que Winnicott emprega os seguintes termos para referir-se a essa dimensão: *terceira área, área intermediária, espaço potencial, local de repouso e localização da experiência cultural. Os fenômenos transicionais estão inevitavelmente associados ao brincar e à criatividade (idem).*

Segundo Winnicott, os fenômenos transicionais são universais.

Considerando que a experiência cultural tem sua origem na relação precoce da dupla mãe-bebê, nesta caminhada da ilusão à gradativa desilusão, rumo à separação, o bebê ou a criança pequena saudável terá em seu auxílio a possibilidade de uso de um objeto transicional:

Introduzi os termos 'objetos transicionais' e 'fenômenos transicionais' para designar a área intermediária de experiência entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta. (Winnicott , 1971, p.14).

Num primeiro momento, a mãe que é e está presente na fase de fusão, de indiferenciação, é onipotentemente concebida pelo bebê, ela é um objeto subjetivo, e aqui para Winnicott se estabelece o primeiro paradoxo. O paradoxo de um objeto que se encontra no mesmo tempo e no mesmo espaço que o sujeito.

Se a mãe for suficientemente boa será capaz de fornecer uma adaptação ativa às necessidades do bebê nas primeiras semanas de vida. Considerando o potencial alucinatório do bebê, esta experiência de satisfação de sua onipotência, de ilusão, permitirá a ele, bebê, dispor de um repertório imaginativo para que possa gradativamente dar conta da experiência de separação.

Num segundo momento, temos o objeto transicional. Agora a mãe passa a ser utilizada como um objeto não-eu, mas que ainda não é um outro. A mãe existe e está lá para ser criada pelo bebê. O bebê é ativo e faz ou cria o objeto que está na área de ilusão, uma área intermediária entre o eu e o não-eu.

Nos dois primeiros momentos a mãe é concebida mais ou menos onipotentemente pelo bebê, mas no terceiro momento ela passa a ser *percebida* pelo bebê como objeto do mundo compartilhado, enquanto objeto de cultura que a criança usa criativamente, exceto na doença.

Ou seja, num processo de desilusão que começa a ter sentido, para o bebê, a noção eu-não-eu começa a se estabelecer.

Ao espaço vazio que surge com a separação mãe-bebê e que pode ser preenchido pela imaginação do bebê, Winnicott chamou de espaço potencial, um espaço de paradoxo, pois separa e une ao mesmo tempo. Quando para a criança o objeto, até então concebido subjetivamente, tende a tornar-se um objeto objetivamente percebido, instaura-se para Winnicott a capacidade de brincar e a ilusão é que vai aliviar a tensão suscitada pela articulação entre a realidade exterior e a realidade interior.

O objeto transicional se encontra numa área de ilusão, uma zona de brincadeira. E é a esse lugar teórico do objeto transicional que Winnicott

introduziu, posteriormente, o conceito de “espaço potencial”, lugar dos fenômenos culturais – como a arte, a religião, a filosofia para o adulto.

Winnicott considera a criatividade o passaporte para a saúde mental e, nesta perspectiva, a saúde está ligada ao movimento e movimento é vida, por isso para ele desde o início o bebê é ativo. Para este autor a criatividade não está restrita aos artistas, o potencial criativo está presente desde o início e, dependendo das trocas que o sujeito estabelecer com o meio ambiente, ao longo de sua existência, a criatividade pode ou não vir a se desenvolver. Assim, cada ser humano tem a possibilidade e a capacidade tanto de ser criado pelo ambiente ao seu redor, como de criar e transformar o mundo através do gesto espontâneo.

Para este trabalho é importante ressaltar o valor do reconhecimento da criatividade pelo adulto – pais, professores, na medida em que este reconhecimento da produção e da participação das crianças possa garantir a vitalidade e dar a cada uma delas um sentido de existência diante da realidade construída e compartilhada.

Em seu livro “O Brincar e a realidade” (1975; p. 139), Winnicott afirma, como um de seus enunciados principais, que a experiência cultural e o brincar têm sua localização no espaço potencial, e que este se constitui somente numa relação de confiança no ambiente-mãe. Assim, o viver criativo é o começo da experiência criativa manifesta primeiramente na brincadeira.

Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado e deste para as experiências culturais. O espaço transicional dá ao ser humano a possibilidade de lidar com a realidade objetiva de modo criativo, permitindo, assim, um contato com o mundo externo de forma saudável e ampla, ... (Hisada, 1998; p.25).

O espaço potencial é a origem de todas as atividades sócio-culturais e os objetos da cultura são a parte deste mundo simbólico onde o lúdico caracteriza a transicionalidade. As histórias como parte da cultura criam um espaço que permite a comunicação. Através delas narrador e ouvinte podem compartilhar da tradição, da experiência humana acumulada.

Em seu livro *O brincar e a realidade* (1971), último que Winnicott publicou em vida, encontramos vários artigos sobre cultura e experiência cultural, definindo experiência cultural “como uma ampliação da idéia dos fenômenos transicionais e da brincadeira” e utilizando a palavra cultura como tradição herdada.

O aporte winnicottiano de espaço transicional permitiu redimensionar o brincar como função subjetivante, como experiência de acatar a realidade do objeto para transformá-la, ou seja, transformar aceitando os limites que a realidade nos impõe.

Os objetos da cultura são, portanto, resultado do exercício da criatividade e contribuem para a construção do patrimônio de realizações e experiências humanas historicamente acumuladas.

A experiência cultural criativa propicia uma totalização do sentimento de ser; é não só a de quem escreve como a de quem emocionadamente lê, não só a de quem pinta como a de quem intimamente identificado contempla, não só a de quem compõe como a de quem se deixa inebriadamente envolver pela melodia, enfim, a de quem consegue, sem esquivar-se às exigências e responsabilidades que a vida e a realidade externa compartilhada impõem, preservar em si a possibilidade de surpresa, de encantamento e de ilusão. (Graña, 1991, p.92)

Winnicott e a educação

Ao brincar a criança realiza uma tarefa de construção e reconstrução permanentes. Quando o professor, o pai, a mãe lêem um conto, cantam uma canção para as crianças estão contribuindo com novos fios para a possibilidade de novas tramas, de novos tecidos. Mas em que medida será que isto acontece?

De acordo com Bleger (1984), ao invés de esperar que as pessoas adoeçam e procurem tratamento para suas aflições, o que devemos buscar é a aproximação com o cotidiano dos seres humanos para encontrar e tornar possíveis alternativas que ajudem a melhorar o nível de saúde social e as condições de vida impostas em cada época.

O que podemos observar é que nem sempre a educação é um espaço que permite a cada um dirigir suas ações para produzir condições facilitadoras da subjetividade, de autoria de pensamento, reconhecendo em si a capacidade pensante para então reconhecê-la no outro.

Motta (2006) refere que a escola, atualmente, busca ser um lugar onde seja possível intervir na busca do desenvolvimento emocional da criança, ou seja, no desenvolvimento de sua saúde mental.

Refere ainda que:

O trabalho preventivo na infância permite menor intervenção na vida do paciente. (...). O trabalho psicanalítico entendido como ajuda para o desenvolvimento da personalidade e autoconhecimento é desejável. No entanto, o atendimento psicanalítico ou psicoterápico como tratamento pode ser evitado se intervenções precoces forem realizadas no sentido de prover auxílio ao desenvolvimento psicológico da criança. (p.35).

Podemos então pensar a educação como um espaço que permite a intervenção na direção de abrir possibilidades de transformação, numa elaboração e reelaboração contínuas dos brincar, saberes e fazeres das crianças e dos adultos envolvidos na ação educativa?

É o poder de sonhar alimentado pelo saber cultural – tesouro acumulado ao longo do tempo por distintos povos – que nos torna humanos (Dias, 2003, p.237).

E aqui chegamos às histórias. Relembrando, segundo Winnicott (1971), a experiência cultural para a criança pequena começa na brincadeira, no sonho, na fantasia, e inscreve-se em um espaço potencial, prosseguindo pela adolescência e pela vida adulta por meio do contato com a arte, com a religião e com o trabalho científico criativo.

Seria possível então considerar as histórias infantis como um objeto transicional? Um espaço de transicionalidade que permite passar do mundo da onipotência imaginária àquele da experiência cultural? Um espaço onde o prazer e o desejo podem encontrar sua fonte de renovação? Qual o lugar das histórias infantis hoje? Qual o lugar das histórias na educação?

Retomando algumas teses de Winnicott, a presença da “mãe suficientemente boa” ou um “ambiente suficientemente bom” é de fundamental importância para o pleno desenvolvimento das potencialidades individuais e para que se estabeleça a saúde mental. Safra (1996) enfatiza que o

pensamento de Winnicott é vincular a criança com a mãe, com o pai, e todos com a cultura, eu acho que isto é fundamental porque me parece que realmente toda impossibilidade de ser é decorrente do fato que o indivíduo não se sente parte da espécie humana.(p: 151).

Ao pautar suas considerações teóricas na prática clínica, Winnicott mostra a impossibilidade de barreiras rígidas entre sujeito e objeto, o que se aplica também na investigação científica. Assim, a idéia de transicionalidade tem como base a experiência compartilhada num espaço de superposição onde sujeito e objeto interagem criativamente.

Winnicott (1989; p.117), entre outras observações fundamentadas em sua experiência como psicoterapeuta, destaca o papel da escola e de outros grupos como extensão da idéia de família e como alívio dos padrões familiares estabelecidos.

Para Birman (1994), o caráter de cientificidade da psicanálise deixou de ser um impasse na medida em que também o debate teórico sobre cientificidade se transformou. O que possibilita estabelecer um diálogo desta com outras ciências humanas retornando “reflexivamente para os fundamentos da psicanálise”.

Como caráter interventivo desta pesquisa, e entendendo interventivo como promotor de transformações, busco refletir sobre o uso das histórias no processo educativo. A partir de um referencial teórico winnicottiano, proponho pensar a sala de aula como um tempo e um espaço de encontro, em dias e horários regulares e que, pela confiabilidade, possibilitem o compartilhar das situações postas e o acontecer humano, permitindo assim uma evolução para possíveis mudanças em direção ao novo, para o entrar em contato, o criar e o articular experiências.

Essa analogia é referendada por Hisada (2002):

O manejo caracteriza-se por: fornecer um enquadre, ao paciente, livre de invasões; dar ao paciente o que necessita pela presença corporal atenta e sensível na pessoa do analista; e aspectos de cuidados que só podem ser proporcionados pelo ambiente social e familiar.

(...) Esse manejo por meio da intervenção põe em jogo elementos que possam favorecer a simbolização. (págs. 98,99).

Não só o manejo, mas, também o *holding* que implica, por parte dos professores, estar presente no momento e lugar certos criando uma situação ambiental que permita a cada criança a possibilidade de se descobrir e de descobrir o mundo de forma criativa. Não tanto pelo que venha a ser feito objetivamente, mas principalmente por não interferir, respeitando o empenho de cada aluno em dar sentido a suas relações.

... de alguma forma fomos capazes de, silenciosamente, transmitir confiabilidade, e o paciente respondeu com o desenvolvimento que, no contexto dos cuidados humanos, poderia ter ocorrido nos estágios mais iniciais. (Winnicott, 1988; p. 91).

As contribuições deste autor para o trabalho com crianças enfatizam a noção de saúde focalizando os aspectos favoráveis na busca e manutenção da saúde psíquica.

Uma grande parte da vida saudável tem a ver com as várias modalidades de relacionamento objetal e com o processo de "vaivém" entre o relacionamento com objetos externos e internos. Isso é uma questão de pleno usufruto das relações interpessoais, embora os resíduos do relacionamento criativo não se percam fazendo com que cada aspecto do relacionamento objetal seja excitante. A saúde inclui a idéia de uma vida excitante e da magia da intimidade. (Winnicott, 1989; p.24).

- O valor das histórias e Alice no País das Maravilhas

Os artistas e os escritores criativos são aliados valiosos à pesquisa da psicanálise (...). Estão adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente.

Sigmund Freud

Foi no final do séc. XVII que a literatura infantil tomou impulso, conforme nos relata Gillig (1999), embora a imprensa já existisse há duzentos e cinquenta anos. Apenas dois ou três livros didáticos são mencionados na Inglaterra e na França, anteriormente.

Entretanto, os contos de fadas antecedem em muito a literatura infantil e vão se confundir com a própria categoria literária.

Através do trabalho dos Irmãos Grimm sabemos que essas narrativas pertencem ao folclore e transitavam oralmente entre as camadas pobres da população até o final do período medieval. Segundo Ariès (1975), com o advento da Idade Moderna, os textos folclóricos são adaptados para a infância e fazem sucesso entre o público adulto.

A Literatura Infantil surge como gênero literário no momento em que as crianças passam a ocupar um lugar de destaque no cenário familiar e as primeiras histórias especialmente escritas para elas são publicadas.

Com o advento da Revolução Industrial, a adaptação das histórias populares para a infância atende ao objetivo preciso de educar as novas gerações para que possam responder com sucesso ao mundo capitalista, à livre iniciativa e à concorrência. Os textos fornecem padrões de comportamento voltados à imposição dos novos padrões sociais de uma burguesia emergente.

Contudo, o que os contos de fadas parecem suscitar em seus leitores no mundo inteiro, até hoje, não está na função pedagógica das adaptações, mas na riqueza do material simbólico, na troca de experiências ao longo dos tempos em rodas de amigos, tendo prevalecido provavelmente os que satisfaziam a preferência do público.

A aquisição do conhecimento socialmente produzido e acumulado, segundo Macedo (1994), é sempre um tornar-se, não se dá pela mera transmissão; é necessário refazer a história por meio de ações ou objetos que tenham sentido para a criança. Para ele, o jogo simbólico implica a presença do outro com o qual estamos envolvidos pela ação e diz da ordem do cultural, do simbólico.

Através dos jogos simbólicos, a criança entra no mundo da cultura, da civilização e da sociedade. Associada a uma ação há sempre uma significação e as significações são diferentes para cada criança e estão em consonância com seu desenvolvimento.

A criança tem seu espaço de registro, de reflexão, de concretização de seu pensamento - no jogo, no desenho, nas dramatizações, no gesto, no movimento e na exploração de possibilidades e limites do próprio corpo, na construção de sua escrita, nas histórias que ouve, inventa, conta, dança e canta.

Diferentes são os registros, em linguagens verbais ou não verbais que, quando socializados, inscrevem nossa existência social enquanto indivíduos.

Mediados por nossos registros, tecemos o processo de apropriação de nossa história, tanto no nível individual quanto coletivo.

Neste caminho podemos voltar ao passado enquanto construímos nossas marcas no presente, nossas histórias.

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada por outros. E incorpora as coisas a experiência dos seus ouvintes. (Benjamin, 1994, p.201)

Ao narrar, narrador e ouvinte podem se encontrar num lugar de reminiscências, unidos pelo compartilhar das experiências; criam uma cadeia de tradição que transmite os acontecimentos de geração em geração ao tecer uma rede formada pelo entrelaçamento das histórias que a constituem.

No processo de aproximação dos objetos da cultura, cada um contribui com a sua experiência e com os instrumentos que lhe permitem uma interpretação subjetiva da realidade, mesmo considerando o que é compartilhado.

Na apresentação de seu livro “O Mistério do Coelho Pensante”, Clarice Lispector ilustra esta perspectiva de troca e ampliação de conhecimentos e experiências. Inspirada pelo fato familiar de ter dois coelhos, ela nos convida a partilhar de uma *conversa íntima* dela com os filhos Pedro e Paulo sobre o assunto. Ela solicita nossa participação para que *cheirando idéias* possamos descobrir novos mistérios, cada um com sua contribuição.

Como a história foi escrita para exclusivo uso doméstico, deixei todas as entrelinhas para as explicações orais. Peço desculpas a pais e mães, tios e tias, e avós, pela contribuição forçada que serão obrigados a dar. Mas pelo menos posso garantir, por experiência própria, que a parte oral desta história é o melhor dela. Conversar sobre o coelho é muito bom. Aliás, esse ‘mistério’ é mais uma conversa íntima do que uma história. Daí ser muito mais extensa que o seu aparente número de páginas. Na verdade só acaba quando a criança descobre outros mistérios. (Lispector, 1999).

As histórias são conservadas, reformuladas ou transformadas desde que haja protagonistas dispostos a mantê-las por sua participação como seres humanos construtores de seu destino pessoal e coletivo, revelando por sua natureza humana a essência da liberdade e da criatividade.

O tempo do faz-de-conta é o tempo do encantamento, assinala Safra (1999)

...a criança que dispõe desta possibilidade sabe que ela está em um tempo virtual e também que a atividade empreendida neste tempo terá um fim, que a colocará de volta no tempo compartilhado e/ou convencional. Não há fenômeno transicional sem que se tenha uma noção de um começo, um meio e um fim (...). Sem esta possibilidade, não mais haverá o fenômeno transicional. Haverá um outro tipo de situação na qual o indivíduo está aprisionado em um estado psíquico: é uma experiência de terror. (p.63).

Através das histórias a criança entra em contato com outras realidades, experiências, culturas, visões de mundo; tem uma oportunidade para que possam elaborar conflitos internos. São ainda a porta de entrada para o mundo da poesia e do conhecimento.

Que as aventuras “emianas” aqui relatadas possam nos instigar diante de novos mistérios, de novas histórias e que no encontro com Alice nos aventuremos pelo País das Maravilhas.

*

Muitas são as interpretações e comentários feitos sobre a obra de Lewis Carrol (1832-1898) e duas coisas devem ser evitadas na aura de mitificação que as envolve: a leitura ingênua e a leitura superinterpretativa, segundo Leite (1980).

Phyllis Greenacre (1977) e sua interpretação psicanalítica, Gilles Deleuze (2003), que concede a Carroll o lugar privilegiado de ter feito a *primeira grande mise em scène dos paradoxos do sentido*, as edições comentadas, são bibliografia desta pesquisa, mas por ora vamos ficar com as palavras do próprio Carroll em Alice: edição comentada (2002). Foi naquela “tarde dourada” de 1862.

Havíamos remado juntos muitos dias naquelas águas tranqüilas – as três pequenas donzelas e eu – e muitos contos de fadas haviam sido improvisados em benefício delas, quer em momentos em que o narrador estava ‘inspirado’, e fantasias involuntárias o assaltavam aos bandos, quer em outros em que a Musa esfalfada era estimulada a agir, e se deixava arrastar resignada, mais porque tinha de dizer algo do que porque tivesse algo a dizer; no entanto, nenhuma dessas muitas histórias foi escrita: viviam e morriam, como maruins de verão, cada uma em sua própria tarde dourada, até que chegou o dia em que, por acaso, uma de minhas pequenas ouvintes suplicou que a história fosse escrita para ela. Isso foi há muitos anos, mas lembro nitidamente, agora enquanto escrevo, como numa tentativa desesperada de chegar a um conto de fadas de feição diferente, eu para começar, tinha despachado minha heroína diretamente por uma toca de coelho, sem a mínima idéia do que deveria acontecer depois. E assim, para agradar a uma criança que eu amava (não me lembro de nenhum outro motivo), escrevi à mão e illustrei com meus próprios desenhos toscos – desenhos que se rebelam contra todas as leis da Anatomia ou da Arte (pois nunca tivera uma aula de desenho) – o livro que acabo de publicar em fac-símile.

*

..."Quantos quilômetros já terei descido?" pensou. "Com certeza estou pertinho do centro da terra, a uns 6.600 quilômetros, talvez."

Alice tinha aprendido na escola aquilo de quilômetros e centro da terra. Por isso aproveitou o momento para recordar a lição.

Sim, continuou. "A distância que já caí deve andar nuns 6.600 quilômetros, pelo menos. Em que latitude e longitude estarei?"

Outra coisa que tinha ouvido na escola: isso de latitude e longitude. Não sabia o que era, mas gostava de repetir palavras tão científicas. (Carrol 1931-1969, p.12-13).

*

O livro *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol (1832-1898) foi editado pela primeira vez em 1865 e em 1885 é lançada uma versão resumida para crianças pequenas, *Alice contada às crianças*.

* * *

- Pesquisas com histórias na escola e na clínica em uma perspectiva de Winnicott

Por que decaiu a arte de contar histórias?

Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências

Ecléa Bosi

Outros autores têm pesquisado sobre a importância das histórias para o desenvolvimento psicológico, para o autoconhecimento e para a conquista de novos conhecimentos dentro e fora da escola.

Bettelheim (1980) foi um dos pioneiros neste campo e afirma que a maturidade psicológica consiste na aquisição de uma segura compreensão do que pode ou deve ser o sentido da nossa vida e que isto não se adquire de

repente. A maturidade psicológica para ele é uma aquisição, é o resultado de uma longa evolução e de muitas experiências de crescimento e que, passo a passo, a criança aprende a compreender a si própria e a compreender os outros podendo, assim, relacionar-se de maneira satisfatória e significativa. Para ele, se as crianças forem criadas de um modo que a vida seja significativa para elas, não necessitarão de ajuda especial.

Como educador e terapeuta, em sua tarefa de buscar quais as experiências mais adequadas na promoção da capacidade para encontrar um sentido na vida, de dotar a vida de sentido, assinala que nada é mais importante do que o impacto dos pais e dos cuidadores das crianças. Em segundo lugar destaca o valor de nossa herança cultural, sendo para as crianças pequenas a literatura a melhor forma de transmissão dessa herança.

Privilegia os contos de fadas como facilitadores do aprender sobre os problemas interiores dos seres humanos e sobre as suas soluções no âmbito da compreensão que proporcionam para as crianças. Bettelheim esclarece que seu livro.

...foi escrito para ajudar aos adultos, e especialmente aos que têm crianças sob seus cuidados, a se tornarem cientes da importância de tais contos. Como já foi apontado, inúmeras interpretações ao lado das sugeridas no texto que se segue são pertinentes; os contos de fadas, como todas as verdadeiras obras de arte, possuem uma riqueza e profundidade variadas que transcendem de longe o que mesmo o mais cuidadoso exame discursivo pode extrair deles. O que dizemos neste livro deveria ser encarado apenas como ilustrativo e sugestivo. Se o leitor for estimulado a ir além da superfície, ele extrairá significados pessoais ainda mais variados destas histórias, o que então se

tornará também mais significativo para a criança a quem ele irá contá-las. (Bettelheim, 1980; p.27,28)

Para Safra, as histórias são um meio de intervenção e, fundamentado em sua experiência clínica, de acordo com a vertente teórica winnicottiana, desenvolveu o trabalho apresentado originalmente como Dissertação de Mestrado, apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 1984 sob o título: *“Um método de consulta terapêutica através do uso de estórias infantis”* que em 2005 foi publicado em forma de livro com o seguinte título: *“Curando com histórias: a inclusão dos pais na consulta terapêutica das crianças”*.

Para o autor

No trabalho diário do psicólogo clínico, é cada dia maior a necessidade de contar com procedimentos que possibilitem intervir em momentos em que, pelo incremento da angústia, ocorre uma parada no processo maturacional da criança e o aparecimento de sintoma indicador de conflito, ou naquelas situações de crise provocadas pelo fluxo natural da vida (mortes, mudanças, separações etc.). Por outro lado, necessitamos também que estes procedimentos sejam passíveis de serem usados no trabalho institucional. (Safra, 2005; p. 19).

Desde o final da década de setenta, este autor propõe as consultas terapêuticas, que acontecem em uma ou até três sessões, como tentativa de solução das angústias surgidas durante a vida emocional infantil, mesmo considerando uma tendência natural para o desenvolvimento. Para facilitar a

elaboração da angústia e garantir uma continuidade no processo de desenvolvimento em sua tendência ao amadurecimento, Safra propõe o uso de histórias infantis como meio de intervenção.

De acordo com este método em função da problemática apresentada pela criança, são criadas histórias infantis buscando a superação dos conflitos.

Os pais participam de forma ativa deste procedimento terapêutico sendo solicitados a colaborar na elaboração e na “contação” das histórias, o que produz um efeito terapêutico sobre eles também, na medida em que restabelecem a confiança de que são capazes de auxiliar seus filhos a retomarem o processo de desenvolvimento anteriormente paralisado por angústias muitas vezes decorrentes de dificuldades dos próprios pais.

De Souza, em sua Tese de Doutorado (1990), objetivou estudar os aspectos afetivos e cognitivos envolvidos na apreensão da história do Chapeuzinho Vermelho.

Destacou-se como aspecto cognitivo a capacidade para reconstituí-la e recontá-la e como aspecto afetivo, a ressonância do mundo interno da criança sobre o conteúdo do conto (p. IV).

Da amostra participaram 30 crianças de 9, 10 e 11 anos, sendo metade do sexo feminino e metade do sexo masculino, e que estudavam em um colégio particular de nível alto da cidade de São Paulo.

Os resultados indicaram uma correspondência entre o modo de reconstituição e o nível operatório das crianças, e uma interação entre o aspecto afetivo destacado e o tipo de reconstituição. O tipo de reconstituição dos meninos foi diferente do das meninas. Discutiu-se interações e correspondências

observadas entre aspectos cognitivos e afetivos e refletiu-se sobre as possibilidades de se utilizar contos de fadas em pesquisas sobre o desenvolvimento cognitivo e afetivo.

De Souza (2005) discute o papel dos sentimentos nas representações de dois contos de fadas, em pesquisa realizada com crianças de diferentes faixas etárias. Numa perspectiva construtivista piagetiana, destaca o papel das valorizações afetivas na construção do conhecimento e no desenvolvimento da criança. Para ela

A continuidade das investigações sobre os aspectos afetivos, cognitivos e culturais permitirá discutir em termos empíricos não somente a pertinência e universalidade das concepções piagetianas sobre as relações entre valorizações afetivas e a inteligência, mas, também, a legitimidade de se estudar o desenvolvimento psicológico por meio das representações de contos de fadas clássicos. (2005; p.231).

Hisada (1998) relata como resultado de sua experiência clínica quanto a intervenção através de histórias pode ser útil para o atendimento psicoterápico de adultos ao facilitar o processo de comunicação entre a dupla paciente-terapeuta e ao possibilitar um maior contato com o inconsciente do paciente. Estabelece-se um contato verdadeiro que, de acordo com uma abordagem winnicottiana, se dá num *setting* em que a criatividade do terapeuta propicia ao paciente a possibilidade de brincar.

Na relação psicanalítica, não existe, entre paciente e terapeuta, um detentor do saber. Não há uma relação pedagógica ou religiosa. Há antes de tudo uma relação onde juntos, vão

descobrimo e redescobrimo a cada momento novos aspectos da realidade psíquica. As nossas interpretações são produtos de nossa criatividade, trazendo, portanto, algo de poético.(Hisada, 1998; p. 81,82).

Prochet (2000) apresentou como Tese de Doutorado o trabalho “Tempo de criação: perspectivas temporais na clínica winnicottiana”. Sua pesquisa buscou investigar a influência do fator temporal com relação aos fenômenos ocorridos durante o estabelecimento da relação mãe-bebê no que diz respeito ao momento da apresentação, ritmo e sustentação da experiência.

Investigamos também as diversas experiências de tempo que podem ser vividas pela criança, desde sua concepção mais primitiva de um tempo interno até a conquista da experiência de um tempo compartilhado com a cultura. O trabalho é desenvolvido a partir de relatos extraídos da clínica cotidiana, tomados como tentativas de construção de uma história pessoal, interdidas por falhas nas interações das pessoas com seu meio. O objetivo foi o de tentar recuperar o sentido de continuidade pessoal necessário para que estas histórias dessem forma, sentido e congruência ao viver. A história de Peter Pan, de J. M. Barrie, é utilizada como elemento de ligação entre os conceitos teóricos e os casos clínicos apresentados. (Resumo: j).

Neste trabalho, Prochet relata, através da história de seu percurso clínico, as histórias que lhe foram contadas e que ouviu como metáforas de experiências de seus pacientes, concluindo que ao contar histórias de nossos tempos e de tempos passados ligamos nossas lembranças à esperança, o que nos mobiliza para o devir.

Radino (2003), em seu livro “Contos de Fadas e Realidade Psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento”, coloca-se como crítica dos usos

doutrinário e ortopédico dos conhecimentos acumulados pela psicanálise e focaliza, no âmbito da educação infantil, o sentido e o uso dos contos de fadas. Com sua pesquisa constata o preconceito em relação à fantasia – vista como válvula de escape da realidade e não como instrumento de seu conhecimento e transformação.

Mostra o descompromisso com a infância na educação escolar no Brasil, o que pode ser constatado pela precária formação profissional dos educadores desse segmento, segundo ela.

Para tanto, entrevistou professores de educação infantil, e partiu ainda de sua experiência como mãe no acompanhamento de sua filha com os contos de fadas na escola.

Com sua pesquisa constata o quanto a escola reduz a importância educativa do conto, por ignorar o valor e a função da fantasia, valendo-se das contribuições da psicanálise sobre o dinamismo da vida mental. Alerta para a importância da educação que valorize o desconhecido e a incerteza como aliados.

Um dia Peter Pan disse que quando uma criança afirma que não acredita em fadas, morre uma fada. Quando um adulto fala que a fantasia de uma criança não existe e tenta trazê-la precocemente ao mundo racional, mata não só uma fada, mas parte de sua infância.

É o adulto que pode alimentar a fantasia da criança. É ele que poderá manter os contos e o imaginário vivos. As fadas só existem graças a quem narra e escuta um conto. (Radino, 2003; p: 93).

Roncada (2007), psicanalista e fonoaudióloga, relata a pesquisa realizada a partir do trabalho realizado pelas “Oficinas de Contação de História” da CLIDA –

Clínica de Docência e Assistência do Departamento de Psicologia da Universidade de Uberaba - UNIUBE. Essas oficinas fazem parte de um conjunto de atividades consideradas mediadoras num trabalho destinado ao cuidado psicológico, com o intuito de participar do processo educativo mais amplo do desenvolvimento humano.

Da pesquisa participaram meninos e meninas de 6 a 14 anos, com o objetivo de compreender a psicogênese e a intervenção da cultura no surgimento das escolhas de acordo com o gênero masculino e feminino.

Os adultos, alunos de curso de Psicologia da UNIUBE, foram os contadores das histórias que posteriormente eram recontadas pelos meninos e meninas que também eram solicitados a realizar um desenho que ilustrasse a narrativa.

Desejamos verificar se as respostas dadas pelos sujeitos da pesquisa revelam sinais destes contextos culturais, ou, se as atitudes responsivas se conformam com os universais do desenvolvimento, aqueles já descritos e observados por psicanalistas, educadores, traduzindo um certo mundo interno específico, impregnado por emoções, inclusive no momento em que ouvem a história e lidam com ela (Roncada, 2007; p.24).

A autora conclui que os dados obtidos poderão favorecer o conhecimento das influências recebidas pelos brasileiros quanto ao assunto investigado para que seja possível mostrar um caminho para atender na clínica e educacionalmente (na família e na escola) esse grupo etário. O objetivo seria proporcionar conforto psíquico, remover desvios de desenvolvimento, indicar tratamento clínico e/ou orientações aos pais e até mesmo reorientar e adequar os

planos curriculares das escolas brasileiras, contribuindo com novos conhecimentos sobre os aspectos da feminilidade e da masculinidade, sempre considerando como *regra básica* as dificuldades de generalização para a espécie humana.

Sinattolli (2008) nos apresenta sua experiência em atendimentos clínicos e como supervisora em Psicodiagnóstico para alunos de graduação em Psicologia Clínica. Utiliza as histórias criadas pelos alunos a partir da própria vida de cada cliente, em devolutivas do psicodiagnóstico para crianças.

Seu Trabalho nos oferece um relato teórico-prático, de referencial winnicottiano, que nos insere no contexto da construção e contação dessas histórias pelos estagiários-terapeutas, com a supervisão da autora, para as sessões de devolutiva.

O roteiro de vida de cada criança, a criação do estagiário-terapeuta na relação com a história de vida do paciente, o pertencimento a um grupo de supervisão orientado por uma supervisora específica circunscrevem um espaço, um tempo e um relacionamento interpessoal como em toda práxis psicológica.

Porém, com um diferencial - as histórias que permearam a relação da autora com os supervisionandos, a relação terapêutica deles com os pacientes, buscam promover o desenvolvimento pessoal, a qualidade dos atendimentos e da supervisão pelo estabelecimento de um *setting* acolhedor a partir de um clima de confiança facilitador da transicionalidade e do brincar.

* * *

- A EMIA

*Em fevereiro quando o ano se inicia
Um sonho desperta
Na mão da poesia*

*Existe um parque com uma flor diferente
cheia de mistérios
parece com a gente*

*Quem toca pode dançar
Quem dança pode tocar
Quem representa
Pinta e borda seu tema*

Tempo de Emia – 25 anos
Letra e música Paulinho da Rosa ⁴

A Escola Municipal de Iniciação Artística – EMIA foi fundada em 1980 no antigo Parque da Conceição, hoje Parque Lina e Paulo Raia, na Casa 3, como órgão vinculado à Coordenadoria das Atividades de Iniciação Artística do Departamento de Teatros da Secretaria Municipal de Cultura-SMC da Prefeitura do Município de São Paulo, pertencendo, hoje, ao Departamento de Expansão Cultural. Esta escola oferece aulas de música, teatro, artes plásticas e dança para crianças de 5 a 12 anos. Oferece, também, atividades paralelas em forma de oficinas livres com duração de um ou dois semestres nas quais os alunos regulares e membros da comunidade podem se inscrever segundo o seu interesse.

Para o curso regular o critério de ingresso é o sorteio público e as crianças matriculadas frequentam a escola uma vez por semana, em grupos formados por idade (5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 anos) até o ano em que completarem 13 anos.

⁴ Integra da letra e música no Anexo 1

Além desse eixo curricular obrigatório podem optar por cursos complementares e pelas oficinas livres acima mencionadas.

Uma dupla de professores de diferentes linguagens trabalha com as classes de 5, 6, 7 e 8 anos de até quatorze alunos; já os alunos de 9 e 10 anos, num total de vinte e quatro por classe, são atendidos por quatro professores, cada um especialista em uma das linguagens (música, teatro, artes plásticas e dança).

Os alunos de 11 e 12 anos fazem opção por uma linguagem de sua preferência e são atendidos por um artista-professor específico dessa linguagem.

Os cursos complementares incluem: dança, teatro, artes plásticas e aulas individuais de instrumento (piano, violão, cavaquinho, violino, violoncelo, flauta doce, flauta transversa, pífaro, percussão, bateria e saxofone). A EMIA mantém uma orquestra e corais. Há ainda algumas oficinas para pais, ex-alunos, alunos e comunidade.

A integração das linguagens expressivas – música, teatro, artes plásticas e dança, em aulas ministradas por artistas professores com comprovada experiência artístico-pedagógica, são dois princípios que norteiam o trabalho desenvolvido com as diferentes faixas etárias.

Os projetos são desenvolvidos de acordo com a livre decisão de cada dupla ou quarteto de professores na relação com seus grupos-classe. Não existe um planejamento geral que oriente os planejamentos para cada faixa etária. Estes são realizados pelos professores a cada início de semestre e podem ser modificados conforme o rumo que as atividades tomarem durante o processo em aula.

Os professores realizam duas reuniões com pais, ao fim do primeiro e do segundo semestres, para conversar a respeito do processo em sala de aula e sobre cada criança e sua produção.

Uma avaliação escrita de cada aluno é realizada de forma descritiva pelos professores e fica arquivada nas pastas-prontuário na secretaria da escola para consulta e documentação do percurso do aluno na escola.

Ao final de sua permanência na EMIA os alunos participam da formatura, organizada por pais, alunos, professores e direção. As comemorações incluem audições de instrumento e apresentações de teatro e de dança em teatros da Secretaria Municipal de Cultura; exposição de artes plásticas em um espaço público específico, uma cerimônia para entrega de certificados contendo o histórico do aluno na escola e uma festa organizada pelas famílias e formandos⁵.

* * *

- Objetivos da pesquisa

Desenvolver enquadres diferenciados de trabalho através da aproximação entre a psicanálise, a educação e a literatura infantil.

Com a aproximação entre os conceitos de transicionalidade e espaço potencial de Winnicott e o trabalho com histórias em uma instituição educacional voltada para a iniciação artística de crianças, buscamos abrir novas perspectivas para a interface psicanálise/educação onde as histórias possam ser mediadoras de novas conquistas quanto à busca de um olhar sensível do professor, quanto ao sentido de pertencimento de todos os participantes do processo educativo como

⁵ O que é a EMIA? Carta entregue por uma mãe que tinha filhos nos dois grupos participantes desta pesquisa

parte de uma cultura, quanto à conquista de autoria, quanto ao vínculo, quanto ao espaço do imaginário, do brincar, do sonhar, do prazer na conquista de novos conhecimentos.

Ao analisar o projeto Alice no País das Maravilhas buscamos destacar a intervenção dos professores com o uso das histórias e visamos refletir sobre a possibilidade de constituição de um espaço potencial o que, no contexto da intersubjetividade, é definido na escola como possibilidade do relacionar-se criativamente com o conhecimento e com os outros sujeitos de aprendizagem, segundo o enfoque deste trabalho.

Vamos avaliar ainda a contribuição da psicanálise no espaço institucional ao oferecer recursos para entender como agimos e interagimos, para refletirmos, a partir dos aspectos investigados, sua possível contribuição a partir de uma aproximação com o cotidiano dos seres humanos.

Propomos uma investigação cuja descrição passo a passo possa ampliar a rede de relações que se estabelecem no processo educativo e na busca de um desenvolvimento saudável.

A PESQUISA

*Da pergunta daquele que não sabe, a uma visão que tudo sabe,
que nós fazemos, que se faz em nós.*

Merleau-Ponty

No momento da coleta dos dados eu trabalhava com classes de 5 e 6 anos e com um grupo de 9/10 anos. Optei então desenvolver a pesquisa com dois grupos – um de 6 anos e o outro de 9/10 anos, e para tanto contei com a concordância dos professores que dividiam comigo estas classes.

O primeiro grupo era formado por doze crianças, cinco meninas e sete meninos, que iniciaram o ano com 6 anos e que freqüentavam a EMIA no grupo das terças-feiras das 13:30 às 15:30 horas.

A artista professora Daniela Rizzi Bozzo tem graduação em teatro, é atriz e participou, neste grupo, dos encontros interventivos constantes desta pesquisa, sendo minha dupla de trabalho.

O segundo grupo era formado por doze crianças, sete meninas e cinco meninos, de 9 e 10 anos, que freqüentavam a escola às quintas-feiras, das 7:50 às 11:40 horas. Conforme mencionado esta faixa etária na EMIA é atendida por quatro professores - o quarteto, sendo cada um especialista em uma das linguagens artísticas: Márcia Soares Andrade – na época professora de artes plásticas, Thelma Antas Penteado – na época professora de dança, Márcia Laguna de Oliveira - música e Francisco Luiz da Costa Carvalho - teatro.

As mesmas crianças permaneceram em suas salas de aula até o final do ano, não aconteceram desistências ou transferências, o que foi interessante para o projeto de pesquisa.

Durante os encontros semanais com os grupos, a observação, os registros e as anotações, as fotos, a anotação de histórias, a coleta de desenhos produzidos pelas crianças, os depoimentos dos pais, foram os instrumentos fundamentais no processo de desenvolvimento da pesquisa e análise posterior do material recolhido.

Além das histórias ouvidas, contadas, dramatizadas e inventadas, utilizamos neste trabalho, para discutir a experiência cultural e o espaço potencial, outros objetos trazidos pelas professoras ou pelas crianças: fantoches, miniaturas, bonecos-personagens, brinquedos, objetos sonoros, instrumentos

musicais, tudo isso nos acompanhou como elementos da transicionalidade, ou seja, como mediadores destes encontros.

As descrições e relatos deste trabalho têm como referência meu ponto de vista como pesquisadora com o apoio das diferentes formas de registros e da observação atenta na apreensão das atitudes, gestos, falas, expressões e reações das crianças durante o desenvolvimento das diferentes atividades propostas.

Traçando um caminho descritivo cuidadoso fui buscando a aproximação possível ao método fenomenológico.

Para Graña (2002) há um forte acento fenomenológico nas postulações fundamentais de Winnicott. O que o aproxima de Merleau-Ponty são suas idéias a respeito da primordial aprendizagem que é feita pelo corpo permitindo ao *self*⁶ um tipo de conhecimento que é vivencial, experiencial. A liberdade para eles está na inevitabilidade de um gesto espontâneo e criativo, realizado para a autenticidade, a verdade, e cuja possibilidade não está nem dentro nem fora, mas “entre” o indivíduo e o mundo, “entre” eu e os outros. Para este autor, o que Winnicott caracteriza como espaço potencial ou espaço transicional é o que Merleau-Ponty chamou de espaço fenomenal ou campo vivencial. Um espaço que ao longo do tempo incluirá todas as atividades lúdicas e de interesses culturais humanos. Com suas proposições, Graña pretende

relacionar os trabalhos de Winnicott e Merleau-Ponty, dois pensadores contemporâneos estreitamente aparentados por uma perspectiva fenomenológica, adotada formalmente pelo filósofo e “inadvertidamente” pelo psicanalista, em que as formulações

⁶ É a organização dinâmica da personalidade como um todo, que possibilita a um indivíduo ser uma pessoa e ser ele mesmo, de acordo com Safra (1999; p.37)

centrais estão organizadas em torno da postulação de uma área de intersecção, das minhas percepções com as percepções do outro, lugar denominado por Winnicott como espaço transicional, e por Merleau-Ponty como campo fenomenal, e que é convergente com a noção de mundo da vida de Husserl (...). Nessa terceira área da experiência, nem interna nem externa, está sediado o viver, a realidade compartilhada diariamente pelos indivíduos, a realização cultural e a experiência psicanalítica propriamente dita. Grifo do autor. (Graña, 2002, p.929).

Merleau-Ponty assinala um pensamento vivo, em constante transformação, que se caracteriza pela busca incansável do questionamento, da interrogação diante de cada novo fenômeno. Comenta Coelho Junior (1991) que há nele sempre um *trabalho de repensar o pensamento como ato de expressão* (p.28) e que

com Merleau-Ponty aprendemos que as grandes questões da existência humana não se resolvem de uma forma absoluta e definitiva. A linguagem, o corpo, a relação homem-mundo revelam um movimento ambíguo em que constantemente deslizamos da polaridade de universal para a polaridade particular, e desta para aquela. Não há verdade absoluta, nem mesmo a do reconhecimento da ambigüidade. A interrogação e a investigação devem permanecer em aberto. (p. 16).

A busca de um tom fenomenológico é uma escolha adequada para a descrição do material colhido durante o desenvolvimento do projeto Alice no País das Maravilhas. Como reitera Martins (1989), o uso da análise da descrição fenomenológica em psicologia e educação possibilita incorporar às pesquisas o valor da imaginação, da intuitividade tanto do pesquisador quanto do pesquisado.

Neste tipo de pesquisa Martins considera que a idéia de fenômeno assume o sentido da entidade que se mostra em um local situado e que

(...) busca uma compreensão particular daquilo que estuda. Uma idéia mais geral sobre tal pesquisa é que ela não se preocupa com generalizações, princípios e leis. A generalização é abandonada e o foco da sua atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados. Grifo do autor (p: 41).

Juntamente com os professores que partilharam comigo dos encontros que serão relatados nesta pesquisa, e mergulhada no referencial teórico de Winnicott, me propus descobrir o significado das experiências vividas pelas crianças.

Os olhares culturais, sociais, psicológicos, situacionais, circunstanciais, civilizacionais, familiares, emocionais, entre outros são parte de um jogo iluminador, sendo a própria luz na qual as coisas aparecem, mostrando-se para o olhar do pesquisador imerso nos seus dados.

Ao ler e reler a documentação de registro, pequenas anotações, rascunhos, fotos, desenhos nos deparamos com descobertas, com novas dimensões que surgem da apreensão de um gesto numa foto, nos surpreendemos com uma única palavra que se destaca em meio a tantas outras de um texto.

O mundo compartilhado é o solo de nossos encontros com o outro, espaço onde nossas histórias se revelam, assim como nossas ações, decisões e envolvimentos.

Para a realização desta pesquisa houve uma anuência tanto da direção da escola quanto dos pais das crianças envolvidas, todos assinaram um Termo de Consentimento (ANEXO 2). Quanto às crianças, foram informadas verbalmente e

se mostraram disponíveis em participar. No caso dos pequenos, permitiram que ficássemos com os desenhos, colaboraram com as anotações e documentação em fotos e vídeo; no caso do quarteto permitiram a documentação das atividades, trazendo sugestões e elaborando textos escritos que fazem parte do material documental aqui apresentado.

A coleta de dados nos dois grupos acima mencionados aconteceu em dois semestres.

* * *

- O primeiro semestre e sua preparação para os dois estudos do segundo semestre

Na EMIA, a cada início de semestre, na chamada semana de planejamento, os professores de cada grupo se encontram para escrever um projeto de trabalho para cada turma, o que se constitui num espaço de trocas e interação entre os professores, uma preparação para o início do trabalho com as crianças. Esse projeto pode ser mudado, transformado durante o semestre ou mesmo se estender para o semestre seguinte.

Podemos consultar as pastas de chamada com a relação das crianças que estarão nos horários pelos quais somos responsáveis. Algumas já conhecemos de anos anteriores e trocamos informações, outras não conhecemos e podemos obter dados consultando a pasta-prontuário de cada aluno – que fica em um arquivo na Secretaria de Alunos da escola e da qual constam ficha de matrícula, as avaliações descritivas realizadas pelos professores a cada semestre e outras anotações e documentações. No caso das crianças de 6 anos é possível que façam parte do grupo alguns alunos novos, mesmo assim é possível ler a ficha de

matrícula preenchida pelos pais. Assim é possível reunir o que sabemos e o que intuímos sobre nossos alunos.

Para a realização da pesquisa expus para a professora de teatro Daniela Rizzi Bozzo, minha dupla num dos grupos de 6 anos, minha intenção de trabalhar com a história “Alice no País das Maravilhas” de Lewis Carrol. Houve um pronto interesse por parte dela.

Ela havia participado como atriz de um espetáculo onde fazia o papel de Alice, um roteiro coletivo criado pelo grupo teatral do qual participava, para um público adulto, e que teve como referência a história Alice no País das Maravilhas.

No encontro seguinte Daniela trouxe a pasta com seus guardados sobre Alice. Emocionada, abriu-a como quem abre um tesouro - fotos, recortes, escritos. Seu entusiasmo foi contagiante e acredito que naquele momento teve início o projeto deste grupo. Eu também havia trazido vários livros, imagens a respeito, assim como sugestões de músicas e jogos.

Para o grupo de 9/10 anos conversei primeiramente com o professor de teatro deste quarteto, o ator e contador de histórias Francisco Luiz da Costa Carvalho, o Chico Lu, que prontamente mostrou interesse pelo projeto e contou de uma versão feita por Monteiro Lobato que traria para nossa próxima reunião, comentando que achava importante ter em mente um planejamento que pudesse ser trabalhado e que eventualmente se constituísse num roteiro para a apresentação de final de ano, no teatro. Conversamos com Márcia Soares Andrade – na época, professora de artes plásticas e com Thelma Antas Penteado – na época, professora de dança, que aceitaram a proposta.

Nos dois grupos sou professora de musicalização e desde 1999 tenho integrado ao trabalho de música o trabalho com histórias.

Na EMIA, as classes contam com um mínimo de mobiliário. Na sala onde foram atendidos os alunos de 6 anos tínhamos duas mesas desmontáveis – dois tampos com dois cavaletes para cada tampo, e bancos de madeira em volta, para deixar o máximo de espaço livre possível para a movimentação das crianças. Na sala onde foi desenvolvido o trabalho com os alunos de 9/10 anos, dispúnhamos de prateleiras penduradas em uma das paredes para que as crianças colocassem seus pertences. Quando necessário podíamos providenciar bancos de madeira.

Em cada sala há um aparelho de som, um piano e armários embutidos para os materiais dos professores e para guardar as produções das crianças.

Para os dois grupos participantes desta pesquisa propiciamos os seguintes momentos dentro da rotina:

— a roda de chegada – um momento de conversar livremente, ouvir e contar novidades, fatos acontecidos durante a semana, disponibilizar os materiais trazidos pelas crianças e professores: livros, brinquedos, jogos, idéias e sugestões, um momento precioso de escuta, observação e estabelecimento de combinados para encaminhar as atividades artísticas;

— as atividades do dia;

— o intervalo para o lanche – para as crianças de 6 anos acontecia na sala ou no parque, com a nossa presença e cuja duração dependia do ritmo do grupo, e para os grupos de 9/10 anos durava 20 minutos, no parque e sem a presença dos professores, de acordo com as normas da escola;

— continuação das atividades;

— a roda de fechamento – para que alunos e professores pudessem dizer uma coisa que se destacou para ele naquele encontro, o que permitia rever o trabalho do dia, fazer as despedidas e, se necessário, deixar alguma tarefa para a aula seguinte.

Nos dois grupos havia um procedimento comum para as atividades de teatro: dividir o espaço da sala em palco e platéia.

*

- Descrição das atividades e procedimentos nos dois grupos

Como o foco aqui são as histórias, eu, como pesquisadora, faço um recorte dos dados coletados no primeiro semestre e descrevo alguns encontros buscando caracterizar o grupo, o trabalho desenvolvido e como fomos caminhando para o projeto Alice.

O grupo de 6 anos

*O importante não é dizer, é saber. É todo mundo ver que o rei está nu, e não dizer nada, para que uma criança possa exclamar:
- O rei está nu!*

Fernando Sabino

Foram 17 encontros com este grupo de 2 de março a 22 de junho.

Na primeira terça-feira, dia 2 de março começamos o ano com este grupo. Os pais entraram com seus filhos. As professoras se apresentaram e abriram espaço para que todos se apresentassem. Demos avisos gerais sobre o

funcionamento da escola e respondemos algumas dúvidas. A pequena reunião foi encerrada. Só as crianças permaneceram e demos início às atividades.

Propusemos a roda inicial de conversas e a chamada em que cada um respondia dizendo uma coisa que pensou sobre a EMIA quando estava a caminho para a primeira aula. Quatro crianças eram novas na escola, cinco crianças eram do mesmo grupo conosco no ano anterior e três crianças vinham de diferentes grupos. Transcrevo algumas falas das crianças ilustrando o primeiro dia:

Pensei que ia desenhar.

Minha mãe não me falou nada.

Eu já vim no parque e vi a escola.

Minha irmã estuda aqui. Eu fui sorteado.

A gente canta, faz brincadeiras e histórias. Ah! Teatrinho.

Eu já vim aqui na outra classe.

Fizemos alguns jogos cantados para memorizar os nomes e explorar o espaço da sala, depois fomos fazer um passeio dentro e fora da escola - no parque.

Ao retornarmos, como nem todos haviam trazido lanche, quem trouxe dividiu com os demais, colocamos um prato que as crianças passaram a chamar de “o prato do meio”, em que cada um, desde então, passou a compartilhar com os demais uma parte do próprio lanche.

Sobre a mesa estava o livro “Pelegrino e Petrônio”, uma história de Ziraldo. A Daniela contou para as crianças que uma amiga sua, a Nina, que tinha a idade deles é que tinha emprestado para que fosse lido na aula. Dois pés com desejos diferentes: Pelegrino queria ser bailarino e Petrônio queria ser jogador de futebol.

A história foi interrompida propositalmente num momento de impasse da narrativa e no dia 9 de março, ao chegar, pareciam curiosos para ouvir a continuação da mesma. Na hora da chamada o tema foi *uma coisa da aula passada* e nove crianças responderam com elementos da história. Duas não se lembravam de nada e uma delas lembrou-se das taturanas no parque.

Pelegrino queria ser bailarino.

Petrônio queria jogar futebol.

Os demais responderam que os pés deveriam jogar futebol, mesmo algumas meninas.

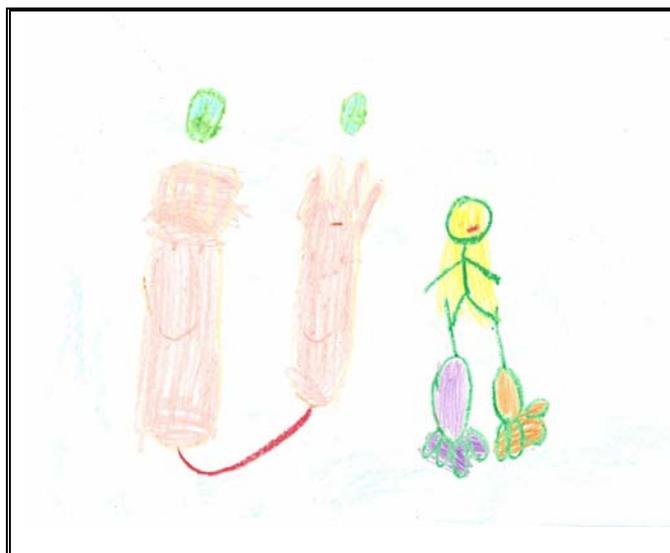
Lanchamos e em seguida continuamos a história na qual, por fim, os pés concluem que a arte do futebol exige muitos *passos* como numa dança; assim, as qualidades e os desejos de cada um dos pés foram atendidos e puderam viver em harmonia.

Realizamos alguns jogos cantados com os nomes e outros que explorassem o andar, o pular, o saltar numa perna só, o dançar. Depois cada um era o chefe e andava *de um jeito diferente* enquanto os demais imitavam.

Neste segundo encontro o grupo demonstrou o interesse pelo desenho como registro. E cada um desenhou o que *os pés gostariam de ser*. Um momento individual de produção que traz para o papel as diferentes maneiras como as crianças se expressam.



Rafael, 6 anos



Lucas S., 6 anos

No encontro seguinte, como já havíamos trabalhado com os pés, buscamos ampliar o trabalho corporal e na chamada cada um respondia falando o nome de uma parte do corpo.

Fizemos alguns jogos cantados explorando as partes do corpo e o movimento de deslocamento e contenção. Acompanhados por mim ao piano cantamos uma canção composta por Thelma Chan:

*Bagadalá a varinha mágica
Pirlimpimpim você fica assim ...*

A cada parada faziam estátuas livremente, depois tocando uma parte do corpo indicada pela professora, fazendo careta, expressando um sentimento (alegria, tristeza, medo).

Jogamos morto-vivo, um jogo de regra no qual as crianças ao som grave ficavam agachadas, ao som agudo ficavam em pé. No chão, de costas relaxaram. Alguns começaram a cantar cantigas de ninar. Outros fizeram que estavam

roncando. Apagamos a luz. E aos poucos foi chegando um ventinho que anunciou a hora do lanche.

Durante o lanche, no parque, observamos que os meninos começaram o que parecia uma brincadeira ou talvez um jogo, um deles corria e cantava, dava um encontrão com os outros. Depois faziam combinados e o jogo mudava. As meninas assistiam e depois também deram suas corridinhas. Esperamos até que mostrassem cansaço e parassem. Foram sentando nos bancos. Esperamos que descansassem um pouco, voltamos para a classe e perguntamos que jogo era aquele. Disseram que era uma história e começaram a contar. Fomos anotando.

O MENINO E O DINO

Criação coletiva

Era uma vez um castelo com um menininho que cantava: lalalalalalalalá.

Ele andava de “skate” na pista e era danadinho.

Ele sorria todo dia pela manhã.

Um dia ele começou a ficar sério e mudo. Começou a ficar chato e bravo.

Os amigos ficaram chateados.

Ele pegava o “skate” e atropelava todo mundo.

Ele ficou bravo porque ele viu um dinossauro bravo e quis ficar igual ao dinossauro. Ele quis lutar com o Dinoduplo.

Ele chamou os amigos que ajudaram a lutar.

— Deixa que nós vamos ajudar porque sozinho você não vai dar conta. Não vai conseguir.

Eles construíram capas de ferro e capacetes de panela. Espadas de cabo de vassoura e escudos de tampas de panela e PA PA PA PA, e quando jogaram as

espadas o dinossauro começou a gritar ROOOOORRRRR e uma metade virou príncipe e uma metade virou mulher, que eram irmãos enfeitiçados.

Neste momento que acabou o feitiço o castelo virou uma casa com piscina e parquinho, com uma cozinha com cheiro de chocolate e muitos doces.

Era tudo de ouro. Eles ficaram ricos.

O menino ficou feliz de novo, voltou ao normal.

Não atropelava muito as pessoas, só quando não conseguia breicar. Andava também de bicicleta. Todos nadavam na piscina. Andava de “motorcycle”, de carro e de caminhão e outros.

E todos ficaram felizes para sempre.

Quando a história terminou, pedimos que as crianças nos ajudassem a arrumar os bancos um ao lado do outro em uma das metades da classe, para acomodar a platéia e na outra metade, ou melhor, no palco, a Daniela e eu passamos a encenar a história, nós mesmas. Eles assistiam e riam. A Daniela atropelou a platéia, como havíamos observado que faziam no parque. Algumas crianças juntaram-se a nós e *fizeram o teatro* conosco. Depois que terminou quiseram repetir o *teatrinho*, foram então escolhendo os personagens e iniciaram o jogo dramático a partir da história. Alguns alunos e as professoras ficaram assistindo e constituíram um público que interagiu com os *atores* em cena.

Uma atividade espontânea das crianças no parque foi valorizada pelo nosso olhar e pode transformar-se em história e teatro.

Como pesquisadora, relendo os relatos me surpreendo com o tamanho da história, ainda mais considerando que estávamos no primeiro dia de aula.

No dia 9 de março pedimos sugestões para as crianças com relação ao tema da chamada, e foi decidido que seria – bichos preferidos.

As crianças se encarregaram, por livre iniciativa, de contar para os colegas que haviam faltado o que havia acontecido no encontro anterior.

Enquanto tudo isso acontecia eu havia colocado sobre a mesa um grilo feito de sucata e que tem uma ventosa embaixo. No momento seguinte apertei o grilo contra o tampo e de repente ele *pulou*. Foi aquela surpresa. Todos quiseram brincar com o grilo, foram pela sala experimentando colocá-lo em diferentes superfícies e planos. Cada vez que ele pulava as crianças riam, corriam, brincavam pela sala, o grilo trocava de mãos, até que voltaram para se sentarem ao redor da mesa, onde as professoras estavam. Comecei a fazer um som com um instrumento chamado *rói-rói*⁷.

Eu tocava o rói-rói sob a mesa, ficavam procurando e então foi aparecendo um fantoche que eu manipulava como se estivesse bravo querendo comer tudo: o dedo das crianças e até a mesa. Então um dos meninos sugeriu:

Que tal ele chamar Monstrinho?

Passaram a manipular o fantoche, iam se revezando, todos corriam até que alguém gritou:

Chama a dona Monstra!

Depois de muita brincadeira decidiram que o fantoche era o Sr. Monstrão e era o pai, e o grilo que pulava é que era o Monstrinho.

⁷ instrumento feito com um pedaço de tubo de papelão, aberto de um dos lados e fechado por várias camadas de papel de seda do outro lado, de onde sai um pedaço de sisal que na outra ponta fica amarrado, com uma certa folga, a um pequeno pedaço de madeira arredondado e coberto de breu; friccionando as duas partes produz som



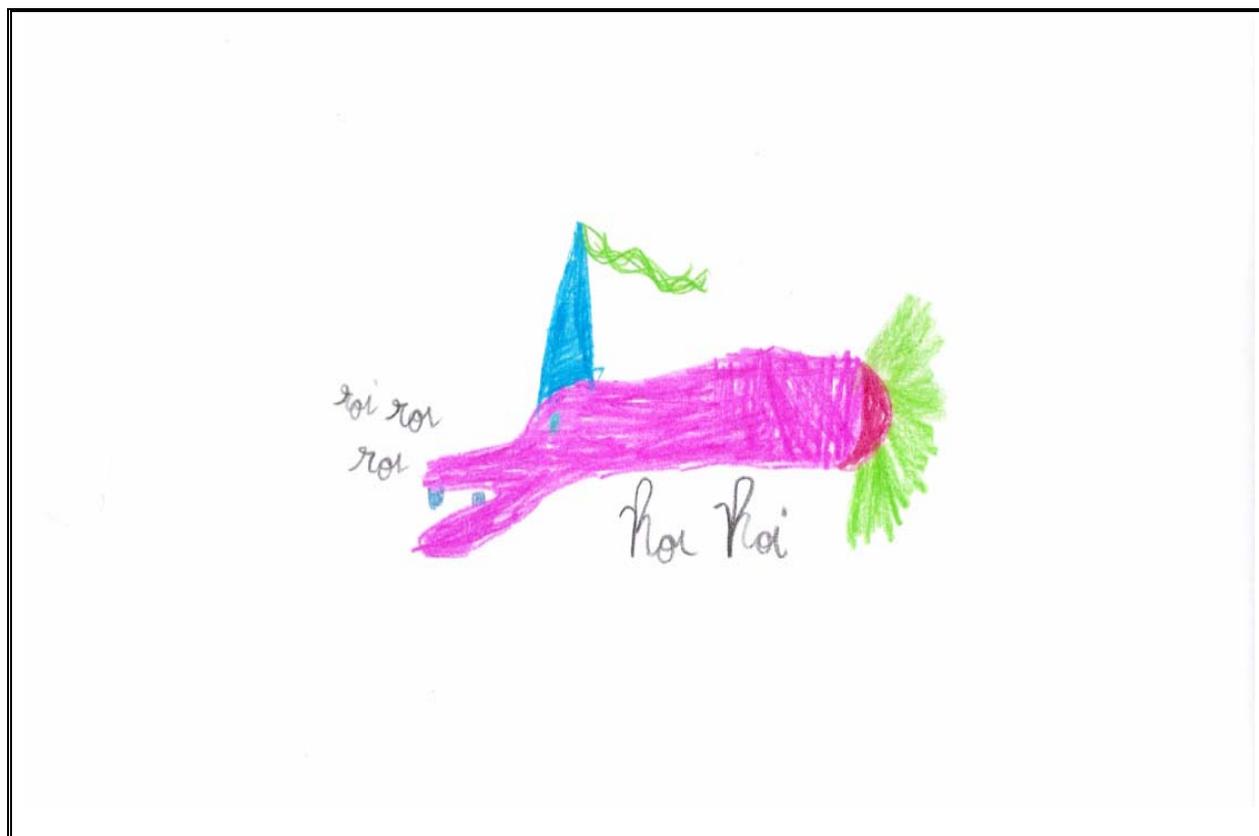
Rói Rói – O Sr Monstrão *perplexo* diante da agressividade de sua filha a Monstrinha

Como haviam chamado pela dona Monstra trouxemos para o encontro do dia 17 de março, um novo fantoche de meia com tranças e laço rosa. Quisemos surpreendê-los. Não houve nem chamada, ela chegou rosnando. Imediatamente disseram que ela era a Monstrinha Filhinha, com 5 anos de idade. Continuamos sem a mãe.

Depois apareceram os fantoches de pelúcia: o Gambá Vermelho, o Tigre e o Coelho, que estavam em nosso armário e que há algum tempo haviam sido doados para as crianças por uma das famílias. Quanto ao Tigre, algumas crianças acharam que era um gato, discutiram entre eles, depois todos concordaram e ficou Tigre.

A Monstrinha Filhinha mordeu o Gambá que era *vermelho de tanta raiva*, ele custou para se livrar da Monstrinha Filhinha. Quando fugiu, ficou um pequeno novelo vermelho de seu pelo sobre a mesa e as crianças comentaram:

Olha! Ficou um pouquinho dele...!



Isadora, 6 anos



Alessandra, 7 anos

Quando apareceu o Tigre, ela não atacou, queria *namorar* com ele, o que gerou um impasse entre meninos e meninas. As meninas eram a favor do romance, os meninos não. Depois de muita discussão resolveram que eles seriam amigos.

Os fantoches foram sendo manipulados pelas crianças, tiramos de trás do piano uma armação de madeira com cortina que usávamos para teatro de fantoches e sugerimos que, em duplas ou trios, fossem criando improvisações, pequenas cenas para os colegas. As crianças foram se sentando no chão ou em bancos para assistirem o *teatrinho*. O interesse era tanto que iam chegando cada vez mais perto da cena.

As situações apresentadas incluíam as brincadeiras trabalhadas em aulas anteriores, histórias conhecidas que adaptaram para aqueles personagens, novas

histórias que improvisavam e que exploravam as características dos personagens que estavam manipulando. Mexiam com a platéia.



Vocês querem ouvir uma história?

Vocês viram para onde ele foi?

Falavam as crianças enquanto o personagem procurado aparecia em diferentes lugares.

Depois que todos que manifestaram interesse se apresentaram e alguns que quiseram repetir a experiência o fizeram, lanchamos. Enquanto lanchavam no espaço da sala de aula, votaram para escolher entre três histórias trazidas por uma das meninas e que estavam sobre a mesa: Patinho Feio, A Pequena Sereia e Bambi. Como houve empate, nos propusemos a ler as duas histórias: A Pequena Sereia e Bambi.

Queriam desenhar. Disponibilizamos o material gráfico, enquanto a história era contada iam desenhando e colorindo com lápis de cor e giz de cera.

Ao final, pedimos que destacassem uma coisa da aula:

Que a gente fez teatrinho.

A história da Pequena Sereia.

Que você contou a história.

Que a gente faz desenho.

Brincar.

A gente brincou com os fantochinhos.

A gente fez teatro com fantoche e a gente contou história no teatro.

Que a gente brincou ali de fazer... (imita com uma das mãos o gesto de manipular o fantoche).

Já estávamos terminando a aula quando perguntaram:

POR QUE A MÃE DO MONSTRO NÃO VEIO?

Eles mesmos foram respondendo:

Ela deve estar fazendo faxina.

Talvez foi ao médico.

Está cozinhando rosbife.

Foi dormir um pouco, depois do almoço.

Falam ao mesmo tempo da mãe-boneco e da mãe deles. Entre o real e o imaginário, o grupo e as professoras com seus gestos e atitudes vão constituindo as relações e interrelações a cada encontro.

O grupo de 9/10 anos

Na casa onde uma criança nasce, todos os objetos mudam de sentido, começam a esperar dela um tratamento ainda indeterminado, há algo mais ali; uma nova história, breve ou longa, acaba de ser fundada, um novo registro é aberto.

Merleau-Ponty

Para o primeiro semestre optamos por fortalecer a dinâmica do grupo e construir um espaço de identidade considerando a história de cada um: a escolha do nome, origem das famílias, local de nascimento dos pais, brinquedos e histórias da infância deles, memórias. Ao lado dessas atividades, como eixo central do semestre, planejamos os conteúdos a serem trabalhados em cada linguagem, objetivando a sensibilização e o desenvolvimento de recursos tanto individuais quanto do grupo que favorecessem nossas produções neste momento da iniciação artística destes alunos, já no quarto ou quinto ano de EMIA.

Ainda como registro, o Chico Lu sugeriu que juntos, professores e alunos, produzíssemos ao longo do ano um Diário com a Folha do Dia – papel e material gráfico ficavam disponíveis para que fôssemos registrando, durante o encontro, algo que julgássemos importante, significativo. Este material não foi pensado por mim como coleta de material para o Doutorado, mas aprovei a idéia trazida pelo professor por se configurar como um espaço de reflexão. As outras duas professoras aceitaram a proposta.

Nosso projeto inicialmente se propunha a

...trabalhar a história dos nomes, a história e histórias de cada um, através de sons, gestos, saberes, brincadeiras, lembranças, objetos, imagens. Ouvir e observar os

alunos, pesquisar o que já sabem e o que podem ampliar do conhecimento de si, do outro e das linguagens propostas.

Como professores, buscamos contribuir com nossos conhecimentos e experiência para que as ações do grupo pudessem ter intenção em seu fazer. Nossos sonhos, nossos desejos com os sonhos e desejos das crianças. Um saber e um fazer que esteja em contraponto com o imediatismo atual, nossas histórias como preservação/memória que também volta o olhar para o presente, para o outro, para o ambiente, para a natureza, para novas histórias. Transformar, reciclar, criar, viver⁸.

O grupo de 9/10 anos era formado por sete crianças que já conhecíamos do ano anterior e cinco crianças que vieram transferidas de outros grupos. Só tivemos quatro encontros no primeiro semestre e sobre eles farei um breve relato destacando os momentos mais significativos e alguns procedimentos.⁹

No primeiro encontro no dia 4 de março reencontramos os alunos e pais, que já conhecíamos do ano anterior. Acolhemos os demais nos apresentando, eles também se apresentaram, fizemos alguns comentários sobre o trabalho de cada professor, horários de entrada e saída, avisos gerais da escola. Explicamos para os pais e para as crianças a minha intenção de desenvolver um trabalho de pesquisa a respeito de histórias e sobre a produção do Diário. Os pais aprovaram as duas propostas e inauguraram com suas anotações a Folha do Dia. Em seguida se retiraram.

Na roda de chegada fomos contando novidades num clima bem informal e com o sentimento gratificante de podermos acompanhar os alunos por dois anos

⁸ Trecho extraído do Projeto escrito pelos professores do quarteto no início do primeiro semestre.

⁹ Hoje, atendemos separadamente os alunos de 9 anos e de 10 anos

seguidos e observá-los em seu desenvolvimento e conquistas. Tínhamos um grupo unido, respeitoso com as diferenças e com algumas crianças que exigiam uma atenção especial. Nossa experiência anterior era outro fator que nos mobilizava neste projeto e na necessidade de imprimir um ritmo que favorecesse a todos.

Minha mãe me comprou um livro [nas férias] e eu li inteiro.

Era uma aluna que estava em atendimento fonoaudiológico e no ano anterior estava se adaptando ao aparelho auditivo, quase não falava e não participava das dramatizações. A conquista da leitura era uma notícia que agora ela mencionava em voz alta na roda, logo no primeiro dia. Além da felicidade que demonstrava pareceu querer compartilhar conosco esse momento, assegurada de sua importância para o grupo e por reconhecer o valor que demonstrávamos pelos livros e pelas histórias.

Para memorizar os nomes dos alunos novos e para que eles também memorizassem nossos nomes realizamos alguns jogos – falar o nome, um a cada vez, falar o nome com um movimento. Com as mãos bater: palma, palma, estalo (dedos médio e polegar da mão esquerda), estalo (mesmos dedos da mão direita), quando o ritmo ficou regular, a cada duas palmas falar o nome em dois tempos nos estalos.

Em seguida as crianças se lembraram de um jogo que no geral usávamos como um organizador da dinâmica e da concentração do grupo no ano anterior e que eles chamavam de TUM TA: ajoelhados em roda TUM – bater com as mãos fechadas no chão, TA – bater com as palmas das mãos no chão, REI - com as mão para cima

TUM TA
TUM TUM TA
TUM TUM TA TA
TUM TUM TA
REI

As mãos falam? Elas podem estabelecer uma comunicação? perguntamos.

Foram descobrindo que sim: as mãos podem – acenar, cumprimentar, apontar, dar adeus, aprovar, negar, acariciar, pedir carona, chamar, concordar, discordar.

Com esse repertório recém explorado o Chico Lu começou a contar oralmente a história da Revolta dos dedos.

Esta história fala das mãos.

Os dedos queriam se expressar, mas pertenciam a um robô que só queria digitar.

Os dedos queriam pintar, tocar, plantar, brincar, se expressar, então fizeram uma revolução e cada dedo pôde realizar um sonho, um sonho de fazer, de experimentar – de pegar na massa de modelar, no lápis, de tocar flauta.

Os dedos indicaram, falaram, pediram carona, chamaram, acenaram, concordaram e discordaram, fizeram e aconteceram.

Os dedos brincaram de se cumprimentar. E ainda pintaram o dia, o papel, a vida...

Foram embora dando TCHAU!

Ah! O robô se humanizou.

O professor contando oralmente a história mescla com o texto original as descobertas dos alunos, assim como atividades artísticas que realizam ou podem realizar na EMIA.

Os novos alunos eram disponíveis para as atividades e se entrosaram com facilidade ao grupo. Nós, professores, vislumbramos com esta nova composição uma melhor dinâmica, um novo ritmo que poderia reverter num incentivo para todos.

A proposta para o próximo encontro foi:

Por que você se chama?

*

Uma semana depois (11 de março), em nosso segundo encontro as crianças chegaram e na roda de chegada nos lembraram da *pesquisa* dos nomes.

A história dos nomes e os nomes como histórias

A escolha de um nome para o filho não se dá à toa, como teria sido essa escolha, a origem do nome que cada um recebeu?

O Guilherme Arantes cantor e compositor fazia sucesso. O sobrenome dos meus pais é Arantes, então, puseram Guilherme.

Foi o filme onde tinha a personagem Larissa. Meu pai queria Tarsila. Minha mãe gostava desse filme do Dr. Jivago. Como Larissa era parecido com Tarsila meu pai concordou.

Meu pai gostava de nomes com a letra “j” (jota). Jonathan significa dado por Deus, inteligente. Dois irmãos morreram e Jonathan viria para ficar então meu pai não pôs o nome nos outros dois porque nasceram de oito meses e não iriam viver. Quando eu nasci o pai falou que eu ia ficar e ia chamar Jonathan.

Minha mãe colocou esse nome porque ela queria que o começo fosse com Tha, Thu ou The. Pensou em Thalita, Thabata e escolheu Thuany.

Minha mãe escolheu meu nome porque tinha uma amiga chamada Priscila. Ela pensou Giulia, mas iam juntar, ninguém ia falar direito então pôs o nome da amiga.

Valquíria minha mãe colocou por duas coisas, meu pai chama Valdisnei e o meu avô paterno Valdomiro e o meu pai quis Valquíria. E a minha mãe também disse que Valquíria era uma princesa. Minha mãe até brigou com o meu pai porque ela queria Sara.

Eu chamo Vinicius porque a minha mãe gosta e porque admirou o trabalho de alguém famoso, mas eu não lembro.

Todo dia meu pai chegava com um nome para mim. Ele saía e quando chegava já tinha outro nome. Na hora que ia registrar a minha mãe falou: ‘então vai ser Karina’. Só que o meu pai pediu para registrar porque eu era a primeira filha dele. No dia ele ficou indeciso e a minha mãe é que resolveu. Também ela leu no livro de nome que Karina quer dizer pureza.

Minha mãe disse que não lembra porque eu me chamo Talyta.

*Porque minha mãe tinha nascido duas meninas e ela queria um menino.
Eu nasci foi Rodrigo. Se fosse menina ia ser Juliana.*

*Minha mãe disse que era por causa do Abraão Lincoln. A minha avó falou
para o meu pai e o meu pai falou para a minha mãe que Lynkon era um
nome que dava muita sorte.*

*Tenho o nome do meu avô, na minha casa minha mãe é muito católica e
eu e todos os meus irmãos temos nomes de santos, por isso me chamo
Francisco Luiz*

*Márcia foi uma escolha do meu pai, que gostava desse nome. Márcia vem
de Marte.*

*Thelma foi escolhido por minha mãe, ela tirou de um romance que ela tinha
lido, tenho o livro comigo até hoje e trouxe para mostrar para vocês
(lentamente foi tirando do colo o livro, mostrou a capa e depois seu nome
dentro do livro).*

A origem dos nomes e a questão da identidade haviam despertado o interesse do grupo, tanto que nos lembraram logo no início do encontro com relação à pesquisa solicitada. Resolvemos caminhar na história de cada um e pedimos para que eles pensassem em casa sobre uma lembrança de uma primeira vez que algo causou uma emoção forte.

Em roda, aprenderam a cantar:

*Abra a roda,
tin do le lê,
Abra a roda,
Tin do la lá,
Abra a roda,
Tin do le lê, tin do le lê, tin do la lá...*

*Batendo palma...
Com estalos....
Bem baixinho ...
De marcha ré...
Vai andando...*

(cada um pode dar a sua sugestão).

Trabalhamos o passo de Ciranda depois de variações sugeridas pelas crianças, para a letra acima.

Havíamos trazido o CD de Lydia Hortélio com a gravação da ciranda acima. Escolhemos este material pelo interesse de Lydia pela preservação da cultura popular e por se dedicar como pesquisadora pela coleta de canções, jogos e brincadeiras. Pelo encarte que acompanha o referido CD podemos obter referências sobre o local de origem e sobre o informante do material coletado, sobre como realizar algumas brincadeiras de acordo com os costumes e a linguagem de cada comunidade. A gravação tem boa qualidade musical. Esta ciranda ela aprendeu com Maria da Paz dos Santos, de Bom Jardim de Terra Nova, na Bahia. Passamos o encarte do CD na roda para que as crianças manuseassem, lessem...

Na Roda Rítmica propusemos como desafio de concentração este jogo: diferentes células rítmicas vão sendo passadas a cada quatro tempos e

explorando, com as mãos, o som de diferentes partes do corpo, vai sendo criado um resultado de conjunto que inclui o movimento e produção sonora.

De olhos fechados pedimos que tateassem, um a um, os diferentes objetos trazidos pelo professor e que estavam cobertos por um tecido no centro da roda. Por nossa solicitação fizeram individualmente uma lista desenhada ou escrita desses objetos. Depois compararam as listas entre si e em seguida com os objetos trazidos, e que agora estavam visíveis.

No exercício seguinte o grupo deveria mostrar apenas pela expressão do rosto e com as mãos, sem palavras, a utilização de um tipo de transporte coletivo e os professores depois de assistir teriam que identificar o meio de transporte *utilizado* pelo grupo no jogo dramático.

Numa das encenações uma das meninas chega a um local com o grupo, olha para cima e todos se colocam a espera. Um detalhe importante uma vez que no metrô, meio escolhido, existem lâmpadas que indicam a localização das portas de acesso ao vagão.

O outro grupo foi chegando e formando uma fila, olhavam como se procurassem algo ao longe até que fizeram um sinal com uma das mãos. Então, concluímos que iam tomar um ônibus.

A sensibilização tátil, o trabalho com ritmo, a comunicação não verbal foram conteúdos explorados, trazendo o gesto cotidiano e transformando-o em fazer teatral. A história de Lydia Hortélio e sua pesquisa, integrando dança e canto na ciranda, envolve: dar as mãos, a cada passo marcar o ritmo com os pés. O contato com diferentes manifestações culturais foi um dos objetivos desta atividade.

No dia 18 de março na roda de chegada comentaram sobre a *origem dos nomes*, como eles mesmos colocaram. Pediram que eu lesse as anotações sobre o que contaram acerca dos nomes. Ao final da leitura eles confirmaram que não *era necessário fazer qualquer alteração*. Ficaram numa atitude de escuta atenta, denotando interesse em ouvir e confirmar a história da própria identidade.

Após a chamada, combinamos nosso dia. Como não comentaram sobre o pedido que fizemos para que pensassem em uma primeira vez em que sentiram uma forte emoção, não dissemos nada e mesmo sem havermos combinado antes, mudamos o rumo do encontro e buscamos dar subsídios para esse próximo passo. Pegamos bexigas que haviam sido doadas e que estavam no armário de materiais e pedimos que as enchessem e que, sem amarrá-las, explorassem as possibilidades de produção de sons. Foi solicitado que realizassem uma improvisação sonora com os sons descobertos manuseando as bexigas. Depois, distribuímos lápis e tiras de papel sulfite e solicitamos que cada um escrevesse uma mensagem para ser colocada dentro da bexiga que foi amarrada e usada para brincar primeiro individualmente, depois em duplas e por último no grande grupo, atendendo às ordens de jogar para o companheiro mais próximo, de equilibrar com diferentes partes do corpo, de não deixar a bexiga cair no chão sem usar as mãos.

Ao final pedimos que estourassem as bexigas e que cada um pegasse uma das mensagens para ser lida em silêncio e individualmente. Uns pareciam surpresos, outros riam ou ainda alguns pareciam insatisfeitos diante da leitura, mas todos demonstravam curiosidade e alguma agitação, talvez procurassem identificar o autor. Mas apenas observamos, pois haviam se surpreendido, e mesmo alvoroçados mantiveram o segredo quanto à autoria. Pedimos que

colassem as mensagens na Folha do Dia e durante o intervalo para o lanche vinham do parque, entravam na sala e liam atentamente as tiras, conversavam, buscavam pistas, se mostravam intrigados e desafiados em saber quem havia escrito cada uma delas.

Terminado o intervalo para o lanche, solicitamos que, em roda, mantendo o maior silêncio possível, passassem uma folha de jornal e cada um a sua vez deveria com as mãos transformá-la dando uma nova função na forma recebida e em seguida deveriam passá-la para o companheiro ao lado.

Pedimos que escolhessem uma dupla e, organizados em duas filas, frente a frente e a uma certa distância, caracterizassem um personagem e a cada ordem, em silêncio, trocassem de lugar com o par:

- passar pelo outro e olhar;
- passar pelo outro e fazer um gesto;
- passar pelo outro e jogar um beijo;
- passar pelo outro e ter um movimento violento;
- imaginar quem é esse outro;
- imaginar quem é esse outro e o que eu espero dele.

Num segundo momento pedimos que apresentassem esses personagens em forma de entrevista de telejornal: nas duplas cada um se revezava no papel de repórter.

- *Estamos aqui com Ronaldinho. O que está acontecendo com você?*

- *Estou contundido.*

- *Por quanto tempo você vai ficar sem jogar?*

- *Três dias.*

- *Esta entrevista é com Marta Suplicy. O que a senhora tem a falar da dengue?*

- *Todas as providências serão tomadas. Ai, mosquitos !!! Adeus.*

- *Ah! Aqui está a Princesinha do Fantástico. Pode dizer umas palavras?*
- *Ai! Tenho vergonha de TV.*

- *Você que é uma jogadora de handball o que acha de jogar na Espanha?*
- (silêncio).

- *Qual sua profissão?*
- *Sou cineasta e quero fazer um filme sobre economia de água.*

Nem sempre os professores participavam, mas neste encontro, por exemplo, realizei o jogo com uma criança que não se dispunha a fazê-lo com outro colega e que pareceu confortável quando perguntei se gostaria de ser meu par. O *repórter* também é uma forma de dar voz de forma cuidadosa, sem muita exposição durante o exercício. Cuidados que buscam garantir a confiança e a mobilidade das crianças na conquista de autonomia, de autoria e de um viver criativo.

O desejo de ser uma campeã que tem um convite para jogar na Espanha e o silêncio diante da pergunta. A criança encarou a repórter (eu) e manteve o olhar até que todos batessem palmas. Juntas agradecemos e voltamos para nossos lugares. A sua maneira, pode participar da cena.

Os assuntos demonstravam que as crianças tinham informações sobre os acontecimentos políticos e esportivos da época e em alguns casos uma atitude crítica diante da mídia ou de questões ambientais.

No dia 25 de março, pedimos que andassem pela sala e se observassem. Depois pedimos que andassem acentuando uma característica observada, num terceiro momento pedimos que tornassem a andar exagerando essa característica, e por último que enumerassem três características pessoais:

Priscila: *relaxada, alegre ativa*. Jonathan: *doido, alegre, medroso*. Valquíria: *corajosa, séria e alegre*. Thuany: *corajosa, calma e alegre*. Guilherme: *sério, estudioso, alegre*. Karina: *sensível, carinhosa e alegre*. Talyta: *tímida, alegre e briguenta*. Lynkon: *vergonhoso, viciado em videogame e estudioso*. Vinicius: *alegre, assustado e tímido*. Rodrigo: *nervoso, calmo e alegre*. Thamirys: *alegre, tímida e carinhosa*.

Na proposta seguinte pedimos que o grupo se imaginasse entrando e participando de uma festa com uma das três características levantadas sendo evidenciada na dramatização.

Um dos alunos, disfarçado de DJ, mostra finalmente suas intenções, assaltar os convidados, mas alguns saem correndo e outros o levam para a cadeia. Ele vai preso, todos voltam e a festa continua. A característica alegre aparecia com predominância, denotavam confiança no grupo e nos professores ao realizar o exercício e isso nos pareceu ter alicerces no trabalho com a identidade. Depois ouviram a gravação de Arnaldo Antunes (1993):

NOME

Arnaldo Antunes

*Algo é o nome do homem.**Coisa é o nome do homem.**Homem é o nome do cara.**Isso é o nome da coisa.**Cara é o nome do rosto.**Fome é o nome do moço.**Homem é o nome do troço.**Osso é o nome do fóssil.**Corpo é o nome do morto.**Homem é o nome do outro.*

Perguntamos que palavras tinham ouvido e foram falando

*Homem, osso.**Que era o fóssil**Nome.**O homem é o nome do cara**É o nome do osso**É o nome do pai**Que caiu no poço.*

Lemos o resultado das palavras que haviam pronunciado e ouvimos novamente a gravação incluindo a faixa anterior – Fênix, cujo som lembra alguém respirando em diferentes intensidades. Exploramos a própria respiração e em seguida diferentes sons com percussão corporal. Andando livremente pela sala pronunciavam palavras do texto da poesia em qualquer ordem e seguidas de um ritmo corporal em dois tempos.

As crianças lembraram que não tínhamos trabalhado *uma primeira vez*, pensamos em como realizar a atividade. Pudemos perceber que já se sentiam

preparados mas preferimos ser cuidadosos e pedimos que realizassem a *contação das histórias* em dupla. Cada criança escolheu sua dupla, uma contava para a outra uma experiência da primeira vez de alguma coisa e então escolhiam uma das duas histórias ou o tema de uma delas. Um dos participantes contava a história trazida e o outro teria que contar de forma convincente a história inventada.

Alice pulou para outra página. Ou melhor, por causa da pressa, atravessou mais de cem páginas e foi cair na última figura do livro.

— Se perguntarem – sussurrou uma voz em seu ouvido – responda que você é governanta do Marquês de Carabás.

— Eu!? Do Marquês?...

— Você mesma. Eu é que dou as ordens: tudo aqui pertence ao Marquês de Carabás. Quando o rei chegar, trate de não errar, senão você terá problemas.

Era o Gato de Botas, é claro!

Ele trazia um sorriso esperto entre os bigodes, mais esperto do que uma raposa.

— Mas é mentira – protestou Alice – E eu não posso contar mentiras.

— Nas fábulas é permitido – sentenciou o gato. (Rodari, 2007)

Os professores começaram.

1ª dupla:

Meu pai tinha um carro e não cabia todo mundo, quer dizer toda a família. Meu pai, minha mãe, minhas três irmãs, minha bisavó, minhas duas avós e eu. Meu pai gostava de fazer piquenique, mas não dava. Minhas primas moravam em Santos e ia ter uma festa de aniversário no fim de semana. Na sexta-feira meu pai falou que nós iríamos. No sábado foi aquela surpresa, meu pai tinha comprado uma Kombi. Foi a primeira vez que eu andei naquele tipo de perua e o melhor é que todos puderam viajar juntos. Tinha

muitas 'janelinhas' e deu até para levar uma pequena mala cada um, com o maiô. Mas ninguém quis sentar no banco da frente.

Lembro da primeira vez que fui ao mar, de Kombi com meus irmãos. Foi o primeiro dia que andei de Kombi, que subi num elevador, que entrei num prédio, que entrei no mar. Tive até um pouco de tontura.

As crianças continuaram.

2ª dupla:

A primeira vez que fui ao Play Center e acabou a luz na Montanha Russa. A Montanha começou a deslizar, minha mãe gritou e eles nos resgataram. Veio a luz, fomos de novo. Aí interditaram. Aí nós quisemos ir na Casa do Terror. Tanto, tanto... Mas estava fechada.

A tia da minha tia, a filha da minha tia e o namorado, fomos na Montanha Russa. Quando estava correndo, descendo, acabou a luz. Quando voltou deslizou correndo, a madeira tremia. Aí nós fomos na Casa Assombrada e a Bruxa de Patins corria atrás da gente. Eu pisei num galho, ela veio atrás e caiu no galho. Todos riram.

3ª dupla:

Na primeira vez que fui na piscina sozinho os outros disseram:

— Você não vai conseguir entrar na piscina sozinho.

E eu quase me afoguei. O meu amigo me salvou.

Eu estava na beira da piscina com a minha mãe. Ela nadou comigo, brincou e depois eu fiquei na beirada e ela foi cozinhar. Meus amigos falaram que eu não sabia

entrar sozinho na piscina. Eu entrei e estava me afogando. Eu gritei e meu amigo veio me salvar.

4ª dupla:

A minha primeira vez foi quando eu vim no parque e soube que tinha a EMIA. Aí minha mãe me pôs no sorteio. O meu número era o número um. Faltava só um número para sortear. A moça pôs a mão no saco e tirou o meu número.

A primeira vez que fui à escola eu não queria ir. Eu chorei, não queria entrar. Então, eu fui parando de chorar e na hora da saída eu não queria ir embora.

5ª dupla:

A primeira vez que eu andei de bicicleta sem rodinha. Eu andava sem rodinha e só caía. Depois pus rodinha, aí tirei. Aí consegui cair umas vezes, mas andei a primeira vez.

Com três anos tentei andar de bici com rodinha e caía. Aí cresci, tirei a rodinha e caía. Fiquei com raiva e consegui. Hoje até sei ficar em pé no guidão.

6ª dupla:

Um dia fui andar numa trilha que parecia que nunca acabava, até que cheguei numa praia. Na volta eu derrapei, machuquei o joelho e fiquei mancando.

A minha primeira vez foi quando eu estava descendo de casa. A perua estava esperando. Eu caí nas pedrinhas e sangrou muito. Minha irmã foi na perua e eu fui para o hospital.

As histórias apesar das angústias das situações narradas tiveram, em todos os casos, um final feliz, pois conseguiram encontrar uma solução para o conflito.

Ao término da aula comentaram a letra da canção de Arnaldo Antunes:

Cada palavra chama a outra.

Tipo a sociedade falando sobre o que acontece.

A maioria das palavras são sinônimos.

Conta do mundo [em] que vive – “fome é o nome do homem”.

Tema principal – homem e nome, nome do homem.

Identifica a gente.

Não sabíamos que nossa *contação* de histórias, de uma *primeira vez*, seria o quarto e último dos quatro encontros realizados – dias 4, 11, 18 e 25 de março.

A EMIA tinha vários problemas em suas instalações. Foi programada uma reforma que foi organizada para que as crianças menores ficassem o menor tempo possível sem os encontros. Já os grupos das crianças de 9/10 anos tiveram as atividades interrompidas por quase cinco meses.

A reforma começou e não sabíamos quando nos veríamos novamente, talvez em agosto. Nossa desilusão, amparada pela experiência de ilusão nos fez suportar a realidade e nos propiciou o caminho de volta.

* * *

O Projeto Alice no País das Maravilhas - Prólogo

*Foi assim que, bem devagar,
O País das Maravilhas foi urdido,
Um episódio vindo a outro se ligar...*

Lewis Carrol

Retomando nossas atividades, em meados de agosto, grande era nossa curiosidade quanto ao retorno das crianças.

O último encontro com o grupo de seis anos havia sido no dia 22 de junho, há quase dois meses, e o grupo das crianças de 9/10 anos estava a cinco meses distante da escola, desde o dia 25 de março. Como voltariam? Quem voltaria? Teriam mantido um vínculo com a escola e com os professores? Com o trabalho?

Todos voltaram e com os dois grupos fizemos passeios pela escola para reconhecer o espaço, com a seguinte pergunta:

O que mudou no espaço da escola?

Em relação ao espaço físico, as três casas haviam recebido por dentro e por fora pintura nova nas paredes. Na casa nº 3 havia mais dois banheiros, um para os meninos e outro para as meninas, no lugar onde antes havia um tanque improvisado, destinado mais especificamente para o material de limpeza, e que era muito alto para os alunos de 5 e 6 anos e cuja torneira era difícil de ser alcançada e aberta até pelos professores. A antiga cozinha foi transformada em um lugar para colocar sucatas e recebeu duas pias de alturas diferentes. No lugar do antigo almoxarifado fizeram uma cozinha, uma área de serviço com prateleiras e um tanque, um banheiro para os funcionários da segurança e da limpeza. As salas ganharam armários novos. Na Casa nº 2 foi feita a reforma do auditório e do

chamado *anexo*, que foi adaptado para receber preferencialmente as aulas de dança.

Correm pelo anexo e exploram o palco no auditório onde também experimentam as novas cadeiras.

A nova estética dos espaços era reconhecidamente um ganho, tanto visualmente, quanto com relação a um maior conforto que passamos a desfrutar depois da interrupção repentina provocada pelo início das obras em final de março por questões administrativas que permeiam uma instituição pública.

As crianças ficaram preocupadas em saber qual dos novos banheiros próximo às nossas salas seria dos meninos e qual o das meninas, por não haver nenhuma indicação. Gostaram das novas pias, mas as crianças pequenas procuram usar na maioria das vezes a pia mais alta para lavar as mãos, os pincéis... Temos também sabonete líquido e papel para enxugar as mãos, o que pode parecer trivial para nosso leitor, mas é uma conquista que demorou 24 anos.

Reiniciamos os trabalhos e retomamos a intenção e os caminhos que nos conduzissem ao desenvolvimento do projeto Alice.

* * *

- Os saberes prévios das crianças sobre Alice

Eu pergunto:

Quem já ouviu falar na história da “Alice no País das Maravilhas”?

Assisti a do filme. (Maria Carolina, 7 anos)

Tenho até o filme. (Isadora, 6 anos)

Eu tenho também e é em japonês, quando os meus pais moravam no Japão. (Matheus, 7 anos)

Tenho um livrão. Ela fica pequena. (Ana Paula, 7 anos)

É. (Maria Carolina)

Porque ela bebe um negócio. (Ana Paula)

Não acha a chave da portinha pequenininha. (Isadora)

Já vi uma fita, mas não lembro. (Lucas S., 7anos)

Ela teve um sonho que ela ficou pequena. (Lucas K., 6 anos)

Eu não vi, eu não tenho o livro da Alice. (Rafael , 7 anos)

Agora lembrei, ela comeu um pedaço de biscoito e cresceu, depois comeu um outro e ficou pequenininha. (Lucas S.)

A Alice conhece um coelho maluco, que fica falando: ‘estou atrasado, estou atrasado!’. Eu só me lembro isso. (Renato, 6 anos)

É a história que fica pequenininha e passa por uma porta pequenininha?

Então, eu lembro, entra por uma porta pequenininha e vê um coelho pendurado e tem umas histórias de baralho. E depois com a Rainha ela está grande. (Rafael)

O Rei era assim (faz um gesto para mostrar que era pequeno) e a Rainha assim (faz um gesto para mostrar que era maior do que o Rei). (Lucas S.)

No grupo dos mais novos, duas coisas chamam a atenção: o tamanho - usam o diminutivo, e o fato de que alguns não tiveram contato com a história através do livro, mas sim através de filme.

*

A mesma pergunta foi feita para o grupo dos mais velhos:

O que você sabe sobre a história de Alice no País das Maravilhas?

E as crianças responderam à sua maneira, como o leitor pode observar:

Foi um sonho. (Jonathan, 11 anos)

E durou quanto? (Chico Lu)

Umás duas horas, eu sonho coisas mais interessantes. (Jonathan)

Na EMIA não há por parte dos professores a expectativa de um conhecimento racionalizado. A partir da fala de Jonathan as crianças começam a falar sobre sonhos:

Sonhei que estava caindo de um prédio, e o prédio não acabava. (Valquíria, 10 anos)

Foi muito mais. Eu estava jogando futebol, esbarrei no meu amigo, parece que a vida parou, eu em câmera lenta. (Larissa, 10 anos)

Minha mãe quase caindo, meu pai tentou segurar, mas ela caía, caía... nunca chegava lá embaixo. Daí olhou e estava na cama. (Thuany, 10 anos)

Meu sonho era assim, só que era diferente. Eu estava dentro de um carro sem motorista, era descida, e aí começou a cair e não parava, passava por um monte

de pessoas, e ninguém ligava. Eu gritava. Acordei, estava segurando na cama e suando. Acho que a história da Alice era um sonho. (Guilherme, 11 anos)

Tenho certeza que é um sonho, mas pode ser verdade porque é uma história.

(Valquíria)

Guilherme e Valquíria mencionam a história em suas respostas. Sonho na literatura ou literatura como sonho? Contados pelas crianças, os sonhos trazem memórias, lembranças.

*

Segue a transposição de um trecho introdutório que considero importante destacar para este momento:

*Era um túnel estreito e comprido, que em certo ponto virava um buraco de não acabar mais. Alice escorregou e caiu no buraco. Caiu, e foi caindo e não acabava mais de cair. Ou então foi caindo tão devagar que o buraco parecia mais fundo do que realmente era. Alice nunca pôde esclarecer este ponto. Enquanto ia caindo ia olhando para baixo, a ver se enxergava alguma coisa. Nada enxergou: o fundo era escuro como a noite. Olhou então para os lados e viu muitos armários e estantes de livros, e também mapas pendurados. Num desses armários havia um pote com letreiro. Alice leu: “**Laranjada**”. Destampou o pote já lambendo os lábios e com água na boca. Vazio! De raiva, ia jogá-lo no fundo do buraco; mas lembrou-se que poderia cair na cabeça de alguém e botou-o de novo no lugar. E continuou a cair. ...Alice continuava a cair, cair, cair. Não podia fazer outra coisa*

senão cair. Para matar o tempo, começou a pensar na sua gatinha Diná. “Coitada! Creio que Diná vai estranhar muito a minha ausência esta noite. Bom será que não se esqueçam de lhe dar o seu pires de leite, à hora do chá. Minha cara Diná, eu só queria ver você aqui neste buraco para caçar uns morcegos. Sim, porque estou caindo no ar e no ar não há rato, há morcegos, que são ratos de asas. Mas será que gato come morcego?” (Carrol 1931-1969, p.11-14)

Gosto da história de Alice no País das Maravilhas pela contemporaneidade de seu texto, Alice está caindo e ao mesmo tempo pensa calmamente em sua Gatinha Diná, faz conjeturas. Através da história nos deparamos com paradoxos, simultaneidade de tempos. Caía que não acabava mais ou caía tão lentamente que o buraco parecia mais fundo? Sai da lógica, parece loucura, mas também tem lógica. O autor, usando o pseudônimo de Lewis Carrol, faz uma crítica aos conhecimentos e exigências sem sentido, feitos pela escola. Charles Lutwidge Dodgson, seu nome verdadeiro, era reverendo e como professor tinha fama de sisudo. Lecionava Matemática na Universidade de Oxford, na Inglaterra.

Além do gosto pela matemática e pela literatura para crianças escreveu histórias e poemas humorísticos com situações extravagantes ou absurdas. Para isso usava rimas engraçadas e jogos de palavras. Gostava de fotografia.

- Boca de forno!

- Forno!

- Furaram um bolo!

- Bolo!

- Farão tudo o que o seu mestre mandar?

- Faremos todos, faremos todos, faremos todos ...

Veio-me, então uma iluminação repentina: não deve ter sido por acidente que o inventor dessa brincadeira, quem quer que tenha sido, deu o nome de mestre ao líder que canta o refrão, pedindo a resposta-eco-repetição das crianças. Ele deve ter sido um arguto observador das escolas, e por medo de que o seu filho viesse a ser punido por aquilo que ele, pai estava dizendo, inventou esse brinquedo, como uma parábola. O que é, precisamente, o caso das loucas histórias de Lewis Carroll. Professor da Universidade de Oxford, via os absurdos que ali aconteciam. Mas se os dissesse em linguagem clara certamente ganharia o ódio dos colegas e a ira das autoridades, e acabaria por perder o emprego. Por isso, ele os disse de forma matreira, dissimulada: brincadeira de criança... No mundo das crianças todos os absurdos são permitidos. (Alves, 2000; p.27).

Vejamos o que as crianças pensam, produzem, transformam a partir da maneira como, mesmo considerando o grupo, cada um escuta a história de Alice.

* * *

Estudo 1 – “As casinhas de Alice”

Em 17 de agosto pudemos reencontrar as crianças e viajar com os pequenos para o País das Maravilhas, mas percebemos que as crianças demonstravam uma necessidade de adaptação e de se apropriarem novamente de nossos espaços de encontro após uma separação prolongada que durou de final de junho até meados de agosto.

Sentavam-se bem próximo às professoras e assim se mantiveram ao andarmos pela escola e pelo parque, bem diferente da familiaridade com que se deslocavam ao final do primeiro semestre. Andamos pela escola, pelo parque. E as crianças agarradas conosco, quase sem falar. Exclamam:

A nossa escola está no parque!

Fizemos a chamada e saímos para passear. Observamos com eles nosso entorno: o chafariz do Itaú, a estação do metrô, a EMEI, os prédios. E, então as crianças, ao olhar para cima, descobrem que existem árvores mais altas que os prédios vizinhos. São eucaliptos e paineiras que tentam, então, abraçar. Ah! Mas não foi tarefa fácil, para dar o pretendido abraço, no caso de algumas árvores, foi necessária a colaboração de até quatro crianças. Concluem que essas árvores devem ser “muito velhas”. Lanchamos e fomos ao *parquinho*. Foram se soltando, ocupando os brinquedos. Na volta, correram a nossa frente. Ficamos atentas, mas não dissemos nada. Estamos num Parque público, o que exige cuidado. Mas fomos mais devagar, demos um tempo para as crianças. Quando chegamos à classe haviam apagado as luzes e estavam escondidas, embaixo das mesas, embaixo da coberta do piano, atrás de algum banco.

— O que aconteceu com as crianças? Já está quase na hora da saída e os pais vão chegar. O que vamos dizer? Procuramos, procuramos e no meio de muita gritaria e correria fomos encontrando nossos pequenos. Abraçamos cada um, mostrando alívio por tê-las encontrado.

Perguntamos quem mora longe e quem mora perto da escola. Quem frequenta o parque. Com quem moram.

Assim que chegaram, na semana seguinte, nos lembraram do combinado. Anotei em meu caderno as informações. Alguns fizeram questão de dar também o telefone. Uma das crianças trouxe os dados escritos em um pequeno papel.

As crianças sempre demonstraram valorizar essas anotações, falavam pausadamente acompanhando meu ritmo de escrita e também em alguns

momentos solicitavam fazer seus próprios registros deixando sua contribuição e sua marca.

Mal começamos as aulas e tínhamos um feriado – o Dia da Independência do Brasil. Estávamos nos preparando para as aventuras com Alice, arrumando as malas com nossos sonhos e descobertas e preparando cuidadosamente nossos caminhos entre o real e o imaginário.

No dia 14 de setembro nos encontramos novamente com as crianças e as professoras falaram:

Hoje cada um vai responder a chamada com o nome de uma história. A chamada é - uma história que eu conheço ou que eu gosto.

Pequena Sereia.

Os Três Porquinhos.

Rei Leão.

Bambi.

Mulan.

História da Bíblia – Jonas e o Peixe Grande.

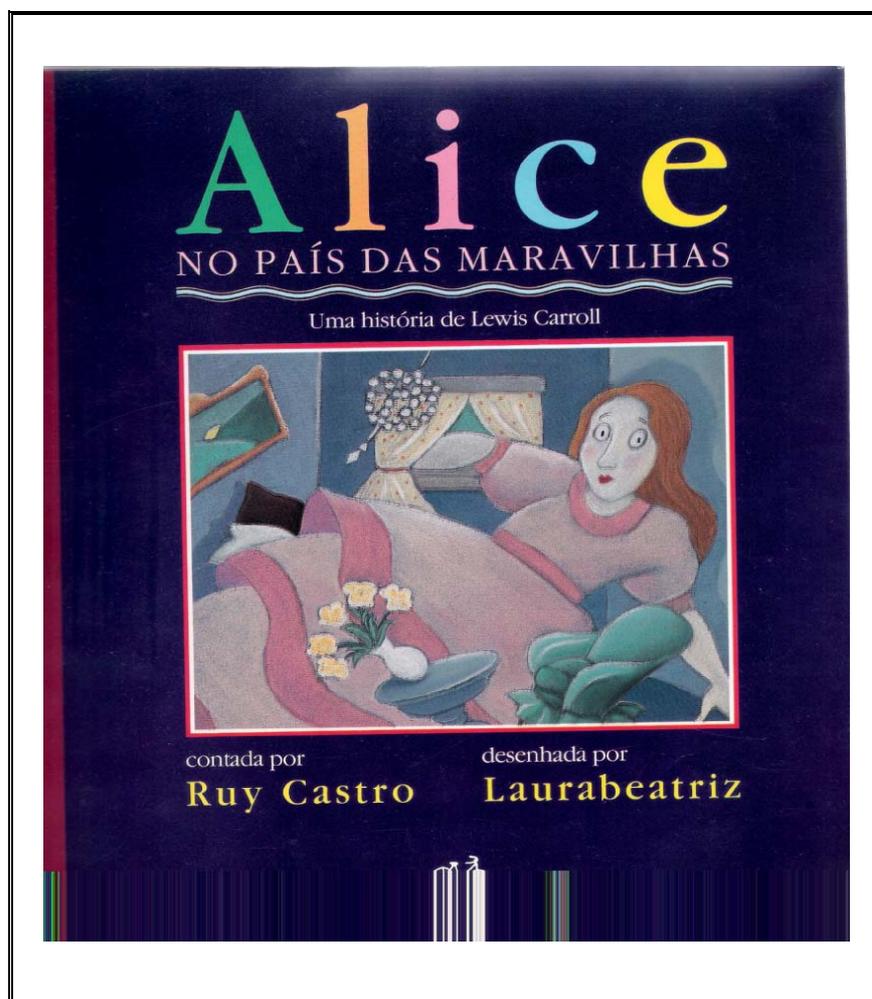
História dos Dinossauros que Existiram de Verdade.

Esqueci.

Rapunzel.

Depois de fazermos o levantamento dos saberes prévios das crianças, sobre a história de Alice no País das Maravilhas, citado anteriormente, mostramos para eles o livro *Alice no País das Maravilhas: uma história de Lewis Carroll*

escrito por Ruy Castro, ilustrado por Laurabeatriz, e editado pela Companhia das Letrinhas e as crianças manusearam o livro.



Capa do Livro

Resumo aqui a parte do livro que foi lida neste dia, sendo mesmo literal em alguns momentos¹⁰.

Alice não estava achando nenhuma graça naquele livro sem conversas e sem figuras que sua irmã estava lendo. Era uma tarde de verão, chata. Não havia nada para fazer. Nada.

¹⁰ Para o leitor que tiver interesse recomendo as duas edições comentadas constantes das Referências deste trabalho.

De repente apareceu um Coelho Branco correndo e ofegando, ele falava e usava relógio. Mas quando ele olhou as horas ela levou um susto.

Alice ficou curiosa e o seguiu. Ele pulou dentro de um buraco e ela pulou também.

Bem que ela caiu, caiu... Pensou que tinha atravessado a terra. Até pousou sem nenhum arranhão em uma sala cheia de portas fechadas. Tudo era muito esquisito. Mas ao mesmo tempo tudo parecia normal.

Na sala havia uma mesa e sobre a mesa uma chavinha dourada, bem pequena. A porta daquela chavinha era muito, muito pequena.

Sobre a mesa apareceu uma garrafinha Alice tomou-a de um gole, pois estava escrito BEBA-ME e não VENENO, então bebeu. Ela encolheu.

Encolheu tanto que até ficou preocupada. Será que iria desaparecer?

Estava tão pequena que não conseguiria alcançar a chavinha em cima da mesa.

Mas embaixo da mesa viu um pedaço de bolo numa caixinha de vidro, onde estava escrito COMA-ME. Achou que cresceria e então comeu. Tornou-se quase uma gigante, não podia ver os próprios pés e chorou.

— Como vou me calçar?

O Coelho reapareceu e, assim que ela o viu começou a encolher. Ficou tão pequena que quase se afogou em suas próprias lágrimas. Ainda bem que ela sabia nadar e assim conseguiu escapar.

Um Rato surgiu nadando ao seu lado. Ele era de poucos amigos e não quis conversar com ela, mesmo quando ela falou de sua gatinha Diná, o que irritou ainda mais o Rato.

Nadaram até a margem e encontraram um Dodô, um Papagaio, uma Águia. Havia outros bichos estranhos que tinham caído na poça.

Alice estava tremendo de frio e começou a se sentir impaciente. Foi quando o Dodô teve a idéia de uma maratona. Riscou um circuito de corrida no chão e mesmo sem saber o que era maratona todos começaram a correr. Corriam e paravam, cada um fazia o que queria. Em meia hora estavam secos e a maratona terminou. Os bichos perguntaram ao Dodô:

—Quem ganhou?

*

As crianças quiseram ver a ilustração da página seguinte e levantaram a hipótese de que Alice é que era a vencedora, por terem observado que no desenho que havia algo em uma de suas mãos.

Tínhamos planejado o trabalho com massinha de modelar, tiramos o material do armário e fomos distribuindo entre as crianças, logo em seguida da *contação* de histórias.

Foram amassando, cheirando e começaram a trabalhar ao mesmo tempo em que iam conversando entre si sobre o que estavam fazendo.

Vai ser a Medusa com o corpo de Alice.

Se colocar o corpo da Medusa o corpo da Alice vai ficar feio.

Vou fazer a garrafinha verde com um rótulo azul e um vermelho em volta do gargalo. Ah, e vou fazer o relógio.

Estou fazendo uma chave laranja.

Por que a gente não faz uma maquete?

Coelho e mesa? Eu também.

A Chave é amarela.

Estou fazendo um coelho preto e branco.

Meu coelho é branco.



Vou fazer a Alice.
Alessandra, 7 anos



Olha a chave laranja! A mesa é azul, o coelho é azul e branco e rosa
Renato, 6 anos



*Vou fazer a Alice grande, que comeu bolo e a Alice pequena, depois que tomou isso e ficou pequena.
Ana Paula, 7 anos*

Duas crianças mostram que *a cabeça do coelho está caindo*, um dos meninos sugere que usem um palito para *ajudar a grudar*. Havíamos colocado uma bandeja de isopor para cada criança dispor suas produções de massinha.

Quando estavam terminando toquei, ao piano, *Alice in Wonderland* de Fain e Hilliard. Ficaram ouvindo, alguns ainda estavam finalizando suas produções, outros ensaiaram alguns movimentos. Depois todos quiseram tocar piano, o que para as crianças de 6 anos significa experimentar diferentes possibilidades de explorar o teclado – teclas pretas, teclas brancas; sons graves, médios e agudos; tocar forte ou fraco; tocar uma nota de cada vez ou várias notas ao mesmo tempo.

Acabou nosso horário, fechamos o dia e as crianças saíram. Daniela e eu constatamos que tínhamos nos surpreendido com a idéia da maquete. Como poderíamos aproveitá-la? Quando estávamos guardando as bandejas para o próximo encontro, conversamos em como faríamos para dar um lugar para a história de Alice criada por cada criança com o trabalho em massa de modelar.

*

No encontro do dia 21 de setembro um dos meninos foi logo sugerindo uma idéia para a chamada: *se essa rua, se essa rua fosse minha...*

As crianças se mostraram animadas e foram respondendo:

la construir uma rua na praia.

Ela ia ser no zoológico, para passar de carro entre os animais pela rua.

la fazer casa para os pobres.

Queria ter a rua livre para brincar com os amigos.

la fazer uma floresta.

la ter uma rua muito limpinha.

la fazer um zoológico.

la fazer um jardim de rosas.

la pintar a rua e andar de bicicleta.

Eu era a sereia.

la colocar um monte de dinossauros reais, verdadeiros.

A professora Daniela também se colocou:

la montar casas pequeninhas, para em cada uma fazer uma coisa. Uma casa com panos, espelho e bolas para dançar, uma casa com brinquedos, outra para fazer teatro...

Fizemos alguns exercícios com o tema “Rua”, andar, parar, com cara de medo, com cara de pressa – sugeriu uma das crianças, triste, alegre, com cara de bicho pequeno, imitando um bicho grande, coelho, conforme sugestão das próprias crianças.

Continuamos a história, contando este trecho que me atrevo a resumir para vocês para que possamos localizar as falas e ações das crianças.

Como saber quem ganhou a maratona? O Dodô pensou, pensou e anunciou:

— Todos ganharam e todos vão ser premiados.

Em coro perguntaram quem daria os prêmios e o Dodô apontou para Alice. Foi uma gritaria, Alice não sabia o que fazer, tirou do bolso um saco de balas e começou a distribuir.

Ufa! Deu certinho!

O Rato disse a todos que Alice também merecia ser premiada e perguntou se havia mais alguma coisa no bolso da menina.

— Um dedal, respondeu ela.

Ele tomou o dedal e solenemente premiou Alice.

O Rato quis contar porque não gostava de gatos, mas a história parecia tão comprida quanto o seu rabo e enquanto ele falava Alice imaginava a sua própria história.

Alice acordou de seu devaneio com as reclamações do Rato:

— Você não está prestando atenção em minha história!

Alice não conseguia acalmá-lo, nem mesmo pedindo desculpas. Tudo piorou quando ela disse que estava sentindo saudades de sua gata Diná. Explicou ainda que ela era uma exímia caçadora. Todos os animais foram inventando um pretexto e fugiram.

Alice olhou em volta, tudo havia mudado. Era outra paisagem. O Coelho Branco reapareceu. Chamou-a de Mary Ann, que era o nome de sua criada e ordenou que ela fosse até sua casa pegar-lhe outro leque e luvas. Ela não gostou mais foi.

Na linda casa do Coelho, viu outra garrafinha sem rótulo. Bebeu e bateu com a cabeça no teto. Lamentou-se, pela primeira vez, de ter seguido o Coelho.

—Quando eu lia os contos de fadas nem podia imaginar que essas coisas pudessem acontecer de verdade!

—Mary Ann! Traga minhas luvas imediatamente.

O enorme braço de Alice apareceu para fora da janela. O cotovelo de Alice bloqueava a porta. Houve um silêncio e em seguida alguém atirava pedras nas janelas. As pedras transformaram-se em bolos. Ela comeu um pedaço e ficou encantada ao perceber que estava diminuindo, novamente. Correu o mais que podia e chegou num bosque. Parou para pensar. Queria voltar ao seu tamanho normal. Achou que para isso deveria comer alguma coisa.

Nesse momento ouviu um latido, olhou para cima e era um cachorrinho. Ela ficou com medo que ele a comesse e fugiu correndo até chegar a uma estranha floresta de cogumelos.

*

Foi um longo período ouvindo a história. Nos levantamos e acompanhados por mim ao piano, se deslocavam pela sala e as próprias crianças sugeriram imitar coelho, bicho grande... Até que uma das crianças disse:

Até que o coelho cai num buraco bem fundo.

Tem início um jogo dramático. Fui terminando o que tocava ao piano.

Deitavam, se arrastavam, passavam por debaixo das mesas, levantavam e caíam.

Pegamos os colchonetes que estavam à mão em algumas prateleiras do armário da sala e com eles as crianças foram criando tocas, abrigos utilizando os bancos e as mesas. Ao término da brincadeira as meninas haviam construído uma grande casa/toca sob as mesas. Os meninos, com os bancos, haviam se organizado em pequenos grupos. Pediram que as luzes fossem apagadas.

Lentamente o dia *foi clareando* e fomos *voltando* para a EMIA. Saíram tranquilamente para o encontro com os pais.

Daniela e eu relembramos a palavra maquete e a partir da idéia das casas/tocas que haviam construído com os colchonetes pensamos em pedir que trouxessem caixas de sapato e com elas construir casas/tocas para que colocassem o trabalho.

*

Na semana seguinte as crianças pediram massinha de modelar logo no início da aula. Enquanto trabalhavam, lemos mais um trecho de Alice no País das Maravilhas:

Bem, nossa heroína estava na floresta de cogumelos e um dos cogumelos atraiu Alice.

Era quase da sua altura e sobre ele havia uma imensa Lagarta Azul fumando um narguilé.

Quando os olhos das duas se encontraram esta perguntou:

—Quem é você?

—Neste momento não sei minha senhora. Ser de vários tamanhos no mesmo dia é muito confuso.

A lagarta não achava.

*

As crianças pedem para observar atentamente o desenho, mas nada disseram.

*

Alice comenta que era ridículo ter oito centímetros. A Lagarta fica irritada.

—É uma altura ótima!

Depois acalmou-se e disse:

—Um dos lados do cogumelo fará você crescer e o outro fará você diminuir.

A Lagarta desceu do cogumelo e foi-se embora rastejando.

Alice tirou um pedacinho de cada lado do cogumelo e imediatamente seu queixo bateu em seu pé. Tratou logo de engolir o pedaço que havia tirado do lado esquerdo e sentiu seu pescoço crescer. Sem ver os próprios ombros, movimentou seu pescoço fino e comprido como uma serpente.

— Uma serpente!!!

Gritou a pomba, que chocava seus ovos no galho mais alto da copa da árvore, ao ver Alice.

— Não sou serpente, sou uma menina.

— Você come ovos?

— Claro que como, sou uma menina, todas as meninas comem ovos.

— Ah! Meninas são serpentes.

*

As meninas interrompem a história para protestar, dizem que comem ovos, mas não ovos de pássaros.

*

Alice disse que não queria aqueles ovos que ainda por cima estavam crus e saiu procurando não prender seu pescoço nos galhos das árvores.

Dosou bem a próxima mordida do pedaço do lado esquerdo e conseguiu ficar do seu tamanho normal, embora não soubesse bem o que era isso. Achou estranho, afinal cresceu e diminuiu tantas vezes no mesmo dia! Aos poucos foi se acostumando.

Alice foi parar num campo e viu uma casinha, pensou que se aparecesse daquele tamanho assustaria quem quer que fosse que lá morava. Comeu mais um pedacinho de cogumelo e voltou a diminuir ficando com vinte e cinco centímetros.

Foi quando viu um lacaio com cabeça de peixe bater à porta. Foi atendido por outro lacaio com cabeça de rã. Eles usavam libré e uma peruca branca e por isso ela sabia que eram lacaios.

*

Perguntamos para as crianças se sabiam o que era lacaio.

Uma das meninas respondeu:

— *Um peixe.*

Explicamos que era um tipo de empregado que usava esse tipo de casaco chamado libré; observaram a vestimenta na figura do livro.

*

O Lacaio-Peixe entregou um envelope ao Lacaio-Rã e disse:

— É para a Duquesa. Um convite da Rainha para jogar croqué.

O Lacaio-Peixe afastou-se e Alice resolveu aproximar-se. Depois de alguma discussão com o Lacaio-Rã ela resolveu entrar.

A casa era uma cozinha com muita fumaça e pimenta.

A cozinheira fazia uma sopa que certamente tinha pimenta demais.

A Duquesa espirrava, Alice espirrava e o bebê chorava e espirrava.

Só a cozinheira e o Gato não espirravam. O Gato sorria de orelha a orelha.

*

As crianças interrompem mais uma vez:

— Cheiro de fumaça com pimenta?

— Nunca vi. Já viram gato que ri?

— O Gato de Botas.

— No livro do meu amigo.

As professoras perguntam:

— O que aconteceu com o bebê?

E duas meninas respondem:

— Chorou.

— Morreu.

*

Alice comentou que não sabia que gatos sorriam. E a Duquesa disse que Alice não sabia nada.

Alice não gostou, mas a cozinheira começou a atirar panelas, pratos, travessas sobre o bebê e a Duquesa. Alice alarmou-se:

–Cuidado! Vai machucá-los!

–Meta-se com a sua vida. Tome isto... Vou jogar croqué com a Rainha, disse a Duquesa.

A Duquesa jogou o bebê no colo de Alice e foi saindo. Ela quase levou com uma frigideira pelas costas, por pouco a Cozinheira errou o alvo.

O bebê se debatia. Alice achou estranho, porque parecia que ele tinha mais braços e pernas do que uma estrela do mar. Resolveu sair achando que iam acabar matando-o. Ele roncou.

Ao observá-lo percebeu que o bebê havia se transformado num porco e até que bonitinho. Mas para um bebê era bem feinho!

Ela o soltou e ele correu para o bosque.

*

Quando paramos a *contação* as crianças pediram para ver o desenho da próxima página. Um lugar com árvores e uma casinha com duas orelhas no telhado, três personagens que ainda não conhecíamos tomavam chá, Alice os olhava e parecia se encaminhar para eles. O que aconteceria agora? Tudo parecia normal, e ao mesmo tempo estranho, como diria Alice. As crianças pareciam intrigadas.

Como estivesse no horário pedimos que organizassem seus materiais nas bandejas. Enquanto guardavam íamos passando para observar os trabalhos e eles iam comentavam:

Márcia, eu estou fazendo o ouriço e o flamingo.

Estou terminando a Alice, falta fazer esta parte.

Márcia, já terminei a casinha com as orelhas.

Eu sou bom de fazer animais, mas como vou fazer uma marmota com esse pouquinho?

Dissemos que providenciaríamos mais massinha para o próximo encontro.

Fiz outro coelho.

Eu fiz a Alice, a lagarta, o coelho, o patinho.

A Alice entrando na casa, na porta, na árvore.

Ai, eu fiz a casa do coelho, a casa louca e a centopéia.

Eu fiz a Alice, só que a Alice eu já tenho.

Fiz o soldado, a chave...

Eu fiz a casa maluca e estou fazendo o coelho.

Ficavam esperando que passássemos e ouvíssemos suas *contações* sobre o que trabalhavam.

Tudo cuidado e guardado nos preparamos para o fechamento e as despedidas e pedimos que trouxessem uma caixa de sapato para a próxima aula, mas não dissemos o porquê.

Neste encontro por várias vezes as crianças sentiram-se a vontade para interromper a história e trazer seus pareceres, e o interessante é que ao mesmo

tempo em que ouviam a história trabalhavam com a massa de modelar de forma bem concentrada.

*

No encontro do dia 05 de outubro havíamos disposto cuidadosamente sobre a mesa, no centro, as bandejas individuais, mais caixas de massinha que as professoras haviam providenciado e o livro de Alice no País das Maravilhas que estávamos lendo.

Algumas crianças haviam trazido caixas, uma das crianças disse que não tinha caixa de sapato em casa, um dos meninos disse que havia trazido três e que quem precisasse poderia escolher uma delas. Puseram os nomes e guardamos as caixas dizendo que quem ainda não havia trazido poderia trazer na próxima aula.

Sentaram-se ao redor da mesa, observaram tudo, uma das crianças pegou o livro e abriu, as crianças ao lado se aproximaram para ver ou para ler o livro. Os que estavam mais distantes se levantaram e ficaram em volta também. Depois, o livro foi sendo passado entre as crianças e comentaram que a história da Alice era muito maluca, *uma história de loucuras*.

Sugeriram como chamada: o que tem numa festa maluca?

Respostas:

Uma galinha falando.

Velinhas andantes, bexigas que quando enchem ficam vazias, beijinhos que tem boca e que dão beijo e brigadeiro com gosto de papel de queijo.

Pula corda de olho.

Um quadro falante.

Um olho pulando sozinho. Um olho que beija.

Pula-pula, a gente fica pulando, pulando...

Um violão tocando sozinho.

Uma bola que pula sozinha.

Não pensei... Porta que abre e fecha toda hora e bolo que tem vida e fica cantando toda hora parabéns. Para comer tem que matar.

Uma música louca.

Retomando as anotações penso na riqueza do material trazido pelas crianças, sinto que essas idéias não foram aproveitadas e de nossa parte serviram apenas para introduzir as próximas aventuras de Alice. A cada momento, como professoras, íamos tomando decisões e nem sempre pudemos dar conta de responder da maneira mais sensível. De alguma forma, houve ao menos espaço para que colocassem suas idéias tão cheias de imaginação e, como postula Winnicott, basta ser *suficientemente bom*. A desilusão quando acontece faz parte da ilusão, o que ao mesmo tempo nos defronta com a realidade.

*

Introduzimos a continuação da história:

Alice foi andando e viu uma casa muito louca. Tão louca quanto a Lebre que morava ali. Telhado de pele com chaminé em forma de orelhas.

No jardim a Lebre e o Chapeleiro tomavam chá. Uma Marmota adormecida servia de almofada para os dois. A mesa era bem grande, mas os três estavam espremidos.

Quando viram Alice disseram:

— *Não há espaço, não há espaço.*

Alice respondeu que havia muito espaço e sentou-se. Eles perguntaram se ela queria vinho. Alice não entendeu nada porque sobre a mesa ela só via chá.

— *Se não tem vinho, por que ofereceu?*

— *E, se não foi convidada, por que se sentou?*

O Chapeleiro olhou para o relógio e perguntou para Alice:

— *Que dia do mês é hoje?*

— *Quatro. Ela respondeu.*

O Chapeleiro suspirou dizendo que estava atrasado. A menina comentou que era engraçado um relógio que marcava dias e não as horas.

O Chapeleiro explicou que se Alice cuidasse bem do seu Tempo que ele a deixaria fazer o que quisesse. E que se não quisesse ir ao colégio às nove horas da manhã era só pedir para o Tempo e o relógio iria avançar e logo seria hora do almoço.

— *Mas aí eu não terei fome, argumentou Alice.*

Ao que o Chapeleiro respondeu que não era problema porque o Tempo também podia ficar parado.

O Chapeleiro e a Lebre eram muito grosseiros e ela não agüentava mais. Resolveu ir embora. Eles nem deram por sua ausência. Ainda olhou para trás e os dois tentavam enfiar a Marmota dentro da chaleira fervendo.

Não foi uma parte da história que interessou muito às crianças. Avaliamos se isto teria sido em função do conteúdo do trecho relatado, ou se estavam cansando da história de Alice. Só agora me dou conta de que também poderia ser por não termos valorizados as falas iniciais das crianças.

Haviam trabalhado com a massinha durante a *contação*. Arrumamos tudo e fomos até o *parquinho*. Ao chegar, foram se espalhando pelos brinquedos: trepa-trepa, balanço, escorregador. Nesse espaço há uma casa de toras de eucalipto, que funciona também como um trepa-trepa, as crianças aos poucos foram se reunindo nesse espaço. Subiam, ficavam no espaço interno.

Voltamos para nossa sala, nos despedimos lembrando sobre as caixas.

Daniela e eu nos sentamos para pensar que para o próximo encontro faríamos a leitura de algumas partes do texto e de outras partes contaríamos um resumo. Tínhamos dois motivos para isto, o tempo de que dispúnhamos e o cansaço que seria forçar as crianças a leituras prolongadas visando somente dar conta da leitura de todo o livro, o que não era nosso objetivo. No dia 26/10 seria a reunião de pais e mais uma vez não veríamos as crianças.

Resolvemos que pediríamos para os pais durante a reunião que transformassem as caixas em casinhas para deixar como presente para as crianças. Assim uma produção dos pais para acolher a produção das crianças nos pareceu enriquecer a idéia inicial de casas/toca.

*

Encontramo-nos novamente no dia 19 de outubro, pois dia 12 foi feriado, ficamos mais uma vez 15 dias afastados.

Algumas crianças trouxeram as suas caixas e nos entregaram, nós também havíamos levado duas caixas que poderiam ser usadas se necessário. Constatamos com as crianças que todos tinham suas caixas, guardamos tudo. Estavam curiosos. Mas dissemos que era um segredo.

Na chamada as crianças deveriam levantar as mãos e não dizer nada, apenas pensar um segredo.

Após alguns jogos e brincadeiras, fomos para a história.

*

Alice resmunga:

— *Este foi o chá mais idiota de que já participei.*

No bosque em que estava agora havia uma árvore com uma portinha. Curiosa, Alice entrou e foi sair naquela sala deserta e cheia de portas, com mesinha de vidro e chave dourada. Desta vez foi esperta: primeiro pegou a chave depois comeu do cogumelo de encolher. Abriu a portinha e saiu.

Foi parar num jardim maravilhoso. Viu uma roseira branca sendo pintada de vermelho por três jardineiros que tinham a forma de cartas de baralho do naipe de espadas.

— *Podem me dizer, perguntou timidamente Alice, por que estão pintando essas rosas?*

— *A verdade, Mocinha, é que esta deveria ser uma roseira vermelha, mas por engano plantamos uma branca. Se a Rainha descobre, manda cortar nossa cabeça.*

— *A Rainha! A Rainha!* – *gritaram os soldados.*

Ao passar o cortejo jogaram-se no chão. Alice pensou de que servia aquele desfile se todos ficavam com a cara achatada no chão. Ela viu tudo até o Rei e a Rainha de Copas. A Rainha também viu Alice.

— *Quem é você, menina?*

— *Alice, para servi-la Majestade.*

Alice disse por educação, mas por dentro pensou que eram apenas cartas de um baralho e que não precisava ter medo deles.

A Rainha examinou a Roseira e ordenou:

— *Cortem-lhes a cabeça!*

Virou-se para Alice e perguntou se ela sabia jogar croqué, ao que ela respondeu afirmativamente.

— *Todos aos seus lugares! rugiu a Rainha com voz de trovão.*

As bolas eram ouriços e os tacos eram flamingos. Os arcos eram formados por soldados que se dobravam.

Aquele jogo estava muito difícil. Os soldados saíam da posição a todo momento, os flamingos não ficavam quietos, o ouriço se desenrolava e fugia quando percebiam que iam levar uma tacada. A Rainha só gritava:

— *Cortem-lhe a cabeça! Cortem-lhe a cabeça!*

Alice já estava achando que iria sobrar para ela quando apareceu o Gato Sorridente que conheceu na casa da Duquesa. Ele apareceu aos poucos: primeiro o sorriso, depois a cabeça, e parou aí. O corpo ficou invisível.

— *Como está indo, perguntou o Gato?*

*

Neste dia ficaram ouvindo a história em silêncio. Como não estávamos lendo todos os trechos deixamos o livro aberto sobre a mesa, assim todos podiam ver as ilustrações. Em algumas partes dramatizamos a leitura, como a Daniela fazendo a voz da Rainha *rugindo*. Íamos trocando de personagens. Foi bem divertido. Trabalhamos mais um pouco com a massinha. Perguntamos se na reunião poderíamos mostrar para os pais o que eles estavam fazendo e todos concordaram, mostrando-se mesmo entusiasmados.

Pegamos no armário papel *crepom* colorido, fita crepe, *brilho* de várias cores, cola, cola colorida e pedimos que as crianças enfeitassem suas bandejas do jeito que achassem melhor para depois colocar os trabalhos de massinha para mostrar para os pais. Houve muito empenho por parte de todos e até extrapolamos um pouco o horário de saída. As crianças quiseram combinar que as *bandejas com as massinhas* deveriam ser uma surpresa para a reunião e que não iriam comentar nada em casa.

Ao entregar as crianças para os pais relembramos a data da reunião.¹¹

No dia 26 havíamos preparado a sala para receber os pais. Em uma das mesas colocamos os trabalhos das crianças. Na outra colocamos as caixas de sapato com os materiais para que fossem transformadas em casinhas que iriam abrigar as produções em massinha – tesouras, cola, cola colorida, papel espelho de diversas cores, retalhos de tecido, sucatas miúdas, lãs, fitas, lantejoulas.

Da reunião participaram: nove mães e uma tia. A mãe de uma das meninas ligou para nos informar que não poderia comparecer porque não havia sido

¹¹ Os pais já haviam recebido uma circular da direção da escola com as informações de data e horário. Esta data consta também do calendário anual da escola que é entregue a todas as famílias no início do ano

dispensada no trabalho, e a outra mãe faltou e não soubemos o motivo. Daniela e eu nos dispusemos a fazer a *casinha* para estas duas meninas e trabalhamos com as mães na reunião¹².

Ao chegarem as mães deram uma paradinha para observar a arrumação da sala para recebê-las. Naturalmente, sem necessitar de nossa intervenção, foram procurando identificar os trabalhos e foram sentando diante da bandeja/cenário de seu filho ou sobrinho. Nós nos cumprimentamos, contamos que havíamos combinado com as crianças que faríamos uma surpresa para a reunião e, segundo as mães e a tia, ninguém comentou nada. Percebemos que olhavam para a outra mesa. Uma delas pergunta:

— Vamos ter que fazer alguma coisa?

As professoras brincam:

— Vocês é que vão fazer a aula hoje.

Contamos do projeto, mostramos o livro de Alice no País das Maravilhas que estávamos lendo, do trabalho com massinha. Lemos algumas falas das crianças sobre a história e sobre a própria produção.

Aproveitei para agradecer ao grupo a colaboração e anuência para que eu pudesse realizar a pesquisa. Pedi permissão para gravar a reunião e todas concordaram.

Como se mostravam ansiosas, combinamos que poderíamos começar o trabalho plástico e ao mesmo tempo iríamos conversando. Pegaram as caixas

¹² Algumas falas das mães são citadas na discussão

observando os nomes, pegaram também alguns materiais e se acomodaram pelo espaço da sala. Foi tanto o silêncio inicial que num determinado momento até desliguei o gravador.

Só quando já estávamos concluindo o trabalho é que começamos a conversar: não houve nenhum relato negativo com relação à escola ou com relação aos professores. Observaram nossa afinidade como dupla e que mesmo com elas puderam perceber que com um olhar demonstrávamos nos entender, falaram das mudanças observadas nos filhos, dos novos conhecimentos adquiridos.

Ela não fala nada só, tudo bem. Bem esperta, gosta muito de vocês duas. Ela é muito inteligente, fala que quer estudar violão, e fala para os primos sobre a EMIA. Dança muito em casa agora.

Ele adora cavaquinho. Gosta de expressão corporal, teatro, fazer show, e inventa montar coisas em casa. Vem animado. Falava que queria bateria, mas agora quer outros instrumentos.

Gostou muito quando teve massinha. Recorta histórias, não conta nada do que acontece aqui, mas gosta muito.

Sempre gostou de dançar. Sempre dançou. Artes, está descobrindo agora. Teatro gosta de se expressar, antes não gostava.

Ajudaram a arrumar os materiais e a sala, deixaram as casinhas cuidadosamente sobre a mesa para secar a cola. Ao final pedimos que não contassem nada para as crianças, para que fosse uma surpresa quando

chegassem para o próximo encontro que, lembramos, seria no dia 9 de novembro, pois no dia 2 de novembro seria o feriado de Finados.

Daniela e eu reparamos que o que mais chamou nossa atenção foi o fato de, no geral, as crianças não contarem sobre o que fazem verbalmente, como as mães demonstraram esperar, mas os relatos também indicam que as crianças colocam seus desejos e expectativas com relação à escola como a escolha para o estudo de um instrumento, contando para os primos o que fazem, pelas brincadeiras em casa, pela empolgação com que se preparam para vir. Como disse Daniela durante a conversa com as mães:

— Aqui é um *espaço mágico*, acho que não dá para contar.

Estamos no dia 9 de novembro e chegamos ao último dia do que, como professoras, no início do ano denominamos Projeto Alice no País das Maravilhas e que eu, transformada por este grupo e pela análise dos dados, passei a chamar de Casinhas de Alice.

Dispusemos os bancos um ao lado do outro na parede que fica em frente à porta da sala, colocamos cada casinha sobre um banquinho. Fomos buscar as crianças, fizemos algumas brincadeiras como, por exemplo, discutir para decidir qual das duas entraria na sala primeiro. Depois, ficou “decidido” que seria a Daniela, a porta não abria, ela pediu minha ajuda, mesmo assim não conseguíamos abrir a porta. As crianças se olhavam e riam. Quiseram ajudar. Só assim a porta se abriu.

Pareciam entrar num sonho, foram identificando as casinhas, punham perto do rosto, apoiavam no banco e ficavam agachadas, olhando. Em uma das casinhas a mãe colocou na parte de cima, no teto, um tipo de uma cortina curta

de papel cortado bem fininho e a menina, dona da casinha, ficava acariciando o rosto com a casinha.

Conversamos com as duas meninas para as quais fizemos as casinhas e entre elas definiram quem ficaria com qual casinha. Mostraram-se gratas por terem suas casinhas, mas não sentimos que tiveram o mesmo entusiasmo que os demais.

Tirei algumas fotos com o consentimento das crianças, e algumas delas até pediram para posar segurando sua casinha. A Daniela, a meu pedido, filmou uma parte do encontro em vídeo.

Pegamos as bandejas/cenários do armário e as crianças foram arrumando seus personagens e objetos de massa na casinha.





Os personagens estão de mudança para habitar suas novas casinhas

Quando terminaram, colocaram nos bancos onde nós as havíamos colocado inicialmente. Sentaram-se em volta da mesa e dissemos para elas que esta seria a última parte da história. Nesse dia nem fizemos a chamada.

Como não nos víamos há três semanas fizemos um resumo rápido da história junto com as crianças e continuamos, um pouco narrando ao nosso modo um pouco lendo.

*

— *Como está indo? Perguntou o Gato.*

— *É difícil jogar sem regras e, se existem ninguém respeita. Tudo aqui é muito louco, não gosto de gente louca, disse Alice.*

O Gato disse que se todos eram loucos ela também era.

Alice não entendeu muito a conversa do Gato, mas nem pôde responder, pois notou que a Rainha estava bem atrás dela, querendo saber com quem Alice estava falando. E ainda mais com aquela voz de trovão. Alice respondeu que era com um amigo, o Gato Sorridente. A Rainha logo ordenou:

— Não gosto dele. Cortem-lhe a cabeça!

Quando o Carrasco chegou não sabia o que fazer. Como ia cortar uma cabeça de um corpo se não se via o resto do corpo?

O Rei ordenou que o Carrasco obedecesse a Rainha, pois tudo que tem cabeça pode ser decapitado. O Gato observava a tudo sorrindo.

Diante de tanta confusão Alice disse:

— O Gato pertence à Duquesa.

— A Duquesa foi condenada à morte por ter se atrasado para o jogo de croqué.

Sussurrou o Coelho para Alice.

— Tragam a Duquesa! ordenou a Rainha Furibunda.

O Gato ao ouvir isso começou a desaparecer e quando a Duquesa chegou, ele havia sumido.

A Duquesa foi muito gentil com Alice e a menina pensou que quando fosse Duquesa não iria comer pimenta, pois isso a faria ficar daquele jeito agressivo.

A Duquesa começou a tremer com a aproximação da Rainha, que estava muito brava porque o Gato havia sumido. A Rainha disse para a Duquesa:

— *Ou você some como o Gato ou sua cabeça desaparece.*

A Duquesa sumiu e a Rainha convidou Alice para que jogasse croqué. O jogo não foi possível, porque a Rainha condenara à morte, um a um, todos os jogadores e os soldados que serviam de arco. Sobraram apenas a Rainha, o Rei e Alice.

A Rainha convidou Alice para tomar uma Falsa Sopa de Falsa Tartaruga. Chamou o Grifo para que levasse Alice até a Falsa Tartaruga. Quando a Rainha se afastou o Grifo disse para Alice que tudo era uma piada porque nunca executavam ninguém.

A Falsa Tartaruga estava chorando. Alice perguntou o que estava acontecendo e o Grifo disse:

— *Nada. É tudo fantasia.*

De repente ouviram alguém gritar:

— *O julgamento vai começar.*

Alice não sabia que julgamento era aquele. O Grifo pegou Alice pela mão e os dois corriam como flechas. Alice estava ofegante. Quando chegaram viram o Rei e a Rainha sentados no trono cercados por toda a sorte de bichos e pelo baralho completo. O Coelho Branco estava ao lado do Rei com um clarim.

No meio da sala havia uma mesa de tortas. Alice também observou que os jurados escreviam na lousa. Perguntou ao Grifo o que escreviam e o Grifo explicou que eram os próprios nomes para que não se esquecessem deles até o fim do julgamento.

— *Mas que burros! exclamou Alice.*

Haviam roubado as tortas da Rainha e o Rei queria o veredicto. Depois de muita confusão chamaram Alice como testemunha e o Rei perguntou:

— O que sabe sobre este caso?

— Nada, respondeu Alice.

O Rei ficou insistindo mas ela não sabia nada mesmo. A Rainha queria a sentença antes do veredicto e Alice ficou indignada.

— Imagine! Que idéia de jerico a de dar a sentença primeiro!

— Dobre a língua! berrou a Rainha, já ficando roxa.

Alice se atreveu em discutir com a Rainha e ainda por cima disse que com aquele jeito ela não assustava ninguém.

Foi então que todo o baralho se levantou contra Alice e as cartas voaram em sua direção.

Alice deu um gritinho, num misto de medo e de fúria tentando combater as cartas que a atacavam.

Foi quando se viu deitada no banco, com a cabeça no colo de sua irmã, a qual retirava carinhosamente de seu rosto algumas folhas secas que tinham caído da árvore.

— Alice, acorde, querida. Que soneca você tirou!

— Puxa tive um sonho tão incrível!

E começou a contar as aventuras com todos os detalhes que conseguiu lembrar. Quando terminou, sua irmã a beijou e disse:

— Foi mesmo um sonho incrível, querida. Mas agora vá tomar o seu chá. Está ficando tarde.

A irmã de Alice deixou-se ficar por ali, também pensando no sonho. E ao observar com mais atenção o bosque, pareceu-lhe ver coisas e ouvir sons que só agora conseguia identificar.

*

Pedimos que cada um falasse alguma coisa sobre a aula:

História da Alice.

A caixa.

Gostei de pôr os desenhos (massinha) na caixa.

Que a gente viu a surpresa da mãe.

A história da Alice.

A massinha que a gente pintou (fez).

Na hora da história da Alice.

Mexer com a massinha.

Ajudar a professora a mexer na filmadora.

A história da Alice.

A primeira coisa que a gente sempre faz, a gente chega aqui e faz a chamada.

A Alice cresceu e saiu de lá.

Acho que aconteceu aquele negócio que aconteceu quando ela estava na casa do coelho, o braço saiu para fora.

A Alice cresceu, e ela voltou onde ela estava, e todos os personagens perto dela.

Terminou e era um sonho.

Não sei.

Que ela ficou assustada, com medo de falar as coisas que ela tem para falar.

Só vai ser ruim se for carta de plástico, porque se for de papel pode rasgar.

Não sei.

Acho que era só um sonho.

Ela ficou tonta com todas essas cartas.

Alice ficou tonta que todas as cartas foram em cima dela, e foram para baixo, mas ela estava dormindo todo esse tempo, acordou e viu que era um sonho.

Preparamos a exposição com as caixas e os personagens produzidos em massinha pelas crianças e colocamos no saguão de entrada da escola, onde permaneceram até a semana seguinte.

As famílias e toda a escola puderam compartilhar das histórias de Alice no País das Maravilhas criadas em massinha pelas crianças.

Daniela e eu nos abraçamos emocionadas. Foi mesmo uma aventura.

Estudo 2 – “Alice, Alice, Alice ...”

No dia 12 de agosto tornamos a encontrar as crianças. Nós, professores estávamos ansiosos com relação a este momento. Todos voltaram, os pais também entraram na sala, foi uma boa confraternização. Nossas relações estavam dentro de nós e o que estava fora não nos afastou, mesmo separados nos mantivemos unidos e o encontro pôde acontecer. Para a pesquisa também foi um ponto interessante a ser considerado para o desenvolvimento do projeto.

Chamou a atenção a forma como as crianças acomodaram seus materiais, trocaram conversas e se colocaram em roda, como sempre fazíamos em nossa rotina. Parecia que havíamos nos visto na semana anterior. Na verdade foram quatro meses e meio.

Nas quatro linguagens buscamos propor jogos e atividades com os quais estavam familiarizados. Fomos fazer um reconhecimento do espaço físico, andamos pelo parque. O clima foi de tranqüilidade.

Ao escrever e reescrever este texto do segundo semestre deste grupo, e como ficaria longo descrever todas as atividades, estou me restringindo aos materiais, relatos, registros e produções específicas sobre a história escolhida.

Música, artes plásticas, o trabalho de dança e mesmo algumas atividades de teatro que não são mencionadas aqui contribuíram para os resultados alcançados. Para dar fluência ao texto também omitirei em alguns casos a data dos encontros, dando preferência para a seqüência.

Na roda de fechamento mostramos as duas edições de Alice no País das Maravilhas, a adaptada por Ruy Castro – publicada em 1992, e o livro traduzido e

adaptado por Monteiro Lobato, publicada pela primeira vez em 1931; o volume que utilizamos era da 12ª edição de 1969.

Consultei as crianças novamente sobre meu projeto de pesquisa e eles confirmaram sua adesão como participantes.

Fizemos um levantamento prévio sobre o que sabiam sobre Alice,¹³ Falaram mais de seus sonhos, mas como disse a Valquíria:

Tenho certeza que é um sonho. Mas pode ser verdade porque é uma história.

O leitor deste trabalho já está familiarizado com a história, mas ao longo de “Alice, Alice, Alice...” transcreveremos alguns trechos com o texto de Monteiro Lobato, que foi a escolha das crianças, para que possamos situar no tempo as diferenças de pontuação, linguagem, costumes e associações que Alice faz através das palavras. E para que possamos também localizar o processo que vai sendo desenvolvido pelo grupo. Fiz a primeira leitura:

PREFÁCIO

(Escrito em 1931)

...Trata-se do sonho de uma menina travessa – sonho em inglês, de coisas inglesas, com palavras, referências, citações, alusões, versos, humorismo, trocadilhos, tudo em inglês, isto é, especial, feito exclusivamente para a mentalidade dos inglesinhos.

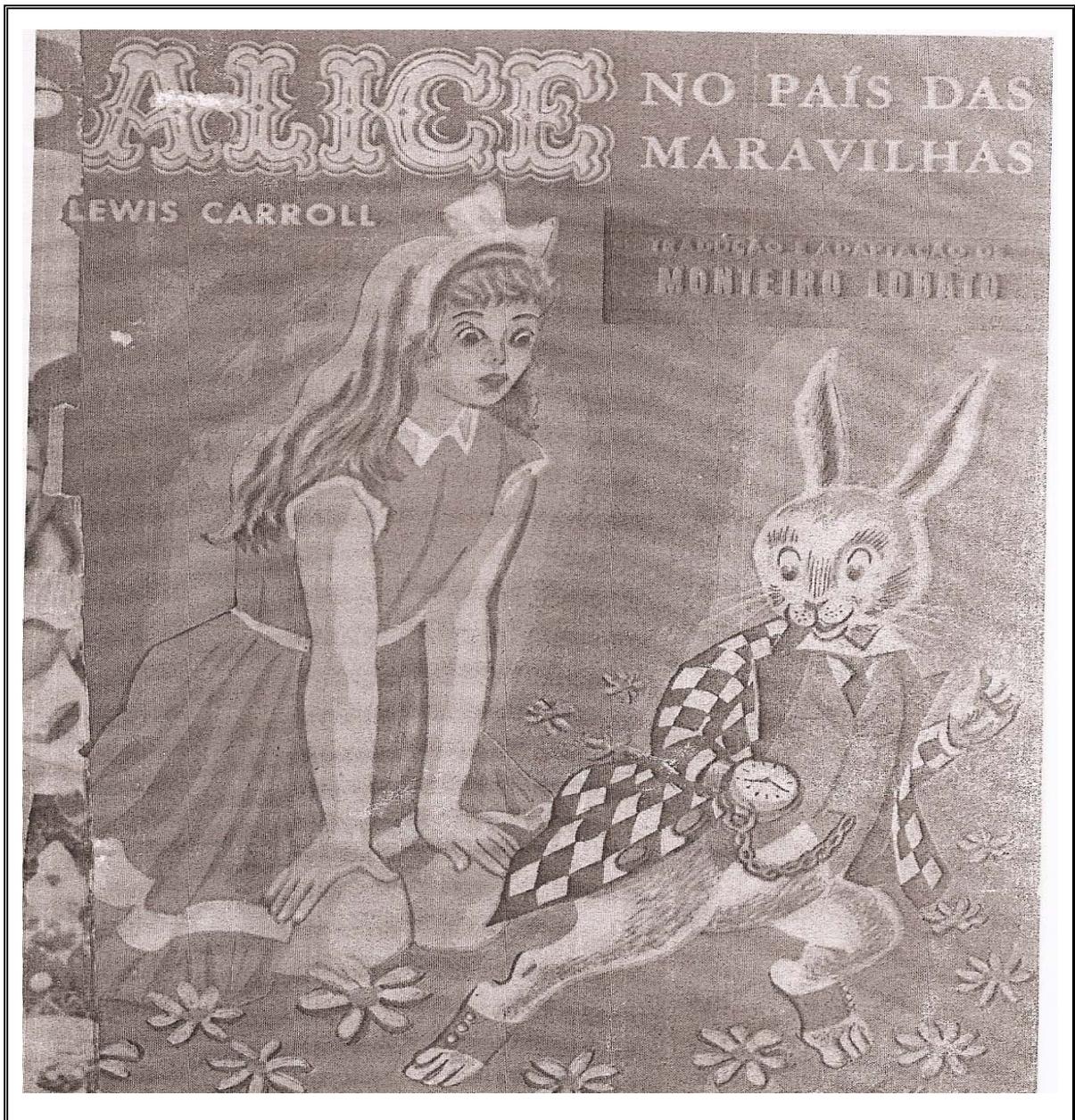
¹³ Conteúdo trazido pelos alunos nas páginas 78 e 79.

O tradutor fez o que pôde, mas pede aos pequenos leitores que não julguem o original pelo arremedo. Vai de diferenças a diferença das duas línguas e a diferença das duas mentalidades, a inglesa e a brasileira.

Há dois anos o original manuscrito de “Alice in Wonderland”, do próprio punho do autor, apareceu num leilão de livros velhos em Londres. Vários pretendentes o disputaram, entre eles o Museu Britânico, que havia destinado para sua aquisição uma verba de 12.500 libras esterlinas. Essa verba foi insuficiente.

... As crianças brasileiras vão ler a história de Alice por artes de Narizinho. Tanto insistiu esta menina em vê-la em português (Narizinho ainda não sabe inglês), que não houve remédio, apesar de ser, como dissemos, uma obra intraduzível.

- Serve assim mesmo, disse ela ao ler a tradução da primeira parte hoje publicada (a segunda “Through the looking glass”, inda é mais maluca). Dá uma idéia, embora “muito pálida”, como diz a Emília... (Carrol, 1969, p.10).



Despedimo-nos das crianças. Planejamos para o próximo encontro pedir que eles respondessem, por escrito, a quatro perguntas preparadas pelo Chico Lu e por mim, para levá-los a uma reflexão bem pessoal e para que nós tivéssemos uma idéia mais concreta sobre como pensam histórias, quais as experiências e que valor dão a elas, gostaríamos de conhecer o repertório individual destas crianças.

Perguntas:

- 1 - Quem foi o primeiro contador de histórias que você ouviu na vida?
- 2 - Que histórias você lembra que ele contou?
- 3 - Quais outras histórias você se lembra?
- 4 - O que vocês pensam sobre histórias? Você acha que são importantes? Por que?

No dia 19 de agosto havíamos preparado papel e lápis no meio da sala, anotaram as perguntas. Acomodaram-se espalhados pela sala. Fiquei ao lado de uma das meninas por perceber que estava ansiosa e por solicitação dela anotei as perguntas e ela escreveu as respostas; uma outra menina ficou próxima de mim e quando acabei a leitura das perguntas pediu se poderia responder na minha folha e eu concordei. Fiquei por perto e, sempre que tinham dúvidas quanto à escrita de alguma palavra, perguntavam em voz baixa e eu respondia da mesma forma.

Ao terminarem de responder entregavam a folha para os professores.

Quando todos terminaram, como havíamos observado que alguns não queriam se identificar na leitura das respostas e outros queriam, fiz as seguintes propostas para conciliar as diferentes demandas:

- 1ª – os professores lêem todas as respostas sem ler o nome do autor;
- 2ª – os professores só lêem as respostas de quem quiser que sejam lidas;
- 3ª - se alguém quiser pode ler suas próprias respostas.

Fizeram a segunda opção. Neste grupo nem sempre foi fácil atender às diferenças e garantir um clima produtivo e cuidadoso para todos ao mesmo

tempo. Apenas uma menina não quis que suas respostas fossem lidas, por isso, embora tenha deixado o material comigo, não fazem parte deste relato.

Lemos primeiro todas as respostas para a pergunta número um e assim por diante. A transcrição que se segue é fiel à escrita das crianças.

1 - Quem foi o primeiro contador de histórias que ouvi na vida?

Respostas:

- *Minha mãe.*

- *Minha mãe e minha vó.*

- *Minha mãe, eu tinha 5 anos.*

- *Bom, teve vários só que não lembro, o único que lembro é a prof^a Márcia Lago.*

- *Chico Lu. Meu pai e minha mãe nunca me contarão histórias.*

- *Meu pai.*

- *Minha mãe Juvenita.*

- *Meu pai.*

- *Minha mãe eu tinha 4 anos.*

- *Minha mãe*

- *Foi a minha mãe*

2 - Que histórias você lembra que ele contou?

Respostas:

- *Chapeuzinho vermelho, três porquinhos e a de um leão que se perdeu e demorou para achar a sua família*

- *O caboclo do norte, o javali negro, a mulher de branco, etc. Todas baseadas em fatos reais.*

- *O Galo maluco, que queria comer comida, picou o cachorro, mordeu o rabo do GATO, Galo ficou triste, porque suas penas caíram*
- *A quase morte de Zé Malandro*
- *Beta Borbo, Contos de enganar a morte, A borboleta.*
- *histórias inventadas sobre mim*
- *Chapeuzinho Vermelo*
- *O homem, o menino e a mula*
- *A pequena sereia*
- *Branca de Neve e os sete anões, Cinderela*
- *Foi a do Tarzan*

3 - Quais outras histórias você se lembra?

Respostas:

- *Cinderela, branca de neve, Alice no país das maravilhas e outros contos.*
- *O homem que enchergava a morte, Boi tatá, Boi bumba, Pororoca, Zé malandro, O cão o gato e o rato, Alladin e etc. Os ets de Marajó, contos infantis, Pirarucu, Açaí, Cobra grande, Cobra Norato.*
- *da Monica, no parque da Monica*
- *Vários, como: Alice, Chapeuzinho Vermelho, Três Porquinhos e outros contos infantis.*
- *Cinderela, A Bela e a Fera, Lago dos cisnes.*
- *histórias sobre princesas, sobre acontecimentos da vida real.*
- *Alice no país das maravilhas, A bela e a fera e 101 daumatas*
- *a galinha dos ovos de ouro, a formiga e o tamanduá, o deus hermes e o lenhador*

- a historia da minha mãe de quando ela era pequena
- A Bela Adormecida, A Bela e a Fera, Mulan.
- Foi do João e Maria (quando eu tinha 3 anos)

4 - O que vocês pensam sobre histórias? Você acha que são importantes?

Porque?

Respostas:

- É tudo que conta uma coisa, está por toda parte e todo mundo tem uma. São importantes porque nos ajudam a expressar contar e imaginar.
- São importantes porque fazem as pessoas se divertirem e ajudam eles a saber mais
- Eu acho interessante, ajudam a expressar passados distantes, contos e lendas.

Porque é a cultura em letras

- Muito legal. Sim. Porque fazem as crianças, adultos, se encantarem pela vida.
- eu acho que histórias são fantasias que trazem alegria, sentimentos. Eu acho que são, porque toda história nos trazem lições e sempre aprendemos.
- Muito legais. Eu acho importante porque sem elas ninguém contaria histórias.

Porque é só uma lenda.

- tradições sobre gerações, sim Para interter as crianças
- Eu penso que história é uma coisa boa agente aprende com ela. Sim, eu acho que sim.
- Eu penso que é interessante, pois nós mergulhamos nas aventuras, é importante também é bom porque melhora a fala e a expressão
- Eu acho que é legal porque agente imagina que agente está na quela história. E porque ela faz parte da nossa vida

Curioso notar que as crianças mencionam na maioria das respostas figuras femininas na apresentação das histórias – mãe, avó, professora. Ao citar o título da história “O homem, o menino e o burro”, a criança troca o personagem burro por mula. A maioria dos títulos, citados, está associada ao universo feminino.

Pelas respostas, algumas questões se destacaram quando me debruço sobre este material mais detidamente: a escrita da maioria das crianças que desconsiderando casos específicos, não condiz com a riqueza do material apresentado, com o que pensam, o que provoca o desconforto da atividade e de sua comunicação no grupo; algumas crianças dizem da leitura feita por alguém da família, mas os exemplos são de histórias trabalhadas conosco; outra criança traz uma forte raiz de tradição; outros relatam como histórias conhecidas filmes, provavelmente em vídeo ou CDROM, que assistiram e com as quais não tiveram contato por terem sido contadas ou lidas nos livros, o que é um dado de nossa contemporaneidade; outros nos colocam como primeiros contadores; há ainda as crianças cujas respostas parecem contaminadas pelas respostas aprendidas na escola regular.

Retornando às Aventuras de Alice:

VIAGEM À TOCA DOS COELHOS

...Outra coisa que tinha ouvido na escola: isso de latitude e longitude, não sabia o que era, mas gostava de repetir palavras tão científicas. Depois disse: “gostaria de saber se estou caindo bem a prumo pelo interior da terra. Seria engraçado se atravessasse a terra inteirinha e fosse sair do outro lado, onde está a gente que anda de cabeça para baixo. Creio que se chamam antípedes.” Alice pensou isso, mas percebeu logo que tinha errado. Era antípodas que queria dizer. E ficou muito satisfeita de que somente tivesse pensado errado, em vez de dizer

errado em voz alta. “imaginem se alguém ouvisse pronunciar semelhante asneira!”... (idem: 14).

A leitura foi compartilhada pelos alunos como narradores.

O professor Chico Lu pede: que andem pela sala, escolham um lugar, se acomodem da maneira mais confortável. Orienta para que imaginem quem são, espera alguns momentos e propõe que, em silêncio, se imaginem num lugar, ao que depois pede que acrescentem imaginativamente a ação – o que estão fazendo.

Numa segunda etapa foi solicitado que se imaginassem num dos lugares da história de Alice.

Em seguida deveriam se organizar em duplas de livre escolha, tendo em mente as três perguntas e, realizarem uma dramatização.

Estávamos num ano de Olimpíadas e o tema esteve presente em muitos exercícios. A primeira dupla fazia ginástica rítmica e estava na Olimpíada; a segunda dupla era de juízes da Olimpíada; os outros eram seguranças do mesmo evento; a última dupla era de militares e não estavam na Olimpíada, tinham tiques, soluços, coceira, espirravam quando demonstravam ter que permanecer imóveis como se estivessem diante de alguma autoridade.

LAGO DAS LÁGRIMAS

Alice havia lido na gramática latina de seu irmão mais velho um pedaço que dizia assim:

... “O rato, do rato, ao rato, ó rato.”

O Rato deitou-lhe um olhar cheio de curiosidade e piscou um dos olhinhos sem nada responder.

“Talvez não entenda a minha língua”, pensou Alice. “Talvez seja um rato francês vindo com Guilherme o Conquistador. Alice conhecia muito mal a história desse rei e imaginava que fosse algum francês que ainda estivesse vivo e morando perto dali. Assim, repetiu a pergunta em francês, e como só sabia uma frase dessa língua, que era a primeira dum livro de leitura, disse:

*- **Où est ma chatte?** (idem: 24).*

As crianças leram o texto e para tanto foram orientadas pelos professores para que dividissem entre si os personagens.

Para esse momento de leitura ficávamos em grupo, pelo chão e quem não estava lendo ficava bem à vontade, as que liam ficavam sentadas bem próximas. A leitura compartilhada era feita de acordo com um pedido de algumas crianças.

Como tivemos menos encontros com as crianças, por causa da reforma, ainda não tínhamos trabalhado volume de voz, o que é necessário para as atividades de teatro.

As crianças escolheram personagens do texto lido, e deviam andar, correr ou parar pela sala, atendendo às seguintes instruções ao ouvir duas palmas:

- passar pelo outro e dizer uma mensagem,
- gritar uma mensagem para o colega mais distante,
- passar pelo outro e sussurrar algo.

A instrução seguinte era para que, mantendo os personagens, montassem uma cena que considerasse o universo fantástico da história de Alice no País das Maravilhas.

Organizamos as crianças em dois grupos.

1º grupo – delimitaram uma área dentro do espaço do palco em forma de retângulo.

- *E a corrida vai começar: JÁ.*

Uns corriam, outros ficavam parados, retomavam a corrida. Ninguém respeitava a pista colocada no chão, andava para lá e para cá.

- *Parou!*

Nem todos pararam.

- *Prêmios, prêmios. Chicletes, chicletes.*

A platéia comentou as diferenças com a história: em vez de bombons – chicletes e que na história corriam em círculos e com o objetivo de se secarem.

2º grupo

- *Socorro! Socorro!*

- *Quem é essa menina?*

- *São árvores falantes!* comenta a menina para a platéia.

- *Ah! Queria sair para ir para os jardins, diz uma das árvores.*

- *Mas você não sabe, é ruim ser árvore. Se você sair, a qualquer hora pode chegar um lenhador e nos cortar.*

- *Pior ser uma doida, dentro de um buraco... diz a menina como se estivesse pensando em voz alta.*

- *Não podemos sair, estamos presas!*

Ao que a menina comenta:

- *Bem que eu queria trocar com vocês... Mas pensando bem essas árvores são tão iguais.*

A menina grita:

- *Olha um lago!*

E com uma folhinha vai regando as árvores.

Todas as árvores saem correndo e a menina grita:

- *Socorro! Quero sair daqui.*

Mas estava presa porque virou árvore.

O professor pergunta o que lembram que acontece de fantástico nas histórias:

As transformações da Bela e a Fera, xícaras que se movimentam e falam, a rosa que quando morrer ele também morre.

Os cabelos de Rapunzel.

Uma varinha que vira o príncipe em sapo.

No vídeo game tem um sapinho que se ele te beijar, você morre.

A princesa e a ervilha. Como pode depois de cinqüenta colchões sentir a ervilha?

Nem o Papa. (comenta um dos meninos).

As duas últimas observações servem para exemplificar o quanto foi antagônico para as crianças de 9/10 anos, neste encontro, magia e realidade, o quanto foram confrontando os fatos fantásticos com a realidade. Anteriormente, quando solicitamos sobre os conhecimentos prévios a respeito da história de Alice a permissão para a fantasia apareceu via sonho, o mundo onírico como passaporte para a fantasia, senão a história não pode estar presente. Senão, *nem o Papa*, que é quase um deus poderia perceber a ervilha sob 50 colchões.

No dia 16 de setembro levamos também a edição de Ruy Castro que eu estava lendo para a turma de 6 anos.

Compararam os desenhos e o texto e comentaram que preferiam a ilustração antiga. Só um dos meninos disse preferir as ilustrações de Laurabeatriz do livro mais recente, *por ter mais detalhes*, argumentou ele. Por uma questão de tempo alternamos as leituras e neste dia foi lida a versão de Ruy Castro.

As crianças que queriam fazer a leitura dividiram os personagens e ao final alguns comentaram:

É bem mais reduzido.

Mais moderna.

No encontro seguinte uma das alunas contou que havia ido à Biblioteca para ler o livro de Alice adaptado por Monteiro Lobato.

A iniciativa chamou nossa atenção, pelo interesse. Mas também nos causou desconforto por termos que mudar de texto. Tiramos xerox e disponibilizamos para as crianças que quisessem levar para casa, o Chico Lu ofereceu o seu livro para que o levassem emprestado.

Com o livro de Ruy Castro leram em um só encontro várias páginas: passaram por Alice no jardim de cogumelos, pelo chá do chapeleiro e da lebre, e se encontraram com o Gato que sorria. Uma das crianças comentou:

- Relógio que marca o dia e não as horas?

Eu pergunto:

O que foi mais absurdo?

Respostas:

A cozinheira atirar coisas na Duquesa.

Bebê virar porco.

Lebre tomar vinho, chá. Meia xícara, xícara cortada ao meio.

Não acho nada estranho.

O pescoço

O pescoço de Alice parecer cobra.

A Lagarta fuma!

A casa com orelhas.

Estávamos quase terminando a leitura do livro, em casa podiam ler a outra versão. O professor então coloca a possibilidade de irmos para o teatro João Caetano, na apresentação de final de ano da escola e nos apresentarmos com uma montagem sobre Alice, do nosso jeito. Só uma das meninas disse que não queria participar.

Aos próximos passos denominamos: Entrando no universo de Alice.

Todas as meninas queriam ser Alice

Começam a discutir como poderiam fazer. Seriam irmãs? Que roupas iriam usar? Decidiram que todas usariam meias listradas – a maioria das meninas nesse dia estavam com meias listradas coloridas. Todas concordaram. Decidiram por uma saia azul e uma blusa branca. Acharam que era melhor ter um laço na cabeça.

Os meninos lembram da música do Lulu Santos – Como uma que havíamos cantado no ano passado e acham que a letra combina com a história de Alice.

COMO UMA ONDA

Lulu Santos

^D
 NADA DO QUE FOI SERÁ... ^{Bm}
^{F#m}
 DE NOVO DO JEITO QUE JÁ FOI UM DIA ^{D+}
^{B7}
 TUDO PASSA, TUDO SEMPRE PASSARÁ ^{E^m}
^{E^m}
 A VIDA VAI EM ONDAS ^{B7}
^{E^m}
 COMO UM MAR... ^{A7}
^{E+}
 NUM INDO E VINDO INFINITO ^{Bm}
^{D+}
 TUDO QUE SE VÊ NÃO É ^{F#m}
^{D+}
 IGUAL AO QUE A GENTE VIU A UM SEGUNDO ^{B7}
^{B7}
 TUDO MUDA O TEMPO TODO NO MUNDO
^{B7}
 NÃO ADIANTA FUGIR... ^{B7} ^{E^m}
^{D+}
 NEM MENTIR PRA SI MESMO, AGORA
^{Bb7}
 HÁ TANTA VIDA LÁ FORA ^{D+}
^{B7}
 AQUI DENTRO, SEMPRE ^{E^m}
^{Bb7}
 COMO UMA ONDA NO MAR ^D (3X)

Uma das meninas que estudava piano na EMIA com a professora Rosana Giosa, havia conversado sobre o nosso projeto e estava estudando Alice in Wonderland de Fain e Hilliard, a partir de uma partitura adaptada pela professora para o seu nível de aprendizagem. Esta seria a abertura da apresentação, combinaram as crianças.

A música de Lulu Santos seria o fechamento, a cena final.

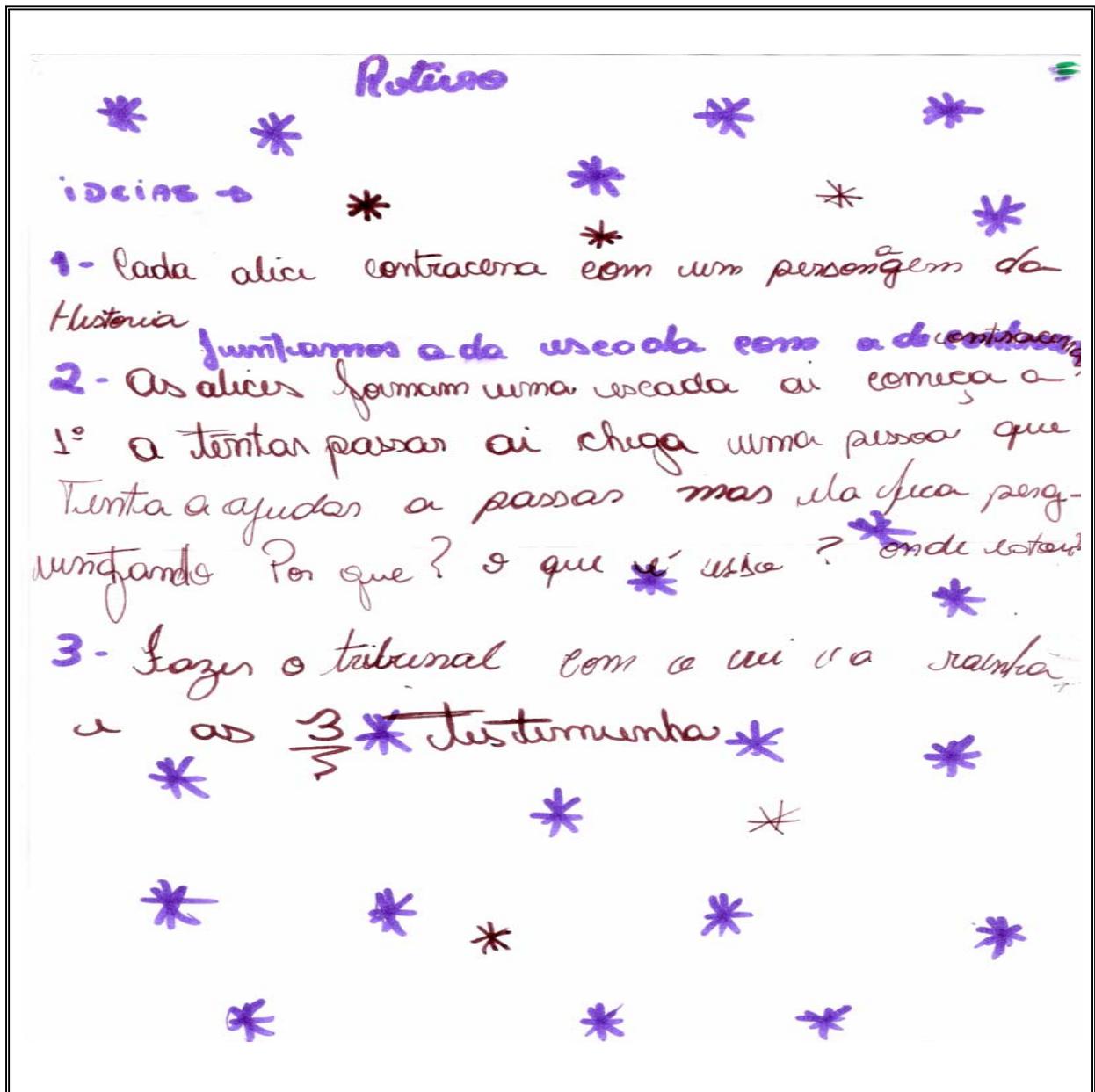
Alice in Wonderland

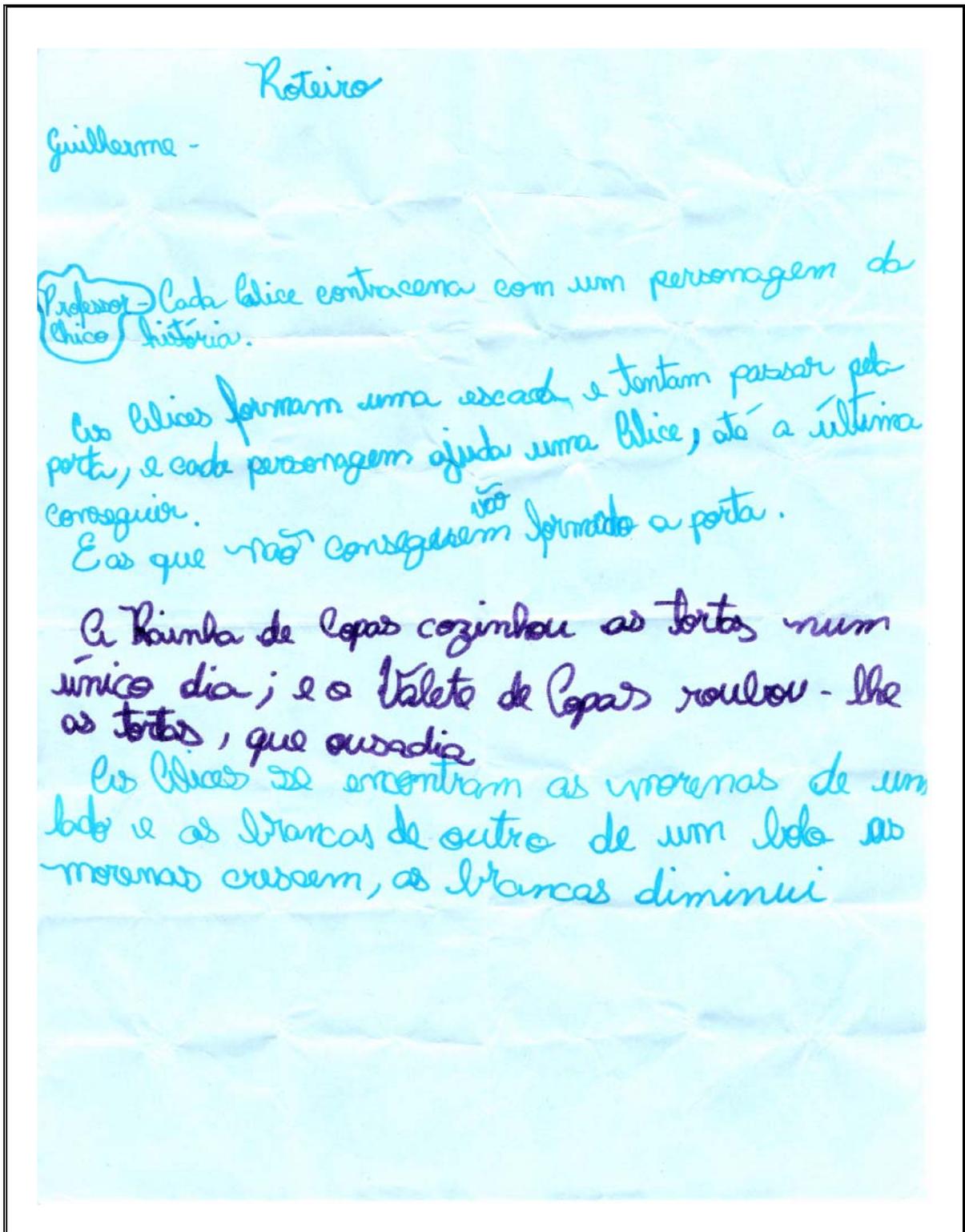
Partitura adaptada

Estávamos entusiasmados com os desdobramentos do projeto, pelo fato de irem à Biblioteca, envolver outros professores, os pais providenciando os figurinos com coisas possíveis, que tinham em casa. E o Jonathan quis ser o

Coelho e sua mãe nos consultou se poderia fazer a fantasia para ele se apresentar.

Uma das crianças trouxe da biblioteca da escola a 13ª edição do livro adaptado por Monteiro Lobato. A que o professor Chico Lu tinha era a 12ª um detalhe que a menina lembrou, trazendo a outra para mostrar para o grupo.





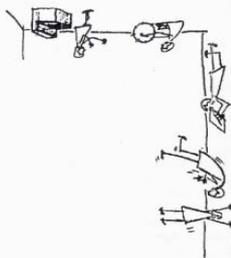
Os primeiros esboços de roteiro feito pelas crianças

Coletivamente, e reunindo as idéias de cada um, tecemos nosso ROTEIRO DO ESPETÁCULO, uma trama urdida com personagens e situações que como fios coloridos compuseram “Alice, Alice, Alice..”

- 1- palco escuro;
- 2- abrir foco de luz sobre o piano a direita da boca de cena – Priscila toca “Alice in Wonderland”;
- 3- abrem-se as cortinas;
- 4- a música ao piano continua – Thamirys entra e senta-se no banco ao lado de um vaso com rosas brancas e vermelhas (lado esquerdo do palco);
- 5- o piano silencia;
- 6- entram Alice (Thwany) e o Coelho (Jonathan) como um Coelho velho, e diz: *Meus queridos netinhos! Quando eu era um jovem Coelho fui perseguido em uma quente tarde de verão por uma menina chamada Alice! Em minha corrida contra o tempo, entrei em uma toca e ela me seguiu.* Correm pelo palco e ao saírem Priscila também segue o Coelho correm com eles. O Coelho diz em voz alta: — *E tarde, é tarde...*
- 7- palco vazio, pouca luz, começa a tocar em *play back* a gravação de “How the West was Lost” e em seguida Dull Knife & Little Lost Wolf de Peter Kater, sob um longo pano azul as crianças andam pelo palco, num universo desconhecido, um a um vão saindo do túnel/pano e caem em um lugar pré-definido no palco – na ordem do último para o primeiro, a luz do palco vai ficando mais intensa e azulada, Karina arruma o pano azul na boca de cena e também cai;

- 8- um a um levantam e dizem uma fala: Valquíria – “Socorro!... Socorro!” , Thuany – “Acho que atravessei a terra!” , Jonathan – “É cedo, É tarde. Não sei mais que horas são...”, Talyta – “Nossa! Que relógio maluco! “, Lynkon – “Uma serpente!”, Vinicius – “Olha o rato!”, Guilherme – “Seja lá o que for, vá tirar aquilo de lá.”, Larissa – “Cortem-lhe a cabeça!” , Rodrigo – “Olha! Que portinha!”, Priscila – “Rosas douradas ou prateada?”;
- 9- o Coelho corre e fala: “É tarde! É tarde!” , e todos o acompanham e saem do palco;
- 10-voltam ao palco com adereços (ao fundo a gravação da música “How the West was Lost” Peter Kater , retorna) e, em dupla, entram em cena e congelam, ao toque do tambor executado por mim realizam pequenas cenas (o tambor indica a entrada para cada dupla em cena);
- 11-todos congelados, ao fundo caem bexigas azuis e brancas, como as folhas/cartas da história, as crianças formam um “portal”, a Alice Thamirys levanta-se, atravessa o portal e uma a uma, vão saindo desmanchando o portal e pegando o pano azul para cantar “Como uma onda” de Lulu Santos, acompanhados por mim ao piano.

Programa de apresentação do dia 28 de novembro Teatro João Caetano



Nosso agradecimento a todos os professores da EMIA que, com seu talento e dedicação, orientaram os trabalhos do ano de 2004.



Direção
Thaia Perez

Assistente Artístico Pedagógico
Liliana Bertolini

Assistente Administrativo
Elisabete L. M. Honda

Assistente Social
Lenira Maria Ramos

Equipe Administrativa
Alzira Jacintho da Mota, Carla Cássia R. Lima, Eleni Bartalini, Marina Massako Shikichi, Cenia Maria Volcov, Reinilda Maria Mamedio e Wanda Andrade M. Saracho

Equipe de Apoio
Dulcinéia de Andrade César, Maria de Nazaré B. da Silva, Paulo Sergio B. de Castro e Pio Alexandre Costa Neto

Desenho
Odino F. Pizzigrilli

Roteiro do Evento
Mônica Olivetti e Paulo Petrella

Coordenação Geral do Evento
Liliana Bertolini

EMIA

ESCOLA MUNICIPAL DE INICIAÇÃO ARTÍSTICA
Rua Volkswagen nº 40 - Parque Lins e Paulo Raia
São Paulo Fone: 5017.7552

SECRETARIA MUNICIPAL DE Cultura 



ESPETÁCULO DE ENCERRAMENTO

EMIA - 2004

TEATRO JOÃO CAETANO
28 DE NOVEMBRO DE 2004



É com muita alegria que chegamos ao fim de mais um ano de trabalho, e para coroar-lo apresentamos neste Espetáculo de 2004, trabalhos que representam o resultado de processos desenvolvidos por nossos alunos em sala de aula. Uma parte expressiva do que foi criado este ano faz parte da programação composta de trabalhos de quartetos, dos grupos de percussão e do curso de Teatro.

PROGRAMA

BATUQUEMIA

Prof. Wilson Dias
Alunos: Ana Kelly N. de Lacerda, Gabriel G. Belluzzo, Guilherme G. Belluzzo, Hanon G. L. Rossi, Júlia M. Mercado, Lahayda L. M. P. Dreger, Lidiany Schuede, Maurício L.G. Gomes, Rachel Yasmin M. Araújo, Talita dos Santos, Vinicius Jataí, Karen L. B. Monteiro.

DA SUCATA AO SOM, DO SOM À MÚSICA

Prof. Wilson Dias
Alunos: Carla Beatriz M. Santos, Daniel S. Barão, Joyce Ellen S. de Oliveira, Lahayda L. M. P. Dreger, Marco Aurélio S. Melo, Rafael S. Barbosa, Sara Rodrigues Ferreira.

PERCUSSÃO

Prof. Wilson Dias
Alunos: Carlos Alberto F. Zambello, Yuri Gonçalves, Leandro Y. Haraoka, Arthur U. B. Okeke, Guilherme G. Belluzzo, Hanon G. Rossi, Rachel Yasmin M. Araújo.

ATRAVESSEI A PONTE

Oficina de Ex-alunos – Prof. Thereza Peric
Ex-alunos: Augusto F. Santos, Carlos de Oliveira Santos, Ellen A. Nascimento, Esther de Viveiro, Gustavo B. Nakahara, Karina Y. Tanada, Maíra Bonamin, Marina Ribeiro da Silva, Regiane Semionato, Tauylah B. Marena.

FLAUTA E PIANO

Flauta Leandro R. S. Gouveia
Piano Rosana Giosa

ÁI VEM A CHUVA

Quarteto – Profs.: Chico Lu, Celeste Mattioli, Marcelo Juliano e Márcia Maddaloni
Alunos: Ana Paula de C. Lopes, Bárbara M. C. Soares, Fabiana M. Fernandes, Franklin de M. Matos, Janaína dos R. Santos, Jovane Matias S. de Oliveira, July L. Filadelfo, Kristie Y. Yokoyama, Larissa A. da Silveira, Larissa M. Fernandes, Luiz Cláudio B. Belo Jr., Maria Carolina M. de A. Pace, Mariana B. de Souza, Mariana P. Alves, Mariani Paula A. L. Ribeiro, Mateus de F. Rodarte, Paloma M. Rocha Nardo, Rayssa E. Arruda, Sophia B. Bôscolo, Thayamene K. da Luz, Victor G. Ribeiro.

ALICE, ALICE, ALICE

Quarteto – Profs. Chico Lu, Thelma Penteado, Márcia Andrade e Márcia Lágua
Alunos: Guilherme O. Arantes, Jhonatan Bruno M.O. Antunes, Karina de O. Miranda, Larissa Ushino, Lynkon T. Yang Ko, Priscila Akemi da Silva, Rodrigo Y. Toguti, Talyta dos Anjos Diniz, Thamirys dos Reis Chaim, Thuany Franco Salvioli, Valquiria M. da Silva, Vinicius Jataí.

FLAUTA E PIANO

Flauta Leandro R. S. Gouveia
Piano Rosana Giosa

PASSAGEM

Quarteto – Profs. Andréa Fraga, Rosa Comporte, Carlos Silva e Odino F. Pizzigrilli
Alunos: Aline Borges dos Reis, Beatriz de B. Mantoani, Eduardo C. Ferreira, Felipe M. Alves, Franklin Min Yang Ko, Gabriel José de Amorim, Gabriel Teixeira Neves, Gabriela Palombo Monteiro, Gianluca A. Desenzi, Hortência Bethânia L. F.S. Miguel, Isabela L. Jupassú, Isabela P. Viana, Isabela Yumi A. Koga, Isabella B. Santiago, Laisa Goudinho P. de Oliveira, Larissa Caldas F. Yamaguchi, Lucas Bittencourt, Marina Campos V. Domingues, Marina De L. Strincagnolo, Murillo G. Couto, Paula Queiroz Lopes, Plínio Roberto de Oliveira, Vinicius de Paula S. Marcolino.

QUEM? EU? EU, NÃO?

Quarteto – Profs. Márcia Maddaloni, Maria Sílvia, Mônica Olivetti e Rosa Comporte
Alunos: Alexandre P. Quintino, Artur da S. Oliveira, Artur S. Moraes, Bruno F. Santos, Bruno S. da Silva, Carlos Henrique C. Telleria, Gabriel F. Eisele, Geiciely L. Barbosa, Gustavo R. de Barros, João Victor B. Rudner, Josias Danny de Viveiro, Lais B. Sachs, Larissa F. Daroque, Marcos Otávio M. Santos, Mariana B. Prudêncio, Paula R. Durão, Renata S. de Souza, Tarso S. Barbosa, Thaís Amon S. A. de Oliveira, Vitor S. dos Santos.

LAMENTO E TROTTO

Quarteto – Profs. Tatiana de Lâquila, Maristela Alberini, Rosa Comporte e Ana Tatit
Alunos: Ana Clara C. da C. Cardoso, André T. Sakiyama, Bruna Eiko Koide, Bruna T. Bartasevicius, Cabian D'Auria Rocha, Celso Fernando F. Singh, Deborah Tiemi F. Goh, Eric Martin M. Bustos, Erik M. Shimizu dos Santos, Fabrício A. B. Severo, Fernanda N. Abe, Fernanda Roberta P. Sartori, Gabriel Obara de Oliveira, Gabriela J. Fidelis Ducerxi, Giovanna Paula S. Marques, Hellen de S. G. Moreira, Igor Ricardo P. Sartori, Letícia Y. Fukuda, Luís Phelipe de O. Esteves, Mariana Coelho, Naíma D'Auria Rocha, Rafael Paulo de Almeida, Renan V. Grande, Renata Proença T. Gomes, Samuel Oliveira dos Santos.

CATUNGALÁ! COMO ASSIM?

Quarteto – Profs. Daniela Bozzo, Andréa Fraga, Maria Sílvia e Berenice Almeida.
Alunos: Ana Beatriz V. D. de Moraes, Arthur S. Ferragini, Beatriz F. Martinez, Caíque de S. Ferreira, Douglas F. Gonçalves, Felipe B. G. de Almeida, Gabriela L. Teixeira, Guilherme de F. Pinto, Helen O. da Silva, Júlia Z. Brito, Leandro L. Araújo, Lucas R. da Silva, Mariana S. Parton, Rui Silva Cardoso Junior, Sílvia Helena Ramoneda, Thalita M. de Araújo, Thiago C. Haddad, Victor R. de Oliveira, Victor E. Numa, Viviane K. Tokunaga.

O espetáculo foi filmado em vídeo

Os comentários do professor Chico Lu

(Texto transcrito a partir do manuscrito do professor)

Compartilhar leitura é, em qualquer circunstância, interessante e no nosso caso foi também prazeroso. Ir acompanhando as atrapalhadas da Alice foi servindo de alimento para nossa imaginação, e com ela dançamos, cantamos, fizemos cenas, pintamos.

Na montagem do espetáculo, nos tentamos juntar tudo isto. Portanto, fomos montando cenas, o túnel nos impressionou bastante e é com ele que começamos a peça. Caímos em um lugar muito estranho, onde as formas, as pessoas mudam de tamanho.

Resolvemos que o Coelho introduziria a história ao som de um tema tocado ao piano. Após nos recuperarmos da queda cada um tem sua fala, de acordo com algum personagem do livro, frases essas escolhidas do texto de Alice.

Várias Alices, dialogam com outros personagens como o Coelho, o Gato sorridente, Chapeleiro, Três de Copas, Rei de Ouro.

Após esses encontros INUSITADOS, cantamos uma canção que escolhemos, e que tem tudo a ver com a Alice, pois, fala das mudanças “Como uma onda no mar”. Ah! Tudo isso depois de cruzarmos o portal que nos transporta para sonhos, realidades, cenas, felicidade.

E o mais importante, como na leitura, foi que pudemos compartilhar nossas idéias e entendimento sobre a história.

O ponto de vista das crianças.

(Texto escaneado dos manuscritos originais de algumas crianças)

Alice

EU achei que a HISTÓRIA QUE A PROFESSORA ~~CONTOU~~
 CONTOU FOI muito LEGAL, PORQUE QUANDO EU ASSISTI NA TV
 FOI muito chato, ^{mas} ME DEU UMA VISÃO DIFERENTE DA HISTÓRIA
 SENDO MUITO MAIS DIVERTIDO E LEGAL

Alice 10 anos do Trabalho

Este trabalho foi um trabalho demais, primeiro ler um livro antigo, depois
 um mais atual, daí começamos a montar uma peça sobre a Alice.
 Depois de tanto em conta as ilustrações dos livros que eram muito diferen-
 tes.
 Depois daí fizemos coreografia de dança, um curta teatro e para
 finalizar uma música, tudo sobre isso.
 Na peça todos as meninas são Alice e os meninos são um
 tem seu próprio papel.
 Eu contaceiro mais com o cabelo e como 3 de espas.
 Eu gostei muito de fazer, fizemos vários ensaios com pessoas de outras
 idades nos assistindo.
 Na primeira eu estava super insegura, mas quando fizemos
 a segunda eu já estava preparada, como dizem:
 "Com vontade, ensaio e Tempo sempre melhoramos a cada
 minuto"

VÍVICIUS

EU ACHEI MUITO LEGAL A HISTÓRIA DA ALICE GOSTEI DO REI E DA RAÍNA, de fazer um jornal de tabac e a parte mais legal do jornal que é o rei e a rainha fazem aquela confusão toda. eu também gostei da parte do túnel e da onde que roba e derre!! chrisa eu gostei da história porque é o alho e rato!! da aquela enxada gostei de falar e do rato!! e bom quando a rainha to lucraco

Como rei ensinar a história de Alice?

Por história é interessante e acho que o público gostava de ouvir um pouco na Maionese. Essa peça não foi difícil de modificar e ela acabou ficando muito boa. Os ~~professores~~ graças alguns dos novos ensaios para que pararam com, onde podemos melhorar os ensaios para a aula inteira de quinta, só sobram uns dez, vinte minutos. ~~Os alunos~~ são peça e ~~os alunos~~ não fazem de tudo para que ela seja ótima. Eu sou o cacho e acho ela muito interessante. Licho que ele é grande, não igual ao gato, inicialmente, atarado (Ha! Ha! Ha!), rolar e um pouco rido e mandado. (Eu sou um ótimo personagem para mim)

Alice no País das Maravilhas

Eu gostei muito da estória da Alice.

A estória de vez em quando é meio com furo de entender algumas coisas.

A peça que estamos fazendo ^{parece} é um resumo da estória da Alice.

Para parecer com a estória que estamos fazendo iria ficar legal se uma Alice corre para um lado em seguida uma corvo para o outro.

⊕ No começo da nossa peça o Coelho quando termina de falar com os ratos ^{parece} ~~volta~~ que ele volta ~~ao~~ tempo quando ele era um jovem coelho.

DISCUSSÃO

Encarando a cultura pelo prisma de quem consome, a sociedade de consumo esconde e ignora os que produzem a cultura. Essa produção traz consigo séculos de conhecimento, práticas, valores, símbolos que pedem a cada um a paciência da iniciação, da formação e da criação.

Marilena Chauí

Eu tinha um projeto. Encontrei em meus colegas e nas crianças e suas famílias a oportunidade de compartilhar idéias, sonhos, conhecimentos, saberes e fazeres. As histórias de nosso dia a dia, as histórias de cada um, as histórias dos livros, nossas conversas, nossas produções, anotações e observações, o lugar de cada um, foi entremeando a tessitura de muitas aventuras.

O grupo “Casinhas de Alice” foi um privilégio que nem sempre acontece, as crianças tranquilamente foram trazendo suas preferências, criaram a história de *um menininho que já não atropela tanto os outros*, e eu em contraponto trago o Rói Rói e suas bravezas e reclamações, chamam pelo feminino – a mãe não aparece e a filhinha dele de cinco anos que chegou ameaçando a todos, porque queria namorar o Tigre, não conseguiu, mas ficaram amigos.

E as crianças perguntam :

— *Onde está a mãe?*

— *O banheiro é dos meninos ou das meninas?*

Separamo-nos por um maior período do que o esperado e ao voltarem ficavam próximos das professoras, depois de serem acolhidos em dois encontros já podiam correr à nossa frente e ser encontrados.

Não são repreendidos pela ação, são vistos e compreendidos pela Daniela e por mim. Estavam escondidos, foram encontrados, quiseram nos surpreender e nós nos deixamos ser surpreendidas.

Da escuta atenta e encantada, aos poucos as crianças fizeram perguntas durante a leitura de *Alice no País das Maravilhas*, davam suas opiniões e solicitavam o livro para ser manuseado, para observarem com seus próprios olhos e sua leitura *o que estava acontecendo*. Escutavam e criavam suas *esculturas* ao mesmo tempo.

As crianças trabalharam com massa de modelar, se defrontaram com as dificuldades diante do material escolhido e entre eles mesmos encontraram soluções até *para grudar a cabeça do coelho*. As professoras estavam presentes garantindo a possibilidade até mesmo de um simples palito, que uniu cabeça e corpo. Da possibilidade de integrar a produção plástica caminharam em direção a um espaço rumo à integração dentro de si mesmos.

Estivemos presentes com nossas histórias, nossa experiência e continência, com nosso olhar atento que permitia, entre nós mesmas, uma comunicação sem palavras para tomar decisões ou brincar. As crianças foram vistas e pela confiança e acolhimento rumaram na conquista da autonomia, demonstraram suas inseguranças, se defrontaram com a realidade, com a separação. Demonstraram seu desinteresse pelo capítulo cheio de lógicas ilógicas, mas suportaram ouvi-lo até o fim.

No dia em que a chamada não foi feita, a criança diz na roda de fechamento que *a chamada que a gente sempre faz* foi do que ela mais gostou. Nossa empolgação com a surpresa das mães alterou a rotina. Não uma rotina

para aprisionar, mas a rotina que garante a confiança de que estamos lá esperando por elas, com a sala preparada para recebê-las.

No elaborar este trabalho, entendo que esta observação pontuou um espaço que garantiu a integração masculino e feminino, a continuidade de ser e fazer, que teve começo, meio e fim a cada dia e no decorrer do processo até que pudemos habitar as Casinhas de Alice.

Num tempo e num espaço de iniciação artística puderam crescer e com Alice entrar em suas casinhas - corpo e mãe, saíram do espaço protegido de nossa sala e organizaram uma exposição no saguão da escola.

As casinhas que as mães fizeram foram o espaço que abrigou o fazer de cada um, a autoria e as histórias esculpidas por um longo tempo. Longa também era a história de Alice, como longa é a marcha nas muitas aventuras de ser no mundo.

A visão das mães:

— *Eu acho que ela mudou, conta mais, conta muita história para as primas e bonecas. Se desinibiu. Participou da gincana na Igreja, e da Agostinha. Recorta papel o tempo todo. Quando chega aqui fala para mim: “pode sair”. Está mais segura.*

— *Ele faz colocações dele. Não comentou sobre os instrumentos. Ele gosta de vir. Está empolgado. Ele mesmo escolhe o lanche para vir. De expressão, cada vez veio amadurecendo a expressão corporal, representações, teatro. Não é só verbal, desenvolveu bastante o movimento.*

— *Falou muito da Alice, contou para as primas, fala pelos cotovelos. Conta o que fez, o que gostou, e o que não gostou. Quando chega faz tudo com as irmãs. Quase não desenhava, agora desenha muito. Gosta de dançar. Dança um*

samba em casa! Na Igreja também, o pessoal até fala. Teve um show lá, e ela sabia o nome de todos os instrumentos.

Como assinalou Winnicott (1989), é saudável *ter seis anos aos seis anos e dez anos aos dez anos* (p:19).

Alice, Alice, Alice... - o grupo de 9/10 anos tinha suas características peculiares e nem sempre foi fácil atender ao ritmo e às necessidades de cada um e imprimir uma dinâmica que atendesse a todos como grupo. Tínhamos a experiência do ano anterior, um projeto e em quatro encontros tudo foi interrompido, não estava ao nosso alcance decidir.

O trabalho com as histórias dos nomes de cada um, descobrir como sou, identidade, foram formas de conhecimento de si e do outro, de um conhecimento e de um acontecer no mundo que começa mesmo antes de nosso nascimento. O respeito que caracterizou os encontros deste grupo e o entusiasmo dos professores com histórias me dão agora a liberdade de contar esta história-tese.

As ressonâncias de nosso breve primeiro semestre nos tranquilizaram diante da ansiedade na expectativa da volta das crianças.

Tínhamos nos defrontado com o real, mas o espaço de ilusão e pertencimento estava dado. A desilusão aconteceu, enfrentamos o real e puderam voltar, e foi uma surpresa - todos voltaram como se nos tivéssemos visto na semana anterior. Chegaram com seus pais, nos cumprimentaram, guardaram seus pertences, conversaram um pouco entre si e vieram para a roda de chegada.

Escolheram a história de Alice no País da Maravilhas entre duas apresentadas, puderam discriminar as diferenças das duas versões e a criança que tinha uma escolha diferente aceitou a decisão dos colegas, mas deixou claro

os motivos de sua escolha. E quando *Chronos*, o Deus do Tempo, nos impôs suas regras, mudamos nossa leitura para uma versão mais reduzida. O que não impediu que se mobilizassem para individualmente terminar a leitura da tradução de Monteiro Lobato de 1931.

Todas as meninas quiseram ser Alice, e cada Alice encontrou sua identidade e seu lugar no palco.

Os meninos distribuíram entre si os papéis dos animais, do Chapeleiro Maluco e do Coelho Branco.

Decidiram o roteiro, ensaiaram muito e a apresentação foi muito aplaudida.

No espaço do imaginário, constituímos nossa subjetividade e nossas histórias, assim como as histórias dos livros se encontram nesse espaço e nos preparam para dar conta da própria realidade.

Nessa interface é a psicanálise que vai à escola?

Com este trabalho procuro dar uma contribuição para a prática educacional através de um diálogo com a psicanálise, na busca de um olhar autêntico e sensível, um estudo reflexivo que tem como referência o conceito de espaço potencial de Winnicott.

Com os procedimentos e resultados aqui apresentados espero ampliar a discussão sobre o desenvolvimento infantil a partir da experiência cultural que transita entre o desenvolvimento da subjetividade e a recriação constante da cultura herdada.

Espero com esta pesquisa trazer elementos que contribuam para a promoção deste encontro trazendo a psicanálise para a escola, dialogando e contribuindo para um enriquecimento e ampliação do espaço do imaginário, do brincar, do prazer na conquista de novos conhecimentos e dos inter-relacionamentos entre os diferentes segmentos envolvidos.

Para Winnicott (1989), o conceito de saúde está associado à possibilidade de ensinar algo para a criança.

O espaço físico traduziu idéias e relações dentro da EMIA e acerca dela. Com ele estabelecemos um diálogo através do mobiliário e sua disposição, das imagens nas paredes, dos materiais disponíveis e como os dispomos. Dialogamos ainda com sua estética visual, olfativa, tátil, auditiva. São nossas marcas no cotidiano e que fazem nossa história como participantes.

O espaço potencial como sonho que acontece num corpo humano se constituiu numa comunicação entre o de dentro e o de fora, entre o mundo interno e o mundo compartilhado,

Do ponto de vista fenomenológico

o espaço se mostra, pois, como uma delimitação que estabelece possibilidades de comunicação com novas relações ou inclusões na área de significações de cada ser individualmente e de diferentes seres humanos, através da intersubjetividade, propiciando assim condições para que transformações e mudanças se façam ao nível do individual e da coletividade. (Espósito, 1993, p. 106).

O estudo meticuloso do material coletado contempla quanto aos possíveis desdobramentos nos diferentes momentos de reflexão, quanto à pertinência ou não de criarmos uma zona de transicionalidade no trabalho institucional com crianças através de histórias, transformações percebidas no desenvolvimento da singularidade e subjetividade dos protagonistas e sua contribuição para que pais e professores possam relacionar-se de forma sensível com seus filhos e alunos, ao compartilhar com eles a experiência cultural, acredito na capacidade humana de criar e brincar.

Uma forma de investigação de caráter científico, que aconteceu na própria instituição freqüentada pelas crianças envolvidas, foi acompanhada pela reflexão e pela interlocução com o pensamento de Winnicott.

Os estudos de Winnicott responderam à complexidade do tema, pois este autor refletiu sobre as influências do ambiente no desenvolvimento humano, investigando as funções que possibilitam a constituição e o desenvolvimento do psiquismo. Suas investigações incluem a análise das relações intersubjetivas na família e na escola, além de contribuírem para ampliar a discussão sobre a cultura e o conhecimento.

A visão das famílias das crianças de 9/10 anos sobre o valor das histórias: depoimentos gravados e transcritos com a anuência dos pais durante a Reunião de Pais do grupo de 9/10 anos, do segundo semestre.

Chico Lu: *Quería saber de vocês, se quando vocês eram pequenos vocês ouviam histórias e de quem vocês ouviam histórias?*

Iara: *A minha avó contava histórias. A história não precisa ser “João e Maria”, a vida deles já era história. A minha avó era professora, e ela pegava canoa para ir para Cananéia lecionar. Eu era pequena e eu me lembro da minha avó pegando a canoa para ir dar aula. Eu tinha cinco irmãos que nasceram antes de mim. O pai da minha mãe era indo catequizado. E ele fumava o cigarro de palha e contava muita história pra gente. Eu lembro dele lá sentadinho fumando o cigarro de palha e eu ficava longe porque eu não suportava o cheiro, e ele era mágico. Ele fazia as mágicas e contava... a gente sentava em volta dele, ficava brincando e fazendo argila e ele contava, e era muito gostoso.*

Chico Lu : *Engraçado que ela falou da avó, mas sua mãe não contava, seu pai?*

Fátima: *A minha mãe e meu pai contavam assim, histórias da vida deles. Eles eram de Portugal. Meu pai contava muita história, bem assim história de interior, de menino.*

Chico Lu *Você lembra de alguma?*

Fátima: *Era tanta coisa, era tanta riqueza das histórias, hoje eu fico pensando, meu pai já morreu, e eu gostaria de ter escrito todas as histórias que ele contava. Nossa meu pai era o maior contador de histórias, ele adorava contar histórias. Meus pais tinham uma quitanda. Agora eu lembro só trechos, eu não consigo formar uma história inteira.*

Cheng: *Geralmente o pessoal do interior é que gosta dessa prosa, batendo papo. E às vezes também história é daquela tradição, ouviu dos antigos e vai passando.*

Márcia Laguna: *Quem contava histórias pra você?*

Cheng: *Não, isso aqui é dos relatos que ouvia dos amigos que vieram do interior, quando eu estava na faculdade. Agora, da minha parte, meu pai nunca me contou história de brincadeira, mais da vida que ele passou. Principalmente das aventuras que ele teve na época da guerra, ele saiu da China. Ele sabia japonês, e para fugir da guerra ele teve que fazer umas peripécias para poder sobreviver, para poder se salvar. Quando o pessoal descobriu... inclusive ele teve até namorada japonesa, porque ele era chinês. Ele não tinha assim bronca, ele até cantava música japonesa. Inclusive teve família japonesa que queria adotar ele, porque ele cantava bem, tinha assim bom aspecto de ator, então o pessoal até que gostava, casal que gostava falava com o meu avô que queria adotar ele. Em geral o interior era pobre, mas ele estudava, era muito inteligente, só que não queria ficar amarrado com ninguém. E quando veio a guerra se espichou, se aventurou, até um dia que resolveu sair da China pra vim pra um outro país. Antes de vir aqui para o Brasil passou por vários países: Estados Unidos, África, até resolver se fixar aqui no Brasil.*

Márcia Laguna: *É por isso que tem aquela história do Lynkon, que tem esse nome porque a avó falou que dava sorte.*

Cheng: *Não esse Lynkon eu que dei, porque eu acho que é um nome ilustre de um presidente, então eu acho que pra você pegar um nome de uma pessoa, você tem que pegar um nome que pelo menos tenha tido algum valor no passado.*

...”E como é que ele chegou no Brasil?”

Cheng: *Ele resolveu conhecer outros países, e ele veio aqui e ficou um tempo, gostou. Naquele tempo não tinha nada de avião, avião era caríssimo né, então vinha de navio, porque a família ficou dois meses no alto mar, no navio.*

Márcia Laguna: *Com quem que ele veio?*

Cheng: *No começo ele veio com os amigos para conhecer, e depois ele achou que ele poderia desenvolver o trabalho dele, e aí ele trouxe a família.*

Márcia Laguna: *E o que ele fazia?*

Cheng: *Ele era mecânico, mas só que aqui não dava para ele trabalhar como mecânico. Então ele trabalhou como camelô. Trazia as coisas do Japão, vinha. Primeiro ele largou a família lá, aí depois que começou a ganhar dinheiro, aí ele montou um comércio.*

Márcia Laguna: *E você nasceu lá?*

Cheng: *Eu nasci lá, quando eu vim de lá eu tinha seis anos. Eu sou o mais novo.*

Chico Lu: *Viver é aquilo que a gente lembra. O que fica da vida é aquilo que a gente lembra para contar, e principalmente como contar, por isso que é bom estar resgatando a memória.*

Cheng: *Muitas vezes eu não tinha oportunidade de conversar com ele ao vivo mesmo, eu só fui conversar mesmo com ele quando ele ficou doente. Aí pra dar atenção eu sentava do lado dele, ele teve derrame, aí ele ficou paralisado, ficou na cama e ele contava histórias de tudo que ele passou. Ele viveu a vida dele, foi muita intensa. Muito mais do que amigos, que ficou assim. Trouxe os cinco filhos, sem nada e falava pra gente estudar, falava: “vocês só vão ser alguém se vocês estudarem.” E a gente foi estudando, cada um se formou. Quando a gente era pequeno ele falava: “deixa que eu trabalho, vocês estudam.” Podia contar muito mais, mas agora eu vou deixar a vez para os outros.*

Márcia Laguna: *Você disse que o seu pai contava histórias engraçadas, né?*

Maridete: *Meu pai adorava contar histórias, histórias engraçadas. Ele era o maior historiador. Inclusive ele escreveu alguns folhetos da época, escrevia muita prosa, escreveu livros de prosa.*

Chico Lu : *Você tem os livros?*

Maridete: *Quem tem é a minha irmã né, vou tentar até resgatar. Isso daí é muito antigo, ele adorava cantar as histórias dele, sempre cantarolava. Meu pai era demais, só que eu fico tentando lembrar... eu lembro de algumas coisas só...eu tava assim aqui, eu tava tentando lembrar. Até eu tava tentando lembrar como começa a história, uma que ele contava muito, até hoje a tarde vou encontrar com a minha irmã e vou perguntar para ela para ver se ela lembra.*

Márcia Laguna: *Ah, depois você vai contar...*

Maridete: *Eu sei que no meio da história ele cantava (cantando):*

*“ Oi Isabel Bolina
Guarde os teus cachorros
Que eu vou te pegar.”*

Aí a outra pessoa que hoje eu não lembro quem era falava assim:

*“Isabel está aqui?
Isabel já morreu
Isabel foi pro mato
E o bicho já comeu.”*

E eu já não lembro mais quem tava dentro, quem tava fora e como começa a história. Mas como essa história ele repetia várias vezes, ele contava várias vezes pra todas as minhas irmãs, eu vou tentar descobrir essa história pelo menos. Porque ele tem várias histórias assim, nossa. Enquanto a minha mãe batalhava muito, ele escrevia muito e cantava muito. Então eu vou tentar resgatar. Agora você falou, eu falei: “nossa”, agora você falou como o seu pai ficou doente, e aí quando ele ficou doente...ele teve um período muito grande que ele ficou de cama também né, e aí ele, nossa, ele não se abateu, ele contava história, história, história, mas pras minhas filhas já, talvez eu peça pras minhas filhas, pras filhas das minhas irmãs, talvez até elas saibam assim, porque está mais recente né.

Chico Lu: *A gente tá contando dos avós, porque agora a gente perdeu esse espaço em casa de sentar à mesa, de contar as histórias, e você vê como é importante.*

Maridete: *Agora, as minhas filhas adoram, principalmente a minha filha mais nova, ela: “Mãe, me conta a história sua e do meu pai”. A minha filha adora ouvir essas histórias. E chora no meio da história (risadas), sério.*

Márcia Laguna: *De onde vocês são?*

Maridete: *Eu sou da Bahia, meu pai também, meu pai é da Bahia. Ele escreveu vários livros de prosa também da Bahia, somos uma família baiana.*

Chico Lu : *Eu sou neto.*

Maridete: *Somos uma família muito unida.*

Ana: *Você falou e eu fiquei lembrando da minha mãe na cama, à noite, contando história e contos mesmo. É uma lembrança muito forte que eu tenho, acho que das mais bonitas. Contos mesmo, “João e Maria”, umas que ela até inventava, alguns bichinhos assim, que a gente pedia pra contar de novo. A gente queria sempre a mesma, pedia pra contar de novo. A das Ovelhinhas, Cabritinhos acho que era, do Lobo que brinca. Era eu minha irmã e meu irmão, nós somos em três. Mas na cama mesmo. É uma das lembranças mais gostosas mesmo. Eu não sei, acho que era um dom que ela tinha.*

...” Hoje a vida é tão corrida né, a gente não tem mais aquele tempo pra imaginação..”

Cheng: *Falando em contar história, agora eu me lembrei que quando os meus filhos eram pequenos iam me perturba pra contar história. E como na minha cabeça eu conhecia mas não sabia como expressar, então que é que eu fiz, eu comecei a inventar um super heróis e fiquei falando, falando... tudo que vinha na minha cabeça. Eu li muitos clássicos, mas não dava pra relatar (...), toda a noite tinha que inventar uma nova. Aí logo eu me lembrei, meu pai não inventava, ele*

contava da vida dele. E eu não tenho ainda vida pra ficar falando, mas eles queriam mais é fantasia.

Márcia Laguna: E tinha um nome esse personagem?

Cheng: *Eram super-heróis. As crianças gostam mais de coisas fantasiosas, da imaginação. Você vai inventando o que quiser. Eles gostavam.*

...mas eles gostam quando a gente conta coisas de quando a gente era pequeno, a gente colocava duas latas de Leite Ninho, colocava um cordão, ficava andando. Vocês querem voltar no tempo? Vai na feira de quinquilharias que tem na Liberdade, perto ali da avenida Paulista quando você entra, na Bela Vista. De domingo, tem uma feira de quinquilharias, tem brinquedos da época, aqueles piãozão, olha você fica assim!

Maridete: *As minhas filhas são assim, vêem um lançamento na tv, elas querem. É laptop da Xuxa, quando lança elas querem aquele! Aí eu e o pai delas a gente acaba comprando. Aí eu falo pra elas, toda vez que eu vejo uma boneca jogada pra lá aí eu falo: olha, a mamãe brincava com sabugo de milho! Minhas bonecas eram de sabugo de milho. Aí colocava o cabelinho do milho, a roupa do milho mesmo. Aí eu falo pra elas, até um dez anos quando eu vim de lá, minhas bonecas eram essas. Uma boneca de pano, nossa! Era o auge! Hoje elas vêem a boneca de pano e falam: “aí”, porque vocês tem outras. Não era a época que tinha o sabugo. Eu só tinha boneca de pano, e via todo mundo com outras bonecas. Então os brinquedos anteriores...hoje elas acham: “nossa eu não acredito!”, quando eu conto pra elas, a mamãe já passou por muitas dificuldades, a mamãe era muito pobre, aí eu falo pra elas: tinha época que a gente dividia um ovo em quatro! Aí ela faz: “não acredito!”, então elas não acreditam nisso né, hoje tá fora da realidade. Mas eu falo pra elas: dêem valor a todos os brinquedinhos hoje que a mamãe e o papai compram, quando a mamãe não compra o papai compra, então vocês têm o que vocês querem, mas dêem valor, porque a mamãe não teve nada disso. Elas não acreditam nas coisas que eu falo, da vida real né.*

Márcia: *Minha infância foi completamente diferente. Porque não tinha tempo, nem o pai nem a mãe, muito menos pra contar histórias né. Eu acho que sou uma das mais velhas daqui. Então eu ouvia novelas de rádio, e aí é lógico né, criança não da pra tapar o ouvido. Eu escutava aquelas novelas que a minha mãe ouvia no rádio, era um drama, era um drama, muito mais que mexicano, era aquela coisa, aquele choro. Então eu como criança, eu achava que dentro do rádio tinha alguém, ou então ele deixou ela, e ela estava se derramando em prantos. Porque você é criança, você vê um rádio daquele tamanho, você pensa que ta passando dentro do rádio. Eu imaginava dentro do rádio toda aquela né... nem minha avó, nem minha mãe não queriam contar história nunca, mas eu sempre li muito, então eu tenho facilidade de contar histórias para as minhas crianças, e eles não conseguem entender que ninguém me contava. As histórias pra eles eu vou contando, vou relatando. Então quando entra o Lobo eu faço de uma maneira que eles ficam com medo. Daí eu falo: deixa que o papai conta que eu estou cansada, e eles: “ah não, conta você, papai não sabe contar direito”, e eu pergunto porque e eles respondem: “ah porque o papai não conta direito, ele só relata.” Então eles querem que eu conte, porque quando chega (...) eu falo “ai!”, sempre meio exagerado. Aí eu falo conforme o personagem. Eu gosto de contar, mas não gosto quando eles ficam: “conta de novo, conta de novo!” (...) não é a mesma coisa pra quem tá ouvindo, a criança gosta de sentir aquele “ah!” realmente o Lobo. Há tantos anos atrás eu ouvi o drama no rádio, na verdade o que mudou foi só o drama, a ação dramática...*

Verônica: *A minha infância foi bem interessante né, porque foi no interior do Ceará, um lugar completamente diferente daqui, então lá na minha família, o pessoal morava pertinho e o pessoal gostava de ir a noite um na casa do outro aí começava a contar história, tudo história fantasiosa né, a maioria das vezes era tudo fantasiosa, era história de fantasma, era história de Rei e Rainha, tudo quanto era tipo de história aparecia né. E o pessoal se empolgava né com a história, aí vira e mexe também aparecia a história dos fantasmas, e tinha muito aquela história de: ai, fulano tá vendo fantasma, então é muito interessante isso, o pessoal começa a acreditar sabe, e começa tipo assim, se é num lugar que o pessoal fala que tem fantasma ali, o pessoal começa a evitar. (...) Então, aí teve um vez que foi super engraçado: no encontro de duas estradas tava aparecendo*

um fantasma e eu sempre ia, eu estava estudando na cidade e sempre que ia na casa dos meus pais passava nessa estrada. Um belo dia, de madrugada, no escuro mesmo, e eu vi um negócio branco voando. E eu falei: hoje eu vou ver fantasma! E conforme eu ia andando parecia que ele tava criando asinha sabe, quando eu fui chegando assim bem perto, bem perto mesmo, já tava quase paralelo... era um senhor de cor. É que tava escuro, ele era escuro, e eu só via o lençol branco rodando porque ele ia apanhar cana nas roças lá perto né. Então esse era o fantasma, se eu estivesse com medo eu ia confirmar pras pessoas que tinha visto um fantasma. Tinha muito dessas histórias de fantasia, tinha histórias mesmo de família, das pessoas. Então dessa forma teve uma parte da minha infância que foi muito boa. Pra você ter uma idéia, teve uma época que eu fui lá e eu tinha levado fotos de artistas daqui, e a minha prima falou: “ai esse homem existe mesmo?”, a criatividade da pureza e da inocência né. Então quer dizer, é uma coisa bem primitiva, diferente, bem inocente. É história que quando começa a contar, começa a contagiar, está assim aquele grupo, começa a contar...

Márcia Laguna: *Você conta pro Vinícius?*

Verônica: *Algumas coisas sim, quando vai entrando no assunto, não muito né, porque aqui a gente leva uma vida diferente, mais corrida. Mas quando vai entrando no assunto eu vou contando. Acho que ele gosta mesmo é de ver a televisão, já percebi isso.*

...Se não desligar a televisão não converso com o marido, os filhos não falam com a gente. Um quer ver a novela, a criança quer ver o desenho. Aí eu falo: se não desligarem eu vou quebrar! A gente não conversa mais em casa!

...Se você começar a contar, você vai ver o nível de relaxamento.

Verônica: *Eu lembro do título de algumas histórias. Era “A Aranha e o Reumatismo”, “A Morte e a Ambição” sabe? Tinha casa coisa assim, e a história*

vai. E é muito engraçado, porque faz sentido. Tinha uma história do Rei também, e contavam muita história de Rei, disse que o... só se você pegar uma onça. Quando é daqui a poço lá vem ele. Aí a onça pula dentro de casa e o Rei: "Socorro! Socorro!", a onça eu já trouxe, agora você pega. Isso parece piada.

Márcia: *E o senhor lembra de alguma história?*

João Geraldo: *Assim de lembrança de não, as pessoas assim da minha infância né, as pessoas da época, sempre tinham histórias. Eu sou do estado de São Paulo, Mococa. Geralmente era sempre fantasma né, mula sem cabeça, assombração, naquele tempo quase não tinha assim esse desenvolvimento de hoje, então a gente andava muito em lugar ermo, aquelas histórias faziam com que a gente se recolhesse dentro de casa. Porta de cemitério também, nossa passava pelo cemitério da Lapa e tinha um medo danado.*

Cheng: *Na cidade a criança já fica assim, já quer questionar.*

Maridete: *Geralmente são lugares que tem menos claridade, mais interior né. Pouco movimento, muitas estradas. E aí tudo aquilo contribui para a história.*

Thelma: *E você conta pro Guilherme essas histórias?*

João Geraldo: *Fazia da infância uma parte da vida muito boa. Eu praticamente não conto, mas meus filhos ficam perguntando. É mais a mãe dele que tem mais facilidade pra contar histórias, é bem mais nova que eu, então ela conta muito. Às vezes eu procuro lembrar alguma coisa do meu avô, do meu pai, que eles contavam de história.*

Vera: *Estava super mal de saúde, mas não quis faltar. Estava chorando muito e não contou nada. Porque é muito presente achou que não podia faltar na reunião de pais.*

Neste caso, as histórias se mostraram facilitadoras dessas relações e interrelações nesta empreitada, uma experiência que esperamos possa ser replicada em outros espaços e instituições.

Mesmo considerando as diferentes posições com relação ao diálogo psicanálise/educação e os embates que tal interlocução envolve, espero que, tenha sido possível alcançarmos o baú de fantasias das histórias e na companhia de *Alice* tenhamos mergulhado no mundo do imaginário em perigosas aventuras pelo País das Maravilhas. E, que ao acordar, tenhamos contribuído para novas visões, conhecimentos e transformações na escola e na clínica.

A história é em duas partes, a primeira era assim: A Alice estava junto com os amiguinhos dela, aí ela ficou baixinha, e aí todos aqueles animais, os amigos, foram junto.

Depois a outra parte era assim: a Alice jogando croqué junto com a Rainha. Aí depois eu vi a Alice encontrando o coelho. Só. (Lucas O., 7 anos).

Sabe aquela casa que estava toda bagunçada, que eles jogaram faca e tudo mais?

Aí ela correu, a Alice correu e saiu um porquinho bebê e depois ela encontrou uma casa na árvore e estava chovendo. Estava chovendo, e aí ficou o arco-íris. (Pedro, 6 anos).

O porco, aquela parte que o Nenê virou porco, aquela parte que a lagarta está sentada em cima de uma pedra.

Lembra daquela parte que teve uma confusão e tinha um cachorro? E a Rainha quando ela disse: 'Cortem a cabeça!'. (Lucas S., 7 anos).

A Alice estava brincando com o animais, e viu um coelho correndo, e correu atrás dele. E ela viu numa mesa uma chave. Ela tentou pegar a chave, mas não conseguiu. E depois ela foi parar na casa de uma Rainha. A Rainha viu ela e falou: “Como você ousa entrar no meu castelo?”.

E depois que ela se acalmou pediu para a Alice jogar croqué com ela. Aí acabou. (Maria Carolina, 7 anos).

*E assim cresceu este País
Das Maravilhas. Uma a uma
Surgiram as suas aventuras.
Está pronta, sem falha alguma
A história. Voltemos lépidos
Antes que o sol da tarde suma.*

*Alice! Recebe esta história
E com mãos gentis deposita
Lá longe, onde os sonhos da infância
Se confundem com lembranças idas,
Tal guirlanda de flores murchas
Em distante terra colhidas.*

Lewis Carrol

Tradução de Sebastião Uchoa Leite

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mistério não constitui uma realidade que se opõe ao conhecimento. Pertence ao mistério ser conhecido. Mas pertence também ao mistério continuar mistério no conhecimento.

Leonardo Boff

Einstein nos ensinou que uma das coisas mais belas que o homem pode experimentar é o misterioso e que esta é a emoção fundamental para a arte e a ciência.

Na tarefa de aprender ou apreender a realidade, precisamos transitar pelos caminhos da imaginação, da ilusão, da desilusão, do conflito, do repouso e da criação. Sempre haverá algo que nos escapa, que poderemos conhecer mais e melhor. A sensibilidade da busca nos dá a humildade de aprender.

Para assinalar os aspectos conclusivos deste trabalho, o espaço potencial através de histórias, neste caso, de Alice no País das Maravilhas promoveu a criatividade e o viver saudável, envolveu as crianças, os pais e os professores.

Um conjunto de variáveis proporcionado no espaço da Escola Municipal de Iniciação Artística – EMIA se configurou, um espaço potencial caracterizado pelo processo vivenciado e pela rica produção na finalização dos trabalhos de dois grupos de idades diferentes e que tiveram como tema central a mesma história, a história de Alice no País das Maravilhas.

O *pano de fundo*, ou melhor, procedimentos e atividades diferentes e um mesmo projeto. Para cada idade um produto final, “Casinhas de Alice” e o espetáculo “Alice, Alice, Alice...” A mesma disponibilidade das famílias das

crianças. O mesmo amor pelas histórias, pelos livros e pelo trabalho artístico com crianças por parte dos professores.

Este estudo contempla apenas crianças de seis anos e nove e dez anos seria oportuno que mais pesquisas pudessem abordar outras faixas etárias, o que enriqueceria muito os conhecimentos nesta área. Os motivos que mobilizam os pais a matricularem seus filhos na EMIA e o valor que dão ao trabalho neste espaço de iniciação artística é outra indicação para novas pesquisas nesta interface psicanálise e educação.

Cientes das limitações desta pesquisa sugerimos que outras investigações sejam feitas a respeito.

Assim, uma vez mais as histórias, e em especial a História de Alice no País das Maravilhas e seus personagens compõem um conjunto de elementos que contemplam o espaço potencial como colocado por Winnicott na conquista do desenvolvimento, da autonomia e da possibilidade da aparição criativa.

Muitas foram as conquistas e muitos os desafios nestas aventuras “emianas” pelo País das Maravilhas, Lewis Carrol nos acompanhou e para terminar retomemos algumas *Regras e Restrições* ensinadas por ele e que talvez não tenham ficado devidamente esclarecidas no texto desta tese:

*Don't enter the water
Till to swim you are able.
Sit close to the table.
Take care of a candle.
Shut a door by the handle,
Don't push with your shoulder
Until you are older.
Lose not a button, Refuse cold mutton.
Starve your canaries.
Believe in fairies.
If you are able,
Don't have a stable
With any mangers.
Be rude to strangers.
OU
... só entre na água
se souber nadar.
Comporte-se ao jantar:
Não coma a vela acesa.
Feche com firmeza
O trinco da cancela
Sem dar um chute nela.
Fale sem restrições
Com os seus botões.
Mande o canário às favas.
Acredite em fadas.
Trate com jeito
Os amigos do peito...*

Lewis Carrol

Trad. José Paulo Paes

***Entrou por uma porta e saiu pela outra,
quem quiser que conte outra.***

REFERÊNCIAS

ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott: Dicionário de palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Trad. Marcelo Del Grande da Silva, Rio de Janeiro, Revinter, p. 253, 2000.

ALVES, R. *A alegria de ensinar*. 4ª Ed. Campinas, SP, Papyrus, p. 27-28, 2000.

ANTUNES, A. *Nome: um projeto Multimídia*. São Paulo, Cosac & Naif/Artnix Studios, 1993.

ARIÈS, P. (1975) *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman, 2ª Ed. Rio de Janeiro, LTC Editora, 1981.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª Ed. São Paulo, Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; V 1).

BETTELHEIM, B. (1903-1990) *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlene Caetano, 8ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, p.27-28, 1980.

BIRMAN, J. *Psicanálise, ciência e cultura*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. p.11, 1994.

BLEGER, J. *Psico-higiene e psicologia institucional*. Trad. Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BUENO, E.R. A. *Fenomenologia: a volta às coisas mesmas*. In PEIXOTO, A.J. Org. Interações entre fenomenologia & educação, Campinas-SP, Editora Alínea, 2003.

CARROLL, L. *Alice no país das maravilhas* Trad. Monteiro Lobato, publicada pela primeira vez em 1931; o volume que utilizamos era da 12ª edição, p.11-14, 1969.

CARROLL, L. *Aventuras de Alice*. Trad e org. Sebastião Uchoa Leite, 3ª Ed. São Paulo, Summus, 1980.

CASTRO, R. *Alice no País das Maravilhas: uma história de Lewis Carrol*. 4ª Ed., São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1992.

CARROLL, L. *Rimas, do País das Maravilhas*. Trad. José Paulo Paes, 5ª Ed., São Paulo, Editora Ática, 1996.

CARROLL, L. *Alice: edição comentada*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.

COELHO JUNIOR, N.E., CARMO, P.S.do. *Merleau Ponty filosofia como corpo e existência*. São Paulo, Editora Escuta, Col. Ensaios: Filosofia. p.16 e 28, 1991.

DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes, 4ª Ed., São Paulo, Perspectiva, 2003.

GILLIG, J. M. *O conto na psicopedagogia*. Trad. Vanise Dresch, Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1999.

DE SOUZA, M.T.C.C. *Versões de um conto de fadas em crianças de 9 a 11 anos: aspectos afetivos e cognitivos*. 1990 253f. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1990.

DE SOUZA, M.T.C.C. Valorizações afetivas nas representações de contos de fadas: um olhar piagetiano. In *Boletim de Psicologia*, nº 123, vol. LV, 2005, p.205-232.

DIAS, M.C.M. *O direito da criança e do educador à alegria cultural*. In DIAS, M.C.M. e NICOLAU, M.L.M. (orgs). *Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância*. Campinas, SP, Papirus, completar a referência 2003.

ESPÓSITO, V.H.C. *A escola: um enfoque fenomenológico*. São Paulo, Editora Escuta, Col. Plethos, 1993.

GILLIG, J.M. *O conto na psicopedagogia*. Trad. Vanise Drsch. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 1999.

GRAÑA, R. B. *Os objetos da cultura*. in OUTEIRAL, J. & GRAÑA, R. Donald W. Winnicott estudos. Porto Alegre, Artes Médicas, p.92, 1991.

GRAÑA, R. B. Donald W. Winnicott e Maurice Merleau-Ponty: pensando a psicanálise sob o signo da fenomenologia. In Lendo Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 36 (4): 929-947, 2002

GREENACRE, P. *Swift and Carrol: a psychoanalytic study of two lives*. 3rd Ed., New York -USA, International Universities Press, Inc., 1977.

HISADA, S. *A utilização das histórias no processo psicoterápico: uma proposta Winnicottiana*. Rio de Janeiro, Revinter, p.81-82, 1998.

HISADA, S. *Clínica do setting em Winnicott*. Rio de Janeiro, Revinter, 2002.

HORTÉLIO, L. *Abre a roda Tin Do Lê Lê*. (CD), São Paulo, Brincante Produções Artísticas Ltda. s/d.

LISPECTOR, C. *O mistério do coelho pensante*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

MACEDO, L. de. *Ensaio Construtivistas*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

MARTINS, J. *A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básicos*. São Paulo, Editora Moraes/EDUC, 1989.

MELLO FILHO, J. de. *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. São Paulo, Casa do Psicólogo, p.33, 2001.

MOTTA, I. F. da. *Orientação de Pais: novas perspectivas no desenvolvimento de crianças e adolescentes*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2006. Col. Prevenção e Psicoterapia).

PROCHET, N. *Tempo de criação: perspectivas temporais na clínica winnicottiana*. 188f. 2000. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2000.

RADINO, G. *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo, Casa do Psicólogo, p.93, 2003.

RODARI, G. *Alice viaja nas Histórias*. Trad. Silvana Cobucci Leite e Denise Mattos Marino. São Paulo, Biruta, 2007.

RODMAN, F. R. *O gesto espontâneo*. In MOTTA, I,F Org.; *Psicanálise no século XXI: as conferências brasileiras de Robert Rodman*. Aparecida, São Paulo, Idéias e Letras, (Coleção Psi-atualidades), 2006.

RONCADA, A. M. de G. e A. *Contando e desenhando histórias... Ouvindo o gênero*. São Paulo, Editora Hepsykhe, p.24, 2007.

SAFRA, G. *Método de consulta terapêutica através do uso de estórias infantis*. 1984 104f. Dissertação (Mestre em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1984.

SAFRA, G. *Experiência estética na constituição da transicionalidade*. In CATAFESTA, I. F. M (Org.); D. W. Winnicott na Universidade de São Paulo, Depto de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Cidade Universitária, São Paulo, p.151,1996.

SAFRA, G. *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo, Unimarco, 1999.

SAFRA,G. *Curando com histórias: a inclusão dos pais na consulta terapêutica da criança*. São Paulo, Edições Sobornost, Coleção Pensamento Clínico de Gilberto Safra)., 2005.

SINATTOLLI, S. *Era uma vez... na entrevista devolutiva*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008.

WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1971 e 1975.

WINNICOTT, D.W. *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil: D. W. Winnicott*. Trad. Joseti Marques Xisto Cunha. Rio de Janeiro, Imago, 1984.

WINNICOTT, D.W. *Privação e delinquência*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

WINNICOTT, D.W. *Os bebês e suas mães*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

WINNICOTT, D.W. *Tudo começa em casa*. São Paulo, Martins Fontes, p.24 ,1989 (Coleção Psicologia e Pedagogia).

WINNICOTT, D.W. *A família e o desenvolvimento individual*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla, 3ª Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

ZIRALDO. *Pelegrino e Petrônio*. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1983. Coleção Corpim.